

Mesa farta em casa pobre Os vampiros da economia

Que razões para lucros tão gordos, sabendo-se de ciência certa, que nos bancos não se cria riqueza, e que, tanto quanto se sabe, não há nos bancos máquinas de fazer moeda nem minas de ouro!



Agostinho Lopes Pág. 21

Demanda em Cuba contra os EUA (4)

As actividades do CORU, organização que sob a batuta da CIA unificou os grupos terroristas dedicados às agressões contra a Revolução cubana, não terminaram com a prisão dos operacionais que fizeram explodir em pleno voo o avião civil das linhas aéreas cubanas, de que se deu conta na edição da semana passada. A lista das suas acções é longa e sangrenta, como revela a continuação da Demanda contra os EUA.

Anabela Fino Pág. 23

No rescaldo da greve dos camionistas Uma troika de direita governa o Brasil

Miguel U. Rodrigues Pág. 25

Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

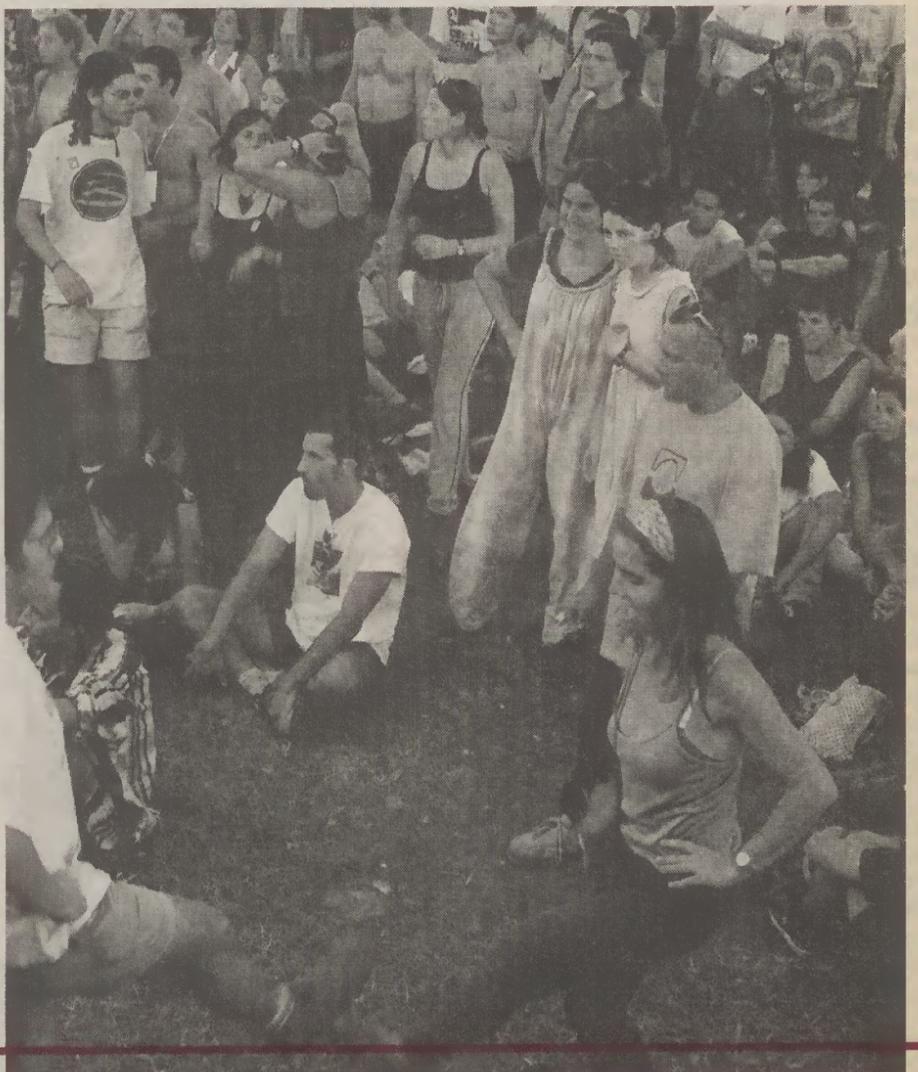
Semanário • ISSN 0870-1865 • 19 de Agosto de 1999 • Preço: 180\$00 (IVA incluído) • N.º 1342 • Director: José Casanova

As contas também mostram

Partidos não são todos iguais

O Acórdão do Tribunal Constitucional, referente às Contas de 1997 dos principais partidos, tem sido servido a muitos órgãos de comunicação social para tentar diluir as diferenças reais que existem entre o PCP e os restantes grandes partidos. Manobra que a leitura objectiva dos factos se encarrega de desmontar, mostrando que o PCP é um partido diferente, que não pode ser metido no mesmo saco. Pág. 5

Só faltam duas semanas Construir Vender a EP Divulgar a Festa!





Carvalhas com os pescadores, em Sines

RESUMO

11
Quarta-feira

Milhares de portugueses e europeus contemplam o céu para assistirem ao que será o último eclipse do milénio ■ As forças paquistanesas disparam sobre helicópteros indianos numa zona fronteiriça entre os dois países ■ A China coloca as suas forças navais e aéreas no estreito de Taiwan em posição de combate, numa tentativa de dissuasão dos intuítos separatistas da região ■ As forças russas garantem que os rebeldes islamitas no Daguestão estão cercados e que a operação deverá terminar nos próximos dias ■ O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados denuncia a existência de grupos que estão a expulsar toda a população sérvia de Pristina.

12
Quinta-feira

A CDU de Sintra acusa o Governo de não cumprir as promessas de recuperação dos monumentos situados no Parque Natural Sintra-Cascais ■ O PCP minimiza as insuficiências apontadas ao partido pelo acórdão do Tribunal Constitucional que afirma que nenhum dos 14 partidos políticos portugueses cumpriu a lei no que diz respeito às suas contas ■ Os capitães de Abril, personalidades da vida política e social e muitos amigos acompanham à última morada o tenente-coronel Melo Antunes, falecido na passada terça-feira ■ O ministro da Defesa indonésio garante que a Indonésia vai continuar a assegurar a segurança em Timor após o referendo, mesmo que a população se manifeste contra a autonomia ■ O primeiro-ministro paquistanês acusa a Índia de ter cometido uma agressão militar contra o seu país ao ter abatido um avião de reconhecimento na passada terça-feira, provocando a morte dos 16 militares que seguiam a bordo ■ Registam-se novos confrontos entre a Kfor e albaneses que tentavam atacar com armas automáticas e granadas a aldeia de Gomja Brinjica, a norte de Pristina, habitada maioritariamente por sérvios.

13
Sexta-feira

A Lusomundo confirma o acordo com Joe Berardo para comprar as suas participações na comunicação social, ficando deste modo com 25% da SIC, o jornal desportivo Record e ainda três revistas ■ Luís Filipe Menezes anuncia a renúncia à candidatura a deputado pelo PSD no Porto ■ As Nações Unidas dão o seu aval à criação de um conselho de acompanhamento da transição em Timor-Leste, em que terão lugar representantes do sector independentista e integracionista ■ O primeiro-ministro interino da Rússia, Vladimir Putin, anuncia o início de uma nova ofensiva militar contra os guerrilheiros islamitas no Cáucaso do Norte ■ Um grupo de guerrilheiros islâmicos ataca um campo militar na Caxemira indiana, provocando dois mortos ■ Os Estados Unidos manifestam a sua preocupação com a hipótese de uma acção militar da China contra Taiwan.

14
Sábado

O dirigente da CDU de Matosinhos, José Pedro Rodrigues, manifesta o seu

desagrado com o estado do ambiente naquele conselho ■ Uma viatura do Conselho Nacional de Resistência Timorense é atacada por elementos das milícias em Liquiçá, tendo sido agredidos e detidos três elementos do CNRT ■ Vários milhares de islamitas provenientes do Paquistão estão a chegar ao Afeganistão, onde os talibãs preparam nova ofensiva ■ Manifestantes católicos que protestavam contra os desfiles protestantes em Belfast envolvem-se em confrontos com a polícia.

15
Domingo

Timorenses presenciam a cerimónia oficial do início da campanha da Resistência timorense, em que é hasteada a bandeira do Conselho Nacional de Resistência Timorense na sua nova sede em Díli ■ Moscovo anuncia ter infligido pesadas baixas aos islamitas no Daguestão ■ O bispo Rakita denuncia que os albaneses estão a destruir sistematicamente todas as aldeias e os locais de culto dos sérvios ■ No dia do 52º aniversário da independência da Índia e do Paquistão, os responsáveis de Nova Deli e Islambad trocam ameaças de guerra ■ Carlos Carvalhas, com uma delegação do PCP, visita o litoral alentejano.

16
Segunda-feira

O Presidente da Indonésia, Jusuf Habibie, garante que propará a anulação do decreto que transforma Timor na 27ª província indonésia, se os timorenses votarem a favor da independência ■ A Duma aprova por escassa maioria a escolha de Vladimir Putin para o cargo de primeiro-ministro ■ A China adverte que o exército está pronto a intervir, no caso de se cumprirem os intuítos separatistas de Taiwan, no dia em que as suas forças militares ensaiam o desfile militar do 1º de Outubro ■ Ataque dos Estados Unidos no sul do Iraque provoca três mortos, entre os quais uma criança, e nove feridos ■ A comissão Europeia dá luz verde às ajudas europeias ao Estado belga, destinadas a compensar as empresas afectadas pela crise das dioxinas.

17
Terça-feira

Violento terramoto na Turquia provoca milhares de mortos e feridos, desconhecendo-se ainda o número de vítimas ■ Almeida Santos recusa pedir a inquérito sobre caso das viagens de deputados e responde a dúvidas do presidente da bancada do PSD ■ Milícias integracionistas disparam vários tiros contra sede da Resistência em Díli ■ Israelitas bombardeiam o sul do Líbano ■ O dirigente da OLP Abu Mazen adverte que palestinianos querem fronteira de 1967 ■ Bagdad denuncia silêncio da comunidade internacional face aos ataques americanos e britânicos no norte do Iraque ■ Presidente angolano afirma que não há nada para negociar com a UNITA ■ Análise de lotes suspeitos de água «Serra da Estrela» revela presença de uma substância de elevada agressividade ■ CGTP-IN denuncia desregulamentação e falta de fiscalização como principais causas do aumento do trabalho precário.

EDITORIAL

A nossa Festa

Aí está, novamente, a Festa: dentro de duas semanas tê-la-ão consigo, estando nela e fazendo-a milhares e milhares de homens, mulheres e jovens que a inscrevem todos os anos nas suas agendas ou nas suas memórias e lhe dão uma multifacetada e singular dimensão. Dizendo «a Festa» está tudo dito, na medida em que não há confusão possível entre ela e qualquer das centenas ou milhares de festas outras que todos os anos se realizam – e ainda bem – por todo o País. A Festa é esta: a do «Avante!», única pela forma como é concebida, construída e concretizada; pela sua criatividade; pela sua beleza característica; pelo seu conteúdo; pela diversidade dos seus polos de interesse. Pretender reduzi-la, como fez há dias uma especializada pêcêpóloga, a uma «festa popular da Outra Banda, com comes e bebes, música, provas desportivas», constitui, na menos má das hipóteses, uma flagrante manifestação de autismo e uma triste exibição de sectarismo político-partidário. Percebe-se, no entanto, tal postura: é que menorizando assim a «Festa do «Avante!», silenciando a sua especificidade, escondendo o que a distingue de qualquer outra festa – incluindo as festas partidárias – empurra-se à má fila a ideia de que isto é tudo a mesma coisa...

«**O**s partidos são todos iguais»: eis uma frase que se ouve com frequência e que é utilizada, regra geral, num contexto de crítica a práticas partidárias de facto criticáveis. Acontece que, como os partidos não são todos iguais – ou, se quisermos dizer o mesmo com mais rigor: o PCP é diferente dos que são todos iguais – a repetida e generalizada utilização dessa frase parece ter como objectivo essencial englobar o PCP no rol dos partidos que recorrem no seu dia a dia a essas práticas criticáveis e, assim, esconder a diferença que existe entre o PCP e os restantes partidos nacionais. De facto, a realidade concreta mostra que o PCP – por razões que têm a ver quer com a sua natureza de classe e os seus princípios, quer com o seu funcionamento interno, quer com as características e o conteúdo da sua intervenção, quer com o seu projecto e os seus objectivos – é um partido distinto de todos os outros. E a «Festa do «Avante!», é um exemplo flagrante e concreto dessa diferença. Quando dizemos, referindo-nos à Festa, que «não há festa como esta», não estamos a recorrer a um slogan publicitário visando vender a todo o custo «o produto»: estamos não só a dizer uma verdade incontestável mas também a fazer uma afirmação de óbvio conteúdo político-partidário. Porque «não há festa como esta» quer dizer, também, que nenhum outro partido nacional é capaz de organizar uma festa com a dimensão, a criatividade, a beleza, o conteúdo da «Festa do «Avante!»».

Construída graças ao trabalho voluntário de milhares de militantes e simpatizantes do Partido, e mobilizando

no fim-de-semana da sua duração dezenas e dezenas de milhares de pessoas, a Festa é um exemplo concreto da influência do PCP na sociedade portuguesa e a confirmação da força do trabalho colectivo, da determinação, da criatividade, da solidariedade, enfim de todo um conjunto de princípios e valores que, diga-se em abono da verdade, existem no PCP e não existem em qualquer dos outros partidos. A «Festa do «Avante!»» é não só «A Festa» mas também, e cada vez mais, a «Festa da Juventude» – pela presença massiva da juventude nos três dias em que ela decorre e pelo papel decisivo desempenhado pelos jovens na sua construção. Participar activamente na construção da Festa não é, para esses jovens, um acto de mero voluntarismo: constitui, isso sim, um acto de consciente militância revolucionária, de vontade assumida de erguer a pulso uma Cidade que eles sabem que será ponto de encontro e de convívio de uma multidão vinda de todo o País e que durante três dias faz dela um espaço aberto, de liberdade, de confraternização, de amizade, de camaradagem, de cultura, de intervenção política séria, de solidariedade internacionalista, de alegria – ao fim e ao cabo, um espaço de Abril onde Abril e os seus ideais têm lugar marcado, sempre, e de forma especial neste ano de comemoração do 25º aniversário da Revolução.

No passado sábado, à noite, realizou-se na Atalaia, por iniciativa da JCP, um debate sobre «A situação internacional e a actualidade do ideal comunista». Ou seja: depois de um dia inteiro de trabalho de «operários em construção», várias dezenas de jovens discutiram, com grande vivacidade e durante cerca de três horas, os problemas com que hoje se debate a Humanidade, as suas

causas e o papel dos comunistas na luta pela resolução desses problemas. E ao fazê-lo sabiam que estavam, eles próprios e ali, a demonstrar precisamente a actualidade do ideal comunista, raiz da diferença entre o PCP e qualquer dos outros partidos nacionais.

Estamos, portanto, a duas semanas da 23ª «Festa do «Avante!»». Duas semanas que serão de intenso

trabalho para os muitos e muitos militantes e amigos do Partido que, esforçadamente, ultimam a sua construção. Ali na Atalaia – que é nossa! – e depois de um longo e exaltante percurso iniciado em 1976 na FIL e prosseguido, sucessivamente, no Jamor, na Ajuda e em Loures.

Marcando impressivamente o calendário anual do convívio, da alegria e da amizade, a Festa marca igualmente o calendário da luta de que ela própria é parte integrante, ponto de chegada de um ano de intensa actividade política dos comunistas e, simultaneamente, ponto de partida para mais um ano de lutas que tem como primeira grande batalha as eleições legislativas de 10 de Outubro – que é importante que venham a traduzir-se num significativo reforço da expressão eleitoral da CDU e no consequente aumento do número dos seus deputados na Assembleia da República.

Esta é a nossa Festa. Nossa: dos comunistas e dos muitos que, não o sendo ou não o sendo ainda, nela estarão connosco, sempre bem-vindos, e nela se sentirão bem por saberem que estão com a sua gente.

*Esta é a nossa Festa.
Nossa: dos comunistas e dos muitos que, não o sendo ou não o sendo ainda, nela estarão connosco, sempre bem-vindos, e nela se sentirão bem por saberem que estão com a sua gente.*

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Socorro Pereira Gomes, 3
— 1600 - 196 Lisboa - Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Socorro Pereira Gomes, 3 — 1600 - 196 Lisboa
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A,
— 1169-161 Lisboa
Capital social: 15 000 000\$000. CRC matrícula: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A,
— 1169-161 Lisboa
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira:
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTA PRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rota — Linhão — 2710 Sintra
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lx. 227 — 4470 Maia
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A 1169-161 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A 1169-161 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EXTRA-EUROPA
50 números: 8 100\$00; 25 números: 4 200\$00	50 números: 30 600\$00
EUROPA	GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE e MACAU
50 números: 21 850\$00	50 números: 23 000\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____
Morada _____
Código Postal _____
Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

ACTUAL

A arte da manchete

De algum tempo a esta parte somos assaltados pela ideia de que faz falta à imprensa portuguesa um maior sentido de auto-estima e que isso bem podia ser ajudado pela criação, e depois pela sua sucessiva celebração como efemérides incontornáveis, de algumas datas historicamente relevantes.

Neste sentido, já nos tínhamos lembrado que seria uma promissora ideia que, ainda que em diferentes tons e registos, os «média» nacionais passassem a celebrar anualmente o dia 18 de Junho, porque foi nesse dia e nesse mês que no ano passado, e seguramente pela primeira vez em toda a história da imprensa portuguesa, três matutinos publicaram no mesmo dia o mesmo artigo de opinião do mesmo autor, por sinal o Eng. Belmiro de Azevedo, o que há-de querer dizer alguma coisa sobre o poder do personagem, as reverências e obediências que suscita e o tempo político e mediático que vivemos.

Mas não se esgota aqui a nossa desinteressada e inocente contribuição para um tal plano de efemérides. Porque desde já podemos sugerir que, daqui por diante, também o passado dia 13 de Agosto devia ser perene-

mente evocado, porque foi nessa data que um semanário - o «Independente» - conseguiu a notável, rara e inesquecível proeza de produzir uma «explosiva» manchete (sobre as viagens dos deputados) com base em elementos supostamente noticiosos ou factuais que já tinham sido divulgados pelo mesmo semanário na sua edição de 4 de Junho, ou seja há 10 semanas!

Na verdade, na página 7 dessa edição do «Independente», sob o título «O DIAP que os carregue» e encimada por seis fotografias, lá era publicada uma peça onde já eram referidos praticamente todos os nomes de deputados que, por intoleráveis intuítos de confusão, de injusta generalização das suspeições por todas áreas partidárias e de expedita condenação pela opinião pública, foram na passada sexta-feira enforcados no pelourinho, perdão, listados na manchete daquele jornal.

O encaixe sequencial com o «caso» Luís Filipe Menezes, as proverbiais carências de assunto em Agosto, a refinadíssima «arte» de apresentar a lista dos deputados com o aspecto gráfico de um «fac-símile» de um documento autêntico, a forma invertida e des-

cuidada como os telejornais projectaram a manchete do «Independente» (quando é sabido que em televisão ainda mais se agravam as confusões que se estabelecem na cabeça dos telespectadores entre «investigados», «suspeitos», «arguidos» e «culpados») aí estarão a explicar os estragos (cimentados pelo menos parcialmente em pura calúnia) que foram causados por esta manchete sustentada numa notícia já publicada no mesmo jornal há 70 dias.

Se a alguém lhe repugnar passar a celebrar este notável feito em termos de técnica jornalística, ainda resta a alternativa de passar a celebrar o monumento de cinismo constituído pelo comentário que, nessa mesma edição, a directora do «Independente» alinhou para salvar a face sem prejudicar as vendas.

Na verdade, que outro nome se pode dar a um texto, onde depois de uma manchete com uma lista expressamente identificada como «Deputados Batman investigados», se vem dizer, em corpo oito e na última página, que «pode ser que a maioria dos deputados da lista não tenha cometido qualquer crime»?

■ Vitor Dias

O importante é o cravo

Quem se lembra hoje do significado da canção «O importante é a rosa», lançada numa candidatura de Mitterrand e apropriada depois como emblema não só do Partido Socialista francês como de outros, por esta Europa fora?

As últimas eleições para o Parlamento Europeu desfolharam bastante essa rosa e deixaram os partidos da Internacional Socialista feridos nos espinhos do seu alinhamento e subordinação às políticas neoliberais do capital, levando-os a derrotas que tiveram como expoente comum o fracasso da candidatura de Mário Soares à presidência do Parlamento, instrumentalizada em Portugal pelo PS como cartão de crédito «gold» para garantia de uma pretendida maioria absoluta nas eleições legislativas.

Este contexto actual na Europa e no mundo coloca aos comunistas acrescidas responsabilidades - e também possibilidades.

Não são águas de rosas que poderão dar aos povos, neste inquietante virar de século, a confiança e a esperança para alcançar o futuro que lhes é devido e está a ser negado.

Impõe-se aos comunistas o grande esforço de reflexão capaz de rasgar novos horizontes à sociedade humana, tendo em conta as muitas e profundas alterações desta segunda metade do

século XX. Colhendo e analisando, com vistas largas e a tempo, as novas experiências disponíveis, sem cair em especulações que descaracterizem a essência e novidade do projecto comunista. Sem esquecer que, numa situação em que dúvidas e inquietações são legítimas, essa reflexão exige atento rigor para não confundir o essencial com o aleatório, comporta riscos de conclusões apressadas e ilusórias, requer uma compreensão alargada e confiante nas aquisições históricas do ideal comunista: nós não estamos a começar de novo, temos memória, retomamos, sim, o testemunho da luta pela libertação do ser humano.

Pelo nosso lado, comunistas portugueses, temos razões para confiar na nossa capacidade de contribuirmos também para o desenvolvimento dessa luta comum, dando novas expressões à criatividade e audácia com que interviemos na revolução em que o cravo de Abril atravessou a arma da liberdade.

Cravo é flor resistente, quantas vezes criado apenas pela própria natureza, sem estufas nem adubos, com a sua vontade de existir, viver e resistir.

Tivemos a oportunidade, única na Europa deste último meio século, de viver uma revolução para a qual trouxemos também os nos-

so próprios cravos, nascidos em coração clandestino e floridos num Abril em Portugal que deixou de ser para o mundo apenas uma canção em voga.

Temos agora de elaborar e fazer avançar as perspectivas e propostas inovadoras necessárias às novas condições da sociedade portuguesa. Mas para que elas se projectem na vida real não basta ser uma reserva de esperança para o futuro. É necessário mantermos e alargarmos o nosso potencial de intervenção política e social, com essa conjugação de pensamento e acção que desde Marx está ligada à própria concepção dos comunistas da sua forma de estar no mundo.

Estamos agora a pouco mais de um mês de eleições que irão condicionar em grande medida os próximos anos no nosso país. É para aí que devem convergir neste momento as nossas energias. Para que as esperanças, ideias, experiências, perspectivas, valores, que a revolução dos cravos semeou, não fiquem apenas como recordação histórica, e permaneçam no património do movimento comum da luta dos povos por uma sociedade onde o objectivo seja realmente o desenvolvimento humano.

Afinal, o importante pode ser o cravo.

■ Aurélio Santos

Ricos e PERIGOSOS

«A desigualdade tem vindo a crescer em muitos países desde o início dos anos 80. (...) Os países da Europa do Leste e CEI [ex-Urss] registaram alguns dos maiores aumentos de sempre no índice de Gini, a medida para a desigualdade de rendimento. Os países da OCDE também registaram grandes aumentos na desigualdade, depois dos anos 80 - especialmente a Suécia, Reino Unido e EUA. A desigualdade entre países também aumentou. O hiato de rendimento entre o quinto da população mundial que vive nos países mais ricos e o quinto que vive nos países mais pobres era de 74 para 1 em 1997, acima de 60 para 1 em 1990 e de 30 para 1 em 1960». Esta citação é do Relatório do Desenvolvimento Humano 1999, das Nações Unidas (PNUD). É uma faceta do que tem significado para a Humanidade o avanço do capitalismo à escala mundial nos últimos 20 anos.

Com base em dados da revista norte-americana *Forbes*, o do PNUD cita outros aspectos chocantes: os activos das 3 (três!) pessoas mais ricas do mundo superam o PNB conjunto de todos os países menos desenvolvidos; os activos das 200 pessoas ultrapassam o rendimento conjunto de 41% da população mundial; a riqueza líquida dessas mesmas 200 pessoas mais ricas do mundo aumentou, entre 1994 e 1998, à taxa de 500 dólares por segundo; e bastava uma contribuição anual de 1% da riqueza desses 200 maiores multimilionários para prover o acesso universal à educação primária. O Prof. Wolff da Universidade de Nova Iorque calculou que a riqueza do maior desses 200 multimilionários (William Gates, o patrão da Microsoft) excedia a riqueza total dos 106 milhões de americanos mais pobres (40% da população do país). E em 1998, a Children's Defense Fund, organização norte-americana para a infância, divulgava que, segundo as estatísticas oficiais norte-americanas, dos 70 milhões de crianças nos EUA, 14 milhões viviam na pobreza; quase 12 milhões não tinham acesso à assistência médica; 2 milhões e 600 mil viviam em condições de «extrema pobreza»; e 4 milhões de crianças com menos de 12 anos passavam fome (*Liberazione*, 6.5.98). Isto, no país mais rico do mundo. Entre as 200 pessoas mais ricas, contava-se Belmiro de Azevedo. Que, longe de contribuir para a educação primária, está a ver a sua expansão na América Latina *subsidiada com o nosso dinheiro* de contribuintes, pela mão «socialista» de Guterres e Pina Moura. Para maior glória dos seus lucros pessoais.

Mas estes números não descrevem toda a realidade. Não reflectem aquilo que, não sendo facilmente quantificável, nem por isso deixa de ser componente essencial da vida de milhões de seres humanos: os cada vez maiores ritmos de trabalho - e de exploração; o desemprego; a insegurança cada vez maior - de emprego, de condições de trabalho, de reformas, de férias; a destruição da vida familiar e social que daí resulta; o alastramento da marginalidade, da droga, da criminalidade que acompanha tudo isto; a catástrofe para países e regiões inteiras do globo.

E a acrescentar a tudo isto, a guerra. Longe vão os tempos em que «todos queriam a paz». Agora, os nossos dirigentes pregam a guerra. E fazem-na. Sejam eles reaccionários assumidos, «liberais», «democratas-cristãos», «social-democratas» (de direita ou de «esquerda»). É o capitalismo em todo o seu esplendor. À procura de alargar o seu domínio imperial a todo o planeta. Mas também consciente de que as desigualdades e injustiças crescentes têm em si o germe da revolta e luta crescente dos trabalhadores e povos que delas são vítimas. E para quantos estejam a torcer o nariz perante o «sectarismo» ou «panfletarismo» do que acaba de ser dito, aqui fica a mesma ideia, expressa por um defensor da outra parte, o colunista do *New York Times*, Thomas Friedman, que 4 dias após o início da agressão imperial nos Balcãs (28.3.99) escrevia: «Para que a globalização funcione, a América não pode ter medo de agir como a todo-poderosa superpotência que na realidade é. A mão oculta do mercado nunca funcionará sem o punho oculto. O McDonald's não pode prosperar sem a McDonnell Douglas, fabricante dos [aviões de combate] F-15. E o punho oculto que mantém o mundo seguro para as tecnologias de Silicon Valley chama-se Exército, Força Aérea, Marinha e Fuzileiros [Marines] dos Estados Unidos». Estão a ver como «o mercado» gosta «do Estado»?

■ Jorge Cadima



Foto: Jorge Caria

Mulheres vítimas de violência

A Organização Mundial contra a Tortura (OMCT) fez um levantamento das diversas formas de violência contra as mulheres em 78 países e apresentou-o na subcomissão dos Direitos do Homem da ONU em Genebra.

Nalguns países, segundo o estudo de 1998 desta associação de duas centenas de organizações não governamentais (ongs), ser mulher é já ameaça grave, salientam as relatoras, Carin Benninger Budel e Anne Laurence Lacroix.

A OMCT inventaria diversas formas de violência, da doméstica à comunitária e cometida pelo Estado, contra as mulheres, segundo respostas a um questionário enviado a 240 ongs. Alguns países não responderam, bem como regiões inteiras, como no caso dos Estados do Golfo Pérsico.

Os casos são difíceis de definir, porque envolvem o assentimento das autoridades dos diversos países, e incluem espancamento, violação,

prostituição forçada e assassinio.

A violência contra a mulher no seio da comunidade alargada, seja física, sexual ou psicológica, é também referenciada, nomeadamente a mutilação genital das raparigas, prostituição forçada ou violação.

O relatório dedica-se em boa medida à violência exercida pelos Estados contra as mulheres, referindo nomeadamente as más condições de detenção e tortura nas prisões.

O relatório, de 300 páginas, refere que, de modo geral, os Estados não cumprem as suas obrigações de prevenção, investigação, perseguição e punição dos autores de violência contra as mulheres.

A OMCT salienta que a Convenção sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres, sendo embora das mais ratificadas, é das que recebeu mais reservas dos seus subscritores - 45 dos 163 países fizeram pelo menos uma centena de reservas.



Timor-Leste em campanha

Cerca de três mil pessoas participaram na cerimónia oficial de lançamento da campanha do Conselho Nacional da Resistência Timorense (CNRT), no passado dia 15, na sua nova sede em Díli. «O início de uma nova fase na longa luta de 24 anos», nas palavras do responsável pela campanha da Resistência, Mar Karios.

Jeff Fischer, responsável eleitoral da ONU, em representação do chefe da UNAMET, Ian Martin, sublinhou a participação do povo timorense no recenseamento e afirmou a sua esperança de que «a campanha e a votação corram também de uma maneira pacífica».

Entretanto, alguns incidentes têm vindo a marcar a campanha. Dia 17, elementos de milícias pró-integracionistas dispararam tiros contra o edifício da sede da resistência timorense. O facto - o primeiro na capital timorense desde o início oficial da campanha, sábado passado - ocorreu depois de várias ameaças de um ataque. Outros incidentes já tinham ocorrido noutras localidades, nomeadamente em Manatuto e Ainaro, onde bandeiras e posters do CNRT foram destruídos.

De facto, os pró-integracionistas lançaram uma autêntica campanha de coacção psicológica com o objectivo de demover os independentistas da ida às urnas no próximo dia 30, que passa nomeadamente por ameaças de que o voto será filmado por câmaras de vídeo estrategicamente instaladas junto das mesas.

Um quadro difícil num momento em que, entretanto, se afirmam grandes esperanças de um futuro de independência para o povo de Timor.

Para a consulta de dia 30 estão registados quase 450 mil eleitores.

Queixa-crime contra assassinos de Victor Jara

O advogado chileno de direitos humanos Nelson Caucoto apresentou, segunda-feira, uma queixa-crime contra incertos,

pelo assassinio do cantor chileno Victor Jara, morto poucos dias depois do golpe militar fascista de Setembro de 1973.

Esta é a 33ª acção judicial apresentada ao juiz chileno Juan Guzmán Tapia, que investiga as queixas contra o ex-ditador

Augusto Pinochet, detido há dez meses em Londres a pedido da justiça espanhola.

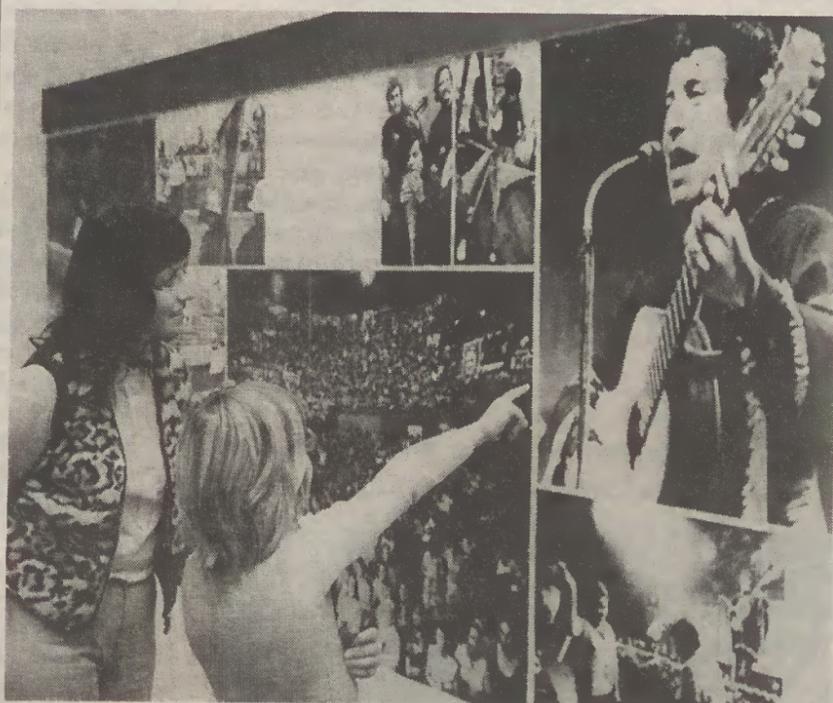
A queixa foi inter-

posta pelo advogado chileno em representação de Joan Turner, viúva do cantor chileno.

Victor Jara, que tinha 37 anos quando foi assassinado, foi detido a 11 de Setembro de 1973 na Universidade Técnica, estatal, e conduzido ao Estádio do Chile, então transformado em gigantesca prisão, onde foi torturado e assassinado.

Dali foi levado para os serviços médico-legais, onde foi resgatado pela sua viúva, a quem os militares ordenaram que sepultasse o cadáver imediatamente numa cerimónia anónima.

Joan Turner exilou-se então do Chile, regressando ao país em 1983.



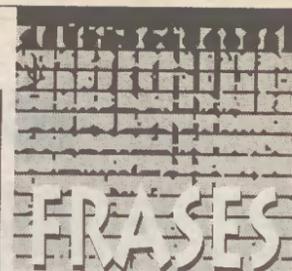
Centenas de mortes no Burundi

Centenas de civis desarmados são vítimas de assassinios e abusos no Burundi, denunciou a Amnistia Internacional num relatório divulgado em Londres.

O relatório, elaborado por uma delegação da AI que se deslocou no início deste ano à região dos Grandes Lagos, é um repositório de centenas de crimes que custaram a vida a muitos civis entre Novembro de 1998 e Março de 1999.

«Numa única província, Bujumbura, cerca de 600 civis desarmados, e possivelmente muitos

mais, foram deliberadamente assassinados por membros das forças armadas durante esse período. Outros civis foram mortos noutras províncias em que se registam conflitos», afirma a AI.



“Quem não deve não teme e, por isso, se há alguma coisa a apurar que se apure rapidamente, porque nós não temos duas caras. O PCP tem uma só cara, exige transparência e justiça. Justiça com celeridade.”

(Carlos Carvalhas, citado no Público, 16.8.99)

“A luta pelo poder é mais forte do que todos os pactos de não agressão. Sobretudo quando essa luta já não é uma genuína competição pela representação dos valores e interesses dos eleitores, mas um combate descarnado pelos benefícios do poder.”

(Manuel Villaverde Cabral, no DN, 13.8.99)

“Jardim é «um político autêntico» e «sincero». «Por isso o admiro.»

(Duraõ Barroso, citado pelo Público, 15.8.99)

“Ao mesmo tempo que a televisão nos choca com as imagens de miséria vindas de Angola, o responsável pela Unita vem a público negar uma catástrofe humanitária. Jonas Savimbi, definitivamente, parece ter perdido o contacto com a realidade.”

(Benjamim Formigo, no Diário Económico, 12.8.99)

“A causa do povo maubere é tão irreprensivelmente nobre que se transformou num vestidinho preto, vai bem com tudo. Até com o eclipse total da música pimba. Se uma causa é muito nobre, muito nobre, muito nobre, e para maior vantagem se passa lá muito, muito longe, todos nos apropriamos dela. E, com isso, o que é que nós lhe fazemos? Trivializamo-la ao ponto de a eclipsarmos totalmente.”

(Clara Pinto Correia, DN, 15.8.99)

“O povo, ao que consta do preâmbulo da Constituição da República Portuguesa, esteve, durante 48 anos, sujeito a eclipse total, submetido às trevas da longa noite. Desde então, jaz em eclipse parcial, imerso no processo democrático.”

(César Príncipe, Jornal de Notícias, 15.8.99)

“Talvez o poder sobressalte o povo com um eclipse de duas horas e oculte um eclipse com milhares de anos, o eclipse que tolda a fraternidade.”

(César Príncipe, Jornal de Notícias, 15.8.99)

“A poção mágica é obter mais que dez por cento nas próximas eleições.”

(Paulo Portas, citado no Público, 16.8.99)

“O que não faz sentido é ouvirmos as queixas dos magistrados, dos funcionários judiciais, dos advogados, dos políticos e, acima de todos, as dos cidadãos, sem que nada de radical se faça para alterar uma situação que parece apresentar claros sintomas de deterioração.”

(Luís Barbosa, Diário Económico, 13.8.99)

“O Governo passou estes dias mudo e quedo, olhando o céu à procura do eclipse e a pedir a Deus que nada de mal aconteça até ao dia 10 de Outubro.”

(António Ribeiro Ferreira, Diário de Notícias, 11.8.99)

“O PS tem uma perspectiva de construção económica de tipo capitalista.”

(Isabel Pires de Lima, Diário de Notícias, 11.8.99)

As Contas mostram

Partidos não são todos iguais

A diferença do PCP

O Acórdão do Tribunal Constitucional, referente às Contas de 1997 dos principais partidos, tem sido servido a muitos órgãos de comunicação social para tentar diluir as diferenças reais que existem entre o PCP e os restantes grandes partidos. Obedecendo a uma estratégia que não é de agora e visa desacreditar os políticos e os partidos, estes arautos da «verdade» lançam a confusão na opinião pública e generalizam a ideia de que os primeiros «só querem tacho» e os segundos «são todos iguais». Manobra que a leitura objectiva dos factos se encarrega de desmontar, mostrando que o PCP é um partido diferente, que não pode ser metido no mesmo saco.

Na verdade, o Acórdão do Tribunal Constitucional reconhece que as Contas apresentadas pelo PCP «cumprem no essencial as disposições legais aplicáveis», assim como o seu «carácter nacional, global e consolidado», continuando «ser o único dos grandes partidos que cumpre a Lei nesta questão fundamental».

O comentário é de Henrique de Sousa, membro do Secretariado do Comité Central do PCP que, instado a comentar o conteúdo do Acórdão relativo às Contas dos Partidos de 1997, refere ainda que «as poucas insuficiências» mencionadas «não são relevantes nem gerais» e «têm carácter essencialmente técnico e localizado ou decorrem de diferenças secundárias na interpretação da legislação aplicável». Por outro lado, e para «não constituírem juízo injusto», elas devem ser entendidas «no quadro da evidente

complexidade do esforço singular até agora apenas cumprido pelo PCP de sempre apresentar, não apenas contas da sua estrutura central, mas contas integradas de um universo partidário em que intervêm centenas de organizações e muitos milhares de militantes e em que as funções administrativas e contabilísticas não podem naturalmente revestir-se de um carácter profissionalizado e especializado».

O PCP julga, portanto, que a apreciação «objectiva e comparada» do conteúdo deste Acórdão «é suficiente para que não se queira meter no mesmo saco e envolver nas mesmas críticas as contas do PCP – reconhecidas no essencial como rigorosas e cumpridoras das disposições legais – e as ilegalidades e irregularidades de variada gravidade atribuídas no Acórdão às contas dos outros partidos». É que, «também nesta matéria, como no geral da actividade

político-partidária», o PCP não está de acordo «com a estafada tese de que “os partidos são todos iguais”».

Farinha de outro saco

Esta declaração do PCP torna, assim, evidente que o Acórdão do Tribunal Constitucional não permite, como alguns querem, meter tudo no mesmo saco como exercício de auto-desculpabilização.

Aliás, como já havia ficado demonstrado pelo comentário (de que transcrevemos extractos) enviado pelo PCP ao Tribunal Constitucional, em 19 de Março do corrente ano, quando foi notificado por insuficiências que, no caso do PCP, não são uma exigência directa da Lei, mas uma opinião do Tribunal Constitucional:

«... É orientação e prática dominante e crescentemente generalizada no Partido a reali-

zação dos movimentos de fundos através do sistema bancário. Não se vislumbram entretanto razões que obriguem à sua integral realização desse modo, procedimento aliás de difícil concretização em variadas situações quotidianas em que é prática comum o pagamento em dinheiro e tendo em conta o quadro tão vasto e descentralizado característico da actividade do PCP.

«É orientação estabelecida pelo PCP a obrigatoriedade das reconciliações bancárias, cumprida pela estrutura central e pela generalidade das organizações nas contas em apreciação, assim prosseguindo a positiva evolução verificada quanto a esta matéria e como o próprio acórdão reconhece ao anotar excepções a esta regra...»

«A lista do património imobiliário que apresentámos procurou respeitar o disposto no Artº 10º, nº 5, da Lei 72/93, na redacção que lhe foi dada pela Lei 27/95, de 18 de Agosto, identificando os prédios pela indicação do concelho, da freguesia e do número da matriz, e com a referência do seu carácter rural ou urbano. (nota: a legislação referida não refere ainda então, naturalmente, a Lei 56/98 aprovada posteriormente sobre estas matérias.)»

Nos últimos dias sucedem-se «notícias» e comentários na comunicação social que, à boleia da denúncia de irregularidades várias, procuram meter no mesmo saco todos os partidos. Significativamente, e não por acaso, à boca das eleições. Assim procurando diligentemente o duplo objectivo de promover o afastamento e a desconfiança dos cidadãos em relação à participação política (coisa para uma «classe política» sob suspeita) e de espalhar a crença que não existem afinal alternativas fora deste pantanoso «bloco central de interesses» que, num vai-vem PS/PSD, tem desgovernado o País. Os partidos, todos, seriam assim uns perversos delinquentes, em contraste chocante com os cidadãos e as empresas (e, já agora, jornalistas e comunicação social), tudo gente de bem e cumpridora das leis.

Merece referência, pelo seu carácter exemplarmente negativo, um editorial assinado pelo Director do «Diário Económico» que, parecendo colocar à partida uma pertinente questão («Alguém acredita, por exemplo, que o Partido Comunista Português tenha conseguido sozinho obter mais receitas do que o PSD e o PS juntos?»), logo conclui, desafiando todas as regras da lógica matemática, formal ou do comum bom senso: «Como não admitimos a hipótese de que os dirigentes partidários ousam mentir ao Tribunal Constitucional deste país, então é caso para desconfiar do PCP. Onde irão os comunistas buscar tanto dinheiro? Será à família Champalimaud? Serão os irmãos José Manuel e Jorge Mello os seus principais financiadores?».

E embalado logo prossegue metendo todos no mesmo cesto - «os partidos cometem fraudes contabilísticas consecutivamente» - e proclamando de ciência certa - «se fossem empresas, já há muito teriam falido» - o que terá certamente causado um sorriso nos que sabem e praticam com proveito o conhecido desporto nacional da fuga ao IRC e da sistemática declaração de prejuízos, sem falirem e continuando a exhibir saudáveis sinais exteriores de desafogo económico. E que são a maioria das empresas. Que não têm aliás de suportar, como os partidos, uma obrigatoriedade e exaustiva auditoria anual às suas contas!

Este espantoso raciocínio, de quem não suporta a diferença honrosa que o PCP representa no panorama do conjunto das grandes forças políticas portuguesas, faz lembrar a macabra anedota do cangalheiro que resolveu adequar o tamanho do cadáver à conclusão, perdão, ao caixão.

Dirigentes partidários pessoas de bem, pelos vistos, são os outros. Os que declaram todos os anos receitas e despesas ridículas e nunca têm apresentado contas nacionais (essa é uma das razões dos menores montantes que apresentam), sem por isso serem penalizados ou responsabilizados. Os que exibem nas campanhas eleitorais uma panóplia de recursos incomparavelmente desproporcionada com os meios usados pelo PCP. Os que sistematicamente recusam em sede parlamentar, apesar da demagogia para consumo público, discutir e votar nas sucessivas leis de financiamento dos partidos, o que sempre tem sido defendido e proposto pelo PCP - a proibição do financiamento dos partidos pelas empresas para contrariar a promiscuidade entre interesses económicos e actividade partidária. Os que aceitam e vão buscar o apoio aos grandes grupos económicos, como é público e notório.

Descanse o Director do «Diário Económico» e outros com as mesmas angustiadas preocupações. Não são os grandes grupos económicos que alimentam o PCP.

Como também é público e notório, o PCP vai buscar o essencial do sustento da sua actividade partidária a um quotidiano, ímpar e militante esforço de angariação de receitas próprias, na base de sucessivas campanhas de fundos (públicas e abertas, como a que está em curso), de iniciativas, de cotizações, de contribuições dos seus apoiantes e dos seus eleitos, que entregam o excedente das suas remunerações em cargos públicos, de acordo com o saudável e singular princípio que praticamos de não haver benefício pessoal no exercício desses cargos. Nas tão faladas contas de 97 as receitas próprias do PCP representaram cerca de 95% e as normais subvenções do Estado aos partidos apenas 5%, proporção que aproximadamente se repetiu, aliás, nas nossas contas de 1998, como sempre publicamente divulgadas no «Avante!».

O que dá mais força também à reconhecida autonomia e independência do projecto transformador e de esquerda e da acção política do PCP e afirma, também nesta matéria, a singularidade e a diferença de que não abdicamos no quadro político-partidário português. Por muito que isso desagrade a alguns. Mas correspondendo seguramente ao que a maioria dos trabalhadores e dos portugueses esperam do PCP.

■ Henrique de Sousa

Tribunal Constitucional determina envio para o Ministério Público

Irregularidades nas contas dos partidos

DOS 14 partidos políticos portugueses, porque, diz o acórdão, não têm

■ O Tribunal Constitucional analisou as contas dos partidos políticos referentes ao ano de 1997 e chegou à conclusão que todos eles - 14 - apresentam irregularidades

Partidos fora da lei

■ Devido às ilegalidades encontradas, o Tribunal Constitucional decidiu enviar as contas para o Ministério Público

adiantou que todas elas apresentam "irregularidades", pelo que determinou que os autos sejam "continuados com vista ao Ministério Público".

Dos quatro maiores partidos, o TC considera que PS, PSD e PP "não apresentaram contas abrangendo todo o universo das estruturas organizativas partidárias", enquanto o PCP é visado pela "não adopção sistemática da pu-

CONTAS DOS PARTIDOS À MARGEM DA LEI

PSD Contestação sobre em Castelo Branco

Quatro das 11 secções concelhias do PSD no distrito de Castelo Branco estão demissionárias ou não têm sequer direcção. A confirmar a crise no distrito, o presidente da Câmara de Belmonte, Dias Rocha, militante do PSD, aceitou ser o mandatário distrital da lista do Partido Socialista, encabeçada

le deliberação dos órgãos das pessoas colectivas que co deram donativos, bem como a assistência, parcial, de re- bancárias form-

Partidos avessos a prestar contas

Acórdão do Tribunal Constitucional integral da lei, em 1997, em relação

TC detecta irregularidades nas contas dos partidos

PCP reage e diz que nem todos são iguais

■ Nenhum dos 14 partidos políticos portugueses cumpriu integralmente a lei, em 1997, no que diz respeito às suas contas, esta foi a conclusão do Tribunal Constitucional. Segundo o documento do Tribunal, baseado na auditoria de uma empresa especializada, os partidos não apresentaram as contas de 1997 de acordo com as disposições legais aplicáveis. O acórdão do Tribunal Constitucional determina o envio para o Ministério Público das contas dos partidos por não cumprirem integralmente a lei de 1997. O acórdão reconhece que as contas do PCP cumprem no essencial as disposições legais aplicáveis, mas aponta algumas irregularidades de natureza técnica e localizada. O acórdão também aponta irregularidades nas contas dos outros partidos, nomeadamente a falta de apresentação de contas abrangendo todo o universo das estruturas organizativas partidárias.

Ninguém escapa a irregularidades

TRIBUTAL CONSTITUCIONAL "PUXA AS ORELHAS" AOS PARTIDOS

Nenhum dos 14 partidos políticos cumpriu a lei na entrega de relatórios de contas. Mas os dirigentes partidários justificam-se: "Era impossível fazer melhor". O PCP continua a dar lucro.



Partidos não são todos iguais

O que disse o Acórdão do Tribunal Constitucional

Uma irregularidade comum apontada aos outros Partidos e que explicitamente não inclui o PCP (que sempre tem apresentado contas consolidadas, nacionais e globais):

«A primeira de tais situações (comuns aos restantes partidos), e seguramente a mais relevante, continua a consistir no facto de a conta apresentada não ser, na maioria dos casos, uma conta consolidada - que integre o conjunto de toda a actividade partidária, incluindo a desenvolvida pelas estruturas regionais e locais do partido e ainda de outras suas eventuais estruturas autónomas ou descentralizadas - mas uma conta que reflecte tão-só as actividades de financiamento e de funcionamento da estrutura

central e da sede nacional do partido, ou (e é agora o que sucede quanto aos partidos mais representativos) dessa estrutura e de apenas uma parte daquelas outras: é o que vem assinalado relativamente às contas do Partido Socialista (PS), do Partido Social Democrata (PPD/PSD), do Partido Popular (CDS/PP), do Partido de Solidariedade Nacional (PSN), da União Democrática Popular (UDP) e do Partido Comunista dos Trabalhadores Portugueses (PCTP//MRPP).»

Irregularidades apontadas especificamente a cada um dos principais Partidos (excluindo o PPM, o PDA e a Política XXI, que nem sequer apresentaram contas!):

Partido Socialista (PS)

«Não apresentação de contas abrangendo todo o universo das estruturas organizativas partidárias, mas reflectindo tão-só as actividades de financiamento e de funcionamento corrente e promocional da sede nacional, a actividades relacionadas com a campanha eleitoral para as eleições autárquicas de 1997, os subsídios atribuídos às estruturas descentralizadas e certos movimentos monetários de Federações distritais e regionais, e ainda o reflexo de determinadas actividades relacionadas com a publicação do jornal "Acção Socialista"; - falta do inventário anual do património, com excepção do activo imobiliário afecto à sede nacional; - inexistência, no seu arquivo, de cópia da correspondente deliberação dos órgãos sociais das pessoas colectivas que lhe concederam donativos; - não adopção sistemática da prática do depósito dos montantes recebidos e do pagamento através de cheque; - não emissão sistemática de recibos de determinadas receitas e insuficiente suporte documental das rubricas de receita "Angariação de fundos", "Contribuições de eleitos do partido" e "Contribuições e quotas de filiados" e de parte dos "custos" levados ao respectivo mapa; - não evidencição, como "donativos" recebidos pelo partido, de uma oferta de equipamento e da anulação de facturas de anos anteriores, e cujo pagamento não foi reclamado.»

Partido Social Democrata (PPD/PSD)

«Não apresentação de contas abrangendo todo o universo das estruturas organizativas partidárias, mas reflectindo tão-só as actividades correntes de funcionamento e promoção desenvolvidas pela sede nacional, os resultados de exploração de um número considerado de estruturas descentralizadas e autónomas do partido e

as actividades relacionadas com a publicação do jornal "Povo Livre"; - falta de um inventário anual do património, completo e devidamente actualizado; - não solicitação de cópia da correspondente deliberação dos órgãos sociais das pessoas colectivas que lhe concederam donativos; - inexistência parcial (relativa a algumas estruturas do partido) de reconciliações bancárias formais.»

Partido Popular (CDS/PP)

«Não apresentação de contas abrangendo todo o universo das estruturas organizativas partidárias, mas reflectindo tão-só as actividades correntes de funcionamento e promoção, incluindo as actividades de campanha eleitoral, da sede central e de parte, embora em já elevado número, das estruturas concelhias e distritais do partido; - falta de um inventário anual do património, devidamente organizado e actualizado; - inexistência, no arquivo do partido, quanto a alguns donativos de pessoas colectivas, de cópia da correspondente deliberação dos órgãos sociais daquelas; - não adopção sistemática da prática do depósito dos montantes recebidos e do pagamento através de cheque; - ausência de preparação regular de reconciliações bancárias formais.»

Partido Comunista Português (PCP)

«Não adopção sistemática da prática do depósito dos montantes recebidos e do pagamento através de cheque e, bem assim, ausência de preparação de reconciliações bancárias em várias das suas estruturas; - não elaboração em termos suficientemente satisfatórios da lista do património imobiliário, a que se refere a b) do nº 5 do artigo 10º da Lei nº 72/93, na redacção da Lei nº 27/95, de 18 de Agosto.»

Membro do PCP de longa data, foi um destacado activista na célula do Partido nas oficinas gerais do Barreiro, até à sua reforma. Pertencia à organização da freguesia de Alhos Vedros.

Manuel da Silva

Com 67 anos de idade, faleceu, no passado dia 8 de Agosto, em Cerva, Ribeira de Pena, o camarada Manuel da Silva. Estava organizado na freguesia de Santiago, em Lisboa. Foi candidato à Câmara Municipal de Ribeira de Pena. Era muito considerado e estimado por camaradas e amigos.



Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.



Uma caldeirada a bordo do «Célia Maria» encerrou a visita de Carlos Carvalho à costa vicentina

Carlos Carvalho no litoral alentejano

No domingo, o secretário-geral do PCP, Carlos Carvalho, dedicou o dia a visitar o litoral alentejano. O objectivo do dirigente comunista foi conhecer mais de perto os problemas sociais e ambientais da região e, principalmente, ouvir os pescadores e as suas preocupações relativamente ao sector das pescas.

O dia começou em Azenhas do Mar, onde Carlos Carvalho teve oportunidade de contactar os pescadores deste porto de mar que, de viva voz, lhe expuseram as suas queixas e apreensões. Seguiu-se o Cabo Sardão e as suas belas paisagens, donde a comitiva rumou em direcção a Vila Nova de Milfontes.

A manhã terminou no porto de Sines, a bordo da traineira «Célia Maria» que se encontrava enfeitada com dezenas de bandeirinhas para receber Carlos Carvalho. Mas não só, já que nesse domingo era também a festa de Nossa Senhora das Salvas e os barcos, como todos os anos, iriam acompanhar a procissão por mar que à tarde se realizava.

Acompanhado de autarcas da zona, designadamente dos presidentes das câmaras de Sines e Santiago do Cacém, de militantes e dirigentes locais do Partido, e ainda dos representantes da comunicação social que o seguiam desde Azenhas do Mar, o secretário-geral do PCP foi recebido com grande simpatia a bordo do «Célia Maria». Aí, a esperá-lo, a ele e aos seus acompanhantes, havia uma caldeirada particularmente bem cozinhada e com grande variedade de peixe fresquíssimo, que foi seguida, como não podia deixar de ser, pela tradicional «sopa de massinha», também ela uma especialidade dos anfitriões.

Durante o curto mas agradável passeio ao largo que o «Célia

Maria» proporcionou aos seus visitantes, Carlos Carvalho prestou algumas declarações aos órgãos de comunicação social sobre os perigos que ameaçam o sector das pescas, nomeadamente com a discussão em curso sobre a Política Comum de Pescas.

De facto, segundo o secretário-geral dos comunistas, Portugal não tem as 12 milhas garantidas e a renovação da nossa frota está a ser feita tendo como contrapartida o abate de embarcações que, aliás, no nosso país, tem ido além do exigido.

Quanto às negociações com Marrocos, Portugal precisa de ter uma posição autónoma, não as devendo deixar nas mãos da União Europeia.

Ou seja, é a defesa dos interesses dos pescadores e armadores e da própria economia nacional que está em jogo e que o PCP se propõe assumir na Assembleia da República. Uma posição que não é de agora mas assenta na prática passada dos comunistas.

Coimbra CDU define intervenção

Em três semanas de pré-campanha e mil quilómetros de estrada, a CDU bateu todo o distrito de Coimbra, do litoral ao interior, da capital a alguns dos seus mais recônditos lugares, alcançando os objectivos que se havia proposto: aprofundar o conhecimento sobre os principais problemas do distrito através do contacto directo com as pessoas.

Em conferência de imprensa, Mário Nogueira, cabeça de lista da CDU, Luísa Veiga, mandatária distrital da candidatura, Sérgio Teixeira, membro da Comissão Política do PCP, e Jorge Gouveia Monteiro, vereador da Câmara de Coimbra e membro da Direcção Regional, consideraram esta iniciativa coroada de êxito, vindo reforçar a ideia que a CDU já possuía de que Coimbra «foi desvalorizada nos últimos anos».

Ao mesmo tempo, foi possível constatar a grande insatisfação das populações pela demagogia eleitoral do PS e do PSD e o incumprimento das promessas que há quatro anos fizeram.

Dos problemas que mais negativamente marcam o distrito, a CDU destaca o das acessibilidades, tão difíceis em relação ao interior (a Oliveira do Hospital ou Arganil, por exemplo) como ao litoral (onde Figueira da Foz surge como situação mais flagrante). Ou seja, uma questão tanto mais preocupante, quanto se sabe a importância das acessibilidades para a criação e fixação de novas indústrias, o desenvolvimento do comércio e mesmo a fixação de um maior número de instituições prestadoras de serviços.

A Saúde, outra fonte de preocupação das populações, não tem respostas adequadas às necessidades - razão por que os Hospitais Centrais de Coimbra têm listas de espera de meses e até anos - e no Ambiente vivem-se situações verdadeiramente degradantes. Quanto à juventude, para além do deficiente apoio social de que usufrui, debate-se com gravíssimos problemas de desemprego, de insucesso

escolar e educativo e no acesso ao ensino superior público.

Mas os candidatos da CDU ouviram também problemas específicos de cada concelho, que vão da má qualidade da água à necessidade de respostas à ocupação dos tempos livres das crianças e jovens ou o apoio à velhice.

De tudo o que viu e ouviu, a CDU confirmou como grandes preocupações do distrito de Coimbra cinco questões, que irão ser motivo da intervenção da CDU ao longo da campanha eleitoral: o ambiente, as acessibilidades, o emprego e as questões sociais, a saúde e a educação e desporto.

A CDU tem consciência de as consequências e implicações dos problemas de cada distrito variam de acordo com os vários contextos regionais e locais, o que exige uma resposta que não se esgota em generalidades que poderiam servir para qualquer ponto do País. É essa resposta que a CDU pretende dar em Coimbra.

CAMARADAS FALECIDOS

Cizinando Marques Constantino

Vítima de doença súbita, faleceu com 79 anos de idade, em Montemor-o-Novo, o camarada Cizinando Marques Constantino, natural da freguesia das Cortiçadas de Loures. Membro do PCP desde 1947, foi preso pela Pide em 1949. Entre muitas tarefas do Partido, durante anos deu apoio, com a sua mota, ao transporte de vários funcionários do Partido. Militava na organização dos reformados da sua freguesia.

Laurentino Ribeiro

Faleceu, no passado dia 4 de Agosto, com 64 anos de idade, o camarada Laurentino Ribeiro.

Carlos Carvalhas no Algarve PS e o PSD zangam-se para ocultar semelhanças

A CDU apresentou, no sábado passado, a lista completa de candidatos às eleições para a Assembleia da República pelo círculo eleitoral do Algarve. O belo e antigo Castelo de Silves serviu de pano de fundo à apresentação, feita durante um jantar-festa que contou com a presença do secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas.

A lista pelo Algarve, composta por três empregados, um operário, uma estudante e oito intelectuais e com uma média de idades que ronda os 45 anos, questiona a acção desenvolvida pelos cinco deputados do PS e os três do PSD eleitos durante

Entretanto a CDU, cujo projecto político é o que «está em melhores condições de responder aos desafios do novo século e do novo milénio», assume com toda a firmeza a defesa da economia e da independência nacionais e dos interesses do povo

vez, num breve improviso, teve oportunidade de exigir o rápido apuramento da verdade a propósito das insinuações vindas na véspera a público sobre viagens de deputados ao serviço da Assembleia da República.

«Quem não deve não teme», disse o secretário-geral do PCP, por isso «se há alguma coisa a apurar que se apure rapidamente, porque nós não temos duas caras e queremos transparência».

Carlos Carvalhas acusou ainda os Governos do PS e do PSD de tratarem demagogicamente todas as questões funda-

Aliás, já em plena pré-campanha eleitoral, o que se vê, segundo o dirigente comunista, «é uma imensa demagogia nas medidas, no teatro político, com os insultos, as zangas e os desafios verbais, mas também nas promessas», afinal tudo para esconder as coincidências que existem entre si.

A título de exemplo, Carlos Carvalhas referiu a reforma fiscal que, sendo uma questão considerada fundamental pelo PS, quando se encontrava na oposição, continua até agora sem a «implementação das medidas necessárias».

Também no que respeita à justiça, apesar das promessas de alteração, ela permanece «morsa e cara», com processos a arrastarem-se, «num descrédito» que atinge não só a justiça como «a democracia e as instituições».

Outro exemplo citado pelo secretário-geral do PCP foi o da educação que definiu como «uma paixão do Governo do PS muito furtiva, uma paixão de praia do Algarve, em que passa mais um ano em que tantos jovens e famílias têm que atrasar as suas férias com a angústia de entrar ou não no ensino superior público».

«É uma vergonha», considerou, que jovens com média de 18 valores tenham «que se submeter a provas em Espanha para frequentarem universidades de medicina espanholas porque no país têm dificuldades em entrar, «quando se sabe que há falta de médicos em Portugal».

Enfim, segundo as previsões de Carlos Carvalhas, «as promessas vão voltar, mas tudo irá continuar na mesma».

Uma candidatura com crédito

A lista da CDU pelo círculo eleitoral do Algarve «é composta de diferenciadas experiências e saberes» e abarca «não só os sectores profissionais mais relevantes» e uma «harmoniosa distribuição geográfica» como associa «a experiência, a tenacidade, a singular estatura humana e cívica de lutadores como Margarida Tengarrinha e Luís Catarino, à juventude de novos quadros já hoje com suficientes provas dadas», de entre os quais se destaca a «insubstituível» presença de dirigentes sindicais e representantes do mundo do trabalho.

Carlos Luís Figueira, o dirigente comunista que encabeça a lista da CDU, afirmou mesmo que ele e a sua equipa «não temem confrontos» no plano das ideias, pois, pelas provas dadas, todos têm já um «elevado crédito», unindo-os «o sentido de defender melhor o Algarve».

Quatro anos após «uma absolutíssima maioria de votos obtida pelo PS» no Algarve, esta foi das regiões «mais sacrificadas e abandonadas» do País. Logo, sublinhou, «não venham agora prometer para amanhã o que não fizeram em quatro anos»!

Denunciando, depois, as teses de responsáveis políticos do PS e do PSD que alegam que «o Algarve não tem obras porque não tem eleitores», porque «não se ganham eleições nacionais no Algarve» ou porque «não existe consciência regional», Carlos Luís Figueira afirma que estas teses não só revelam «a completa aceitação da subversão da acção governativa» como conduzem as pessoas «à passividade e à indiferença», que apenas servem a «quem nada deseja mudar».

Não há portugueses de primeira e de segunda e o país precisa de se desenvolver no seu todo, prossegue o dirigente comunista. Além disso, se a consciência regional é fraca isso deve-se à hegemonia de que o PS e o PSD «têm desfrutado no Algarve» quer em eleições gerais quer em eleições autárquicas. Ou seja, a um ciclo «que é preciso derrotar».

Para o cabeça de lista da CDU, os problemas do Algarve «não se resolvem com lobbies em negociatas de corredores» mas com «o grande lobby que significa a mobilização de uma consciência cívica mais activa da população, alicerçada em valores democráticos e transparentes» em defesa dos seus legítimos interesses». O Algarve necessita, pois, «de uma voz diferente, combativa, livre de compromissos, disposta a lutar e a congregar forças em defesa do desenvolvimento económico da região». Necessita de uma «força alternativa» que a CDU deseja ser.



Apesar do peso do Turismo na economia do Algarve, esta continua a ser a região periférica com piores acessibilidades.

os últimos quatro anos de legislatura.

A verdade é que nenhuma das grandes obras de infraestruturas avançou na região do Algarve que é, hoje, «a mais periférica do Continente e com piores acessibilidades», apesar de se tratar da região turística mais importante do país.

trabalhador, cujas «justas aspirações a uma vida melhor» quer ajudar a concretizar.

Para isso, precisa, porém, de contar com o voto dos algarvios e foi a esse voto que o cabeça de lista da CDU, Carlos Luís Figueira, apelou na sua intervenção.

Carlos Carvalhas, por sua

mentais e essenciais para o País, considerando que aquilo que, afinal, separa os dois partidos é apenas o poder, «porque no resto, nas questões fundamentais e essenciais, estão juntos e há sempre um adiar da resolução dos problemas para que os pequenos continuem a pagar».

Lista de candidatos

Efectivos

Carlos Luís Figueira

54 anos
Membro do Partido desde 1964, realizou actividade política entre a emigração na Bélgica até 1967 e, no interior do país, como quadro clandestino, desde 1968 até Abril de 1974
De 1971 a 1974 foi redactor do Jornal *O Têxtil*, publicação clandestina do PCP dirigida aos operários têxteis
É membro da Comissão Política do PCP e responsável pela Direcção da Organização Regional do Algarve
Coordena os Grupos de Trabalho junto do Comité Central para as questões de Turismo e das Pescas
É membro da Assembleia Municipal de Faro.

Mário Augusto Dias de Sousa

51 anos
Professor de Educação Física
Técnico desportivo
Membro do Comité Central e da DORAL do PCP
Foi Presidente do Conselho Directivo da Escola Preparatória da Pontinha e Presidente do Conselho Administrativo da Escola Secundária de Vila Real de St.º António
Foi dirigente do Sindicato dos Professores da Zona Sul e da União dos Sindicatos do Algarve

Foi membro da Assembleia Municipal de V.R.S.A. durante vários mandatos e da Comissão Regional de Turismo do Algarve de 1994 a 1997
É vereador da Câmara Municipal de Vila Real de St.º António desde 1992.

Francisco Manuel Guerreiro Martins

42 anos
Economista e professor
Membro da Comissão de Freguesia de Messines e da Comissão Concelhia de Silves do PCP
Membro da Assembleia Municipal de Silves no mandato de 1990/93, vereador permanente de 1994 a 1997 e não permanente desde 1998
Membro da Direcção da União Desportiva Messinense desde 1989 e Presidente do Conselho Fiscal desde 1998
Membro da Comissão Organizadora da Feira das Actividades Económicas de Messines, desde a sua 1.ª edição.

Leonardo Aniceto Bexiga Abreu

44 anos
Licenciado em Direito e advogado em Faro
Pertenceu ao Conselho Pedagógico da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra de 1985 a 1986
Presidente da Assembleia de Freguesia de Santa Bárbara de Nexe de 1989 a 1993

Presidente da Junta de Freguesia de Santa Bárbara de Nexe desde 1993
Membro da Comissão Concelhia de Faro e da DORAL do PCP.

Margarida Tengarrinha

70 anos
Pintora
Membro do PCP desde 1952, foi funcionária clandestina desde 1955 até ao 25 de Abril
Membro do Comité Central do PCP de 1974 a 1988
Foi deputada à Assembleia da República em dois mandatos
Membro da DORAL do PCP.

Carlos Alberto Alexandre Cabrita

38 anos
Engenheiro Agrónomo
Colaborador de várias Associações de Agricultores e de Desenvolvimento Rural
Coordenador e formador de cursos para técnicos e agricultores nas áreas da Agricultura Biológica Independente, proposto pelo PEV

Vanda Isabel Guerreiro Bernardo

22 anos
Estudante universitária
Membro da Comissão Concelhia de Olhão do PCP
Membro da Direcção Regional e Nacional da Juventude Comunista Portuguesa

Josué Tavares Marques

57 anos
Pescador
Membro da Comissão Concelhia de Olhão e da DORAL do PCP
Membro da Assembleia Municipal de Olhão durante dois mandatos
Eleito para a Assembleia de Freguesia de Quelfes em 1997
Membro do Conselho Regional da Segurança Social de Faro
Membro do Conselho Consultivo da Direcção Geral das Pescas
Coordenador do Sindicato dos Trabalhadores da Pesca do Sul

Suplentes

Luís Catarino

73 anos
Advogado em Portimão
Antifascista de longa data, foi membro da Comissão Executiva de Faro da CDE para as eleições de 1969
Membro fundador do MDP/CDE, do qual foi vice-presidente
Membro fundador da Associação Intervenção Democrática, de cujo Conselho Geral é presidente
Foi deputado à Assembleia Constituinte e à Assembleia da República
Foi presidente da Direcção e da Assembleia Geral do Promitentes Sporting Clube e da ANIS - Associação Naval Infante de Sagres,

de Portimão
É desde 1976 deputado na Assembleia Municipal de Portimão, da qual foi presidente

António Goulart de Medeiros

44 anos
Empregado de escritório
Foi membro do Conselho Regional da Segurança Social de Faro de 1986 a 1989
Foi dirigente da União dos Sindicatos do Algarve de 1986 a 1998 e seu coordenador desde 1999
Foi coordenador do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública de 1992 a 1998
Membro da Assembleia Municipal de Faro
Vice-presidente do Comité Inter-Fronteiriço Algarve-Andaluzia.

Carina Infante do Carmo

28 anos
Professora universitária
Mestre em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Letras de Lisboa
Membro do PCP.

Álvaro José Alves Pereira

50 anos
Médico
Presidente do Conselho Municipal de Olhão de 1981 a 1982
Membro da Assembleia Municipal de Olhão durante dois mandatos

Director do Centro de Saúde de Olhão de 1988 a 1994
É consultor de Medicina Geral Familiar e presidente do Colégio de Medicina Geral e Familiar da Ordem dos Médicos
Director da CAF de Olhão e da Unidade de Desabilitação do Algarve do Serviço de Prevenção e Tratamento da Toxicodpendência
Membro do PCP.

Maria Brites Quintino da Silva Nunes Dias

48 anos
Funcionária pública
Co-autora, com José Alcobia e João Carlos Brandão, do livro *O Problema Colonial*
Membro da Direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores, integrou a Comissão Directiva da Direcção Distrital no mandato de 1997
Primeira secretária da Mesa da Assembleia de Freguesia de S. Sebastião de Lagos, desde 1994, ocupou o lugar de presidente entre Junho e Dezembro de 1997
Membro da Assembleia de Freguesia de Santa Maria de Lagos
Integra o Conselho Municipal de Segurança do Município de Lagos
Membro da Coordenadora da CDU do concelho de Lagos
Independente.

Viana do Castelo precisa de uma voz diferente

A apresentação pública dos candidatos da CDU pelo círculo eleitoral de Viana do Castelo, realizada no dia 6 de Agosto, foi, segundo o seu mandatário, um acto de «alto significado político» pelo interesse com que a coligação encara no distrito a possibilidade do seu reforço.

O reforço do número de votos e do número de deputados da CDU na Assembleia da República é indispensável para «abrir caminho a uma alternativa democrática ao rotativismo habitual» entre o PS e o PSD - incompatível «com uma qualquer maioria absoluta do PS» - e ao desenvolvimento do País.

Um desenvolvimento que, para a CDU, tem que assentar na defesa das alavancas essenciais da economia portuguesa, numa mais justa distribuição do rendimento nacional, na valorização da nossa produção, na criação de emprego com direitos e no combate às enormes assimetrias regionais existentes.

Assim, as verbas para o desenvolvimento do Alto Minho terão de resultar de «uma postura persistente, coerente» e «identificada com os reais interesses do distrito», que os candidatos da CDU se comprometem a assumir.

João Duarte, primeiro candidato da CDU por Viana do Castelo, após ter tecido críticas às políticas seguidas primeiro pelo PSD e depois pelo PS, afirmou que Portugal está confrontado com duas possibilidades de evolução a curto e médio prazos. Uma, a afirmação de Portu-

gal «como Estado-nação em desenvolvimento numa União Europeia de povos e Estados soberanos e iguais em direitos, renovada e com um rumo económico, social e político, distinto das orientações neoliberais que têm sido dominantes». Outra, uma evolução no sentido de transformar Portugal numa «região europeia» de um Estado europeu mais ou menos federal, parceiro menor de um bloco económico-político-militar, mais ou menos dependente dos Estados Unidos da América».

Para o cabeça de lista da CDU, essa evolução vai ser determinada pela correlação de forças políticas, económicas e sociais que resultarem das próximas eleições legislativas, em que «vamos sufragar o projecto político que queremos».

Ora, com o rotativismo entre o PS e o PSD no governo, o que se tem verificado é que o distrito de Viana do Castelo tem sido esquecido pelos investimentos públicos, que o índice de envelhecimento da sua população tem vindo a acentuar-se, e que enferma de atrasos que se traduzem em índices de desenvolvimento que ou são iguais ou inferiores aos dos distritos do interior.

Em resumo, um atraso que se deve ao «desenvolvimento bicéfalo de Portugal entre Lisboa e Porto» e é agravado pelo abandono a que os governantes o têm votado e que se traduz pelo desaparecimento de mais de 1700 dos 2700 pescadores que existiam, de 35,6% das explorações agrícolas da região e à diminuição do investimento público desde 1997.

Os próximos anos serão, pois, «determinantes» para o distrito, impondo-se que Viana do Castelo «se desenvolva depressa, não por inércia ou arrastamento, mas por um forte impulso que, de forma coordenada e rápida, desencadeie os instrumentos necessários» ao seu crescimento. O que, como se viu, não é possível com o PS ou o PSD.

A CDU pugnar, contudo, por esse desenvolvimento sustentado do distrito, daí a importância da eleição de um deputado seu por Viana. Um deputado que, ao mesmo tempo, terá um «efeito positivo» junto dos deputados dos outros partidos, «cuja passividade e cultura de obediência perante o governo e os poderes instituídos» lhes retira «força e empenho da luta pelo desenvolvimento do distrito».

A terminar, João Duarte deixou um desafio aos seis deputados eleitos por este círculo eleitoral: que, juntamente «com as associações de municípios e de desenvolvimento regional, as organizações sócio-profissionais e culturais e os órgãos da administração concentrada» definam as «prioridades do distrito e, em Abril de cada ano, no âmbito do Orçamento e do Plano para o ano seguinte, apresentem uma proposta comum».

— Lista de candidatos —

João Pereira Duarte
45 anos - Licenciado em Direito e funcionário do PCP
Membro do Comité Central, da Direcção Inter-Regional do Norte e da Direcção da Organização Regional de Viana do Castelo
Integrou a lista de candidatos da CDU à Assembleia da República em 1991 e à Câmara Municipal de Viana do Castelo em 1997

Maria do Pilar Garcia Martins Cavalheiro
56 anos - Licenciada em Ciências Geológicas
Professora do 2º ciclo
Foi militante do MDP/CDE
Membro da Intervenção Democrática

Fernando Manuel Branco Viana
42 anos - Coordenador da Direcção do Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Viana do Castelo e da sua Federação Nacional
Membro da Comissão Executiva da União dos Sindicatos de Viana do Castelo
Membro do PCP



João Duarte

Fátima de Jesus Carixas Silveirinha
25 anos - Estudante finalista da Escola Superior de tecnologia e Gestão
Membro da Comissão Política da JCP

António Enes Domingues
49 anos - Professor
Director do Centro de Formação de Professores dos Arcos de Valdevez e Ponte da Barca
Eleito da CDU na Assembleia de Freguesia de Soajo
Membro do PCP

Maria do Céu Dias Gonçalves
36 anos
Assistente Administrativa no Centro Regional de Segurança Social
Dirigente do Sindicato da Função Pública do Norte
Eleita pela CDU na Assembleia de Freguesia de Monserrate
Membro do PCP

João Abel Costa Cerqueira
65 anos - Quadro superior de empresa, reformado
Activista da oposição democrática desde a campanha de Arlindo Vicente
Foi candidato indigitado da oposição nas eleições de 1969
Membro do PCP.

António Carlos Almeida Matos Torres
34 anos - Advogado
Eleito na Assembleia Municipal de Ponte de Lima
Independente

Rui de Sá Afonso
47 anos
Bacharel em engenharia electrotécnica
Professor do Ensino Secundário
É membro da Direcção do Sindicato dos Professores do Norte e Coordenador da Área Sindical de Viana do Castelo e membro do Conselho Nacional da FENPROF
Independente

Alberto Jaime Marques Midões
43 anos - Médico cirurgião
Membro da Sociedade Portuguesa de Cirurgia, da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa (Academia Portuguesa de Medicina) e da Sociedade Portuguesa de Cuidados Intensivos
Eleito na Assembleia Municipal de Viana do Castelo
Cabeça de lista da CDU à Câmara de Viana do Castelo em 1995
Membro do Comité Central e da Direcção da Organização Regional de Viana do Castelo do PCP

Manuel Fernando Cerqueira Rodrigues
49 anos - Engenheiro agrónomo
Presidente e Professor da Cooperativa de Ensino Ancorense, em Vila Praia de Âncora
Director da Associação de Agricultores do Alto Minho
Membro da Câmara Agrícola do Norte
Candidato à Câmara de Caminha nas eleições autárquicas de 1997
Independente



Deputados comunistas prestam contas

Leis da República com origem em projectos de lei

Lei nº (aguarda publicação)

Altera os montantes das coimas e das multas resultantes de infracções a normas da legislação laboral

Através do Projecto de Lei 269/VII, o PCP propôs o aumento de coimas e multas para as condutas infractoras dos direitos dos trabalhadores.

Aprovado na generalidade, o Projecto de lei aguardou mais de um ano pela apresentação da Proposta de Lei do Governo anunciada apressadamente na comunicação social no dia do debate da iniciativa do PCP.

Do resultado do debate na especialidade sublinham-se os seguintes contributos da iniciativa do PCP:

- A consagração do direito de intervenção das associações sindicais no processo contra-ordenacional;

- A salvaguarda do pagamento dos créditos dos trabalhadores, por inteiro, e de imediato, ainda que o pagamento das coimas se processe em prestações;

- A melhoria do regime de publicitação da infracção cometida contra os direitos dos trabalhadores;

- A manutenção da criminalização de infracções a direitos colectivos dos trabalhadores, como a infracção do direito à greve, infracções que no diploma do Governo passavam a ser meras contra-ordenações.

Lei nº (aguarda publicação)

Estabelece o Regime Jurídico de Criação de Associações de Freguesia

A iniciativa legislativa do PCP visou possibilitar a criação de Associações de Freguesia, com o objectivo de duas ou mais freguesias exercerem em conjunto atribuições próprias, de forma a rentabilizar os recursos de que dispõem (Projecto de Lei nº 425/VII). Depois de aprovado na generalidade, o Projecto esteve cerca de um ano «congelado» por imposição do Grupo Parlamentar do PS, à espera que o Governo conseguisse, também ele, apresentar alguma iniciativa sobre esta matéria.

O PS e o Governo introduziram assim um atraso desnecessário relativamente a uma questão urgente, face à necessidade objectiva sentida pelas Freguesias, e que pôs fim a uma inconstitucionalidade por omissão, dado que, na última revisão constitucional, por proposta igualmente do Grupo Parlamentar do PCP, ficou consagrado este direito de associação.

A versão final da lei que veio a ser aprovada é menos avançada do que o nosso projecto

de lei inicial. Mais rígida no que se refere à composição e competência dos órgãos, não tem em conta as grandes diferenças entre freguesias existentes que espelham realidades e complexidade de problemas muito diversos e não permite a criação de um quadro de pessoal próprio para a Associação, caso venha a ser necessário.

A sua aplicação prática irá pôr novamente a questão na ordem do dia e justificar uma alteração à lei, tal como veio a acontecer com as Associações de Municípios.

O PCP sempre tem dado grande importância política às Freguesias, pois que estas autarquias têm dado, e continuarão a dar, uma contribuição inestimável ao Poder Local e à democracia portuguesa. A sua proximidade com as populações confere-lhes grandes potencialidades democráticas e impõe que se caminhe no sentido do aumento das atribuições, competências e autonomia financeira, dignificando as freguesias cada vez mais e contribuindo assim para aprofundar a democracia participativa.

Lei nº (aguarda publicação)

Lei que proíbe as discriminações no exercício de direitos por motivos baseados na raça, cor, nacionalidade ou origem étnica

Esta Lei visa prevenir e proibir a discriminação racial sob todas as suas formas, considerando como práticas discriminatórias as acções ou omissões que, em razão da pertença de alguém a determinada raça, cor, nacionalidade ou origem étnica, violem o princípio da igualdade, designadamente

- A adopção de procedimento, medida ou critério, directamente pela entidade empregadora ou através de instruções dadas aos seus trabalhadores ou a agência de emprego, que subordine a factores de natureza racial a oferta de emprego, a cessação de contrato de trabalho ou a recusa de contratação;
- A produção ou difusão de anúncios de ofertas de emprego, ou outras formas de publicidade ligada à pré-selecção ou ao recrutamento que contenham, directa ou indirectamente, qualquer especificação ou preferência baseada em factores de discriminação racial;
- A recusa de fornecimento ou impedimento de fruição de bens ou serviços, por parte de pessoa singular ou colectiva;
- O impedimento ou limitação ao acesso e exercício normal de uma actividade económica por qualquer pessoa singular ou colectiva;
- A recusa ou condicionamento de venda, arrendamento ou subarrendamento de imóveis;

- A recusa de acesso a locais públicos ou abertos ao público;

- A recusa ou limitação no acesso aos cuidados de saúde prestados em estabelecimentos de saúde públicos ou privados;

- A recusa ou limitação no acesso a estabelecimentos de ensino público ou privado;

- A constituição de turmas ou a adopção de outras medidas de organização interna nos estabelecimentos de ensino público ou privado, segundo critérios de discriminação racial;

- A adopção de prática ou medida por parte de qualquer órgão, funcionário ou agente da Administração directa ou indirecta do Estado, das regiões autónomas ou das autarquias locais, que condicione ou limite a prática do exercício de qualquer direito;

- A adopção por entidade empregadora de prática que no âmbito da relação laboral discrimine um trabalhador ao seu serviço;

- A adopção de acto em que, publicamente ou com intenção de ampla divulgação, pessoa singular ou colectiva emita uma declaração ou transmita uma informação em virtude da qual um grupo de pessoas seja ameaçado, insultado ou aviltado por motivos de discriminação racial.

TRABALHADORES

Comércio de Setúbal

Os trabalhadores do comércio a retalho do distrito de Setúbal têm em discussão até final do corrente mês o projecto de revisão do seu Contrato Colectivo de Trabalho (CTT) aplicável. A presente proposta de revisão, a entregar no final de Agosto às associações patronais do distrito de Setúbal, abrange cerca de doze mil trabalhadores, actualmente com um salário médio na ordem dos 77 mil escudos. A proposta dos trabalhadores para a revisão do CCT, previsto entrar em vigor em Outubro próximo, contempla cinco por cento de aumento de tabela salarial, bem como a consagração contratual de um subsídio de alimentação de 250\$00/dia.

Conservadores dos registos

Os conservadores dos registos civil, predial e comercial ameaçam entrar em greve nacional a partir de 6 de Setembro, caso o ministro da Justiça não efectue as reformas prometidas para o sector. Em comunicado, a Associação Sindical de Conservadores dos Registos, classifica a actuação de Vera Jardim no sector como «desastrosa». Em causa estão, segundo a associação sindical, as «promessas falhadas do ministro Vera Jardim de reforma da instituição, que passariam pela informatização dos registos, formação do pessoal, actualização dos quadros, melhoria das condições de atendimento público», reformas estas que, em sua opinião, «já viriam muito tarde». Segundo a associação, que refere que, caso aconteça, a greve prolongar-se-á até à semana das eleições legislativas, o ministro quer deixar os registos «piores do que os encontrou há quatro anos». «A "última gota" que verdadeiramente incendiou os ânimos, abrangendo os Conservadores e Oficiais de todos os sectores dos Registos, foram as promessas reiteradas que Vera Jardim se prepara, igualmente, para não cumprir, de reparar as distorções remuneratórias que, vindo já desde 1990, foram muito agravadas pelas tabelas emolumentares recentemente aprovadas para cada sector», conclui o comunicado.

Determinação na base da vitória

Luta dos enfermeiros trava despedimentos

Mobilizados em defesa dos seus direitos, os enfermeiros querem eliminar a precariedade no emprego e melhorar aspectos da sua carreira

Os despedimentos de enfermeiros que se iriam verificar até ao final do ano, por término dos contratos a termo certo destes profissionais, foram adiados devido ao prorrogamento dos contratos até Abril de 2000.

A medida surgiu após o Ministério da Saúde ter aceite a proposta do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses (SEP) para que o período de dois anos durante o qual os contratos de seis meses são renováveis seja contado a partir da publicação do decreto-lei 53/98, de 11 de Março, que veio alterar os moldes de admissão dos enfermeiros nas instituições de Saúde.

Em resultado daquela prorrogação, considerada uma vitória resultante do «empenhamento e solidariedade de todos os enfermeiros», no entender do Direcção Regional do Porto do SEP, foi suspensa a greve que estava prevista para o passado dia 12 no Hospital de S. João.

De acordo com o SEP, os despedimentos de profissionais, que se estavam já a verificar em várias instituições do País, era motivado por «diferentes interpretações jurídicas em torno deste documento», uma vez que as administrações hospitalares contavam o tempo total dos contratos desde o período anterior à publicação

da legislação e não desde Março do ano passado.

Por outro lado, no que toca a uma maior segurança laboral, o descongelamento recente de 3.675 vagas para admissão de pessoal de enfermagem à função pública, vai permitir, segundo declarações à Lusa de Guadalupe Simões, dirigente do SEP, «a passagem dos cerca de 2.000 enfermeiros com contrato a termo certo a contrato administrativo de provimento».

Embora se congratule com o número de vagas agora aberto, que «vai também permitir a admissão em contrato administrativo de provimento dos estudantes de enfermagem que optem por ingressar no mercado de trabalho e não pela realização da licenciatura», Guadalupe Simões considera que o ideal seria que esta modalidade de admissão não estivesse dependente do descongelamento anual de quotas.

Criticando a existência de «falta de vontade política» para se avançar nessa direcção, a dirigente sindical censura o facto de, nos moldes actuais, as



quotas funcionarem apenas como «uma barreira que permite ao Ministério das Finanças não admitir funcionários públicos para além do orçamentado, o que não devia acontecer num sector como a Saúde».

O Sindicato entende ainda que, face à carência de enfermeiros nas instituições portuguesas, «não faz sentido que todos os anos se proceda ao descongelamento de quotas, quando o número de profissionais que sai das escolas todos os anos - cerca de 1.000 - não é suficiente para as ocupar, apesar de serem absorvidos imediatamente».

Em face disto e para acabar «com medidas avulso», conforme salienta em comunicado, o SEP defende a necessidade de ser definido «um plano de emprego para o futuro, com planeamento do número de vagas para admissão de alunos nas Escolas Superiores de Enfermagem de acordo com as necessidades nacionais», bem como uma «decisão política sobre um novo processo de admissão na função pública, que elimine a precariedade e estabilize o sector».

Além destes pontos, Guadalupe Simões destaca a necessidade

de se avançar rapidamente para a definição das condições de risco e penosidade na carreira de enfermagem - uma matéria que continua ainda em discussão entre o SEP e o Ministério da Saúde.

«O ministro adjunto e da Administração Interna assumiu, perante o SEP, o compromisso de que esta matéria seria resolvida ainda durante esta legislatura», salienta a sindicalista, que deixa o alerta: «caso isso não suceda, os enfermeiros poderão considerar a hipótese de realizar uma greve em Setembro».

A manter-se intransigência da administração

Trabalhadores da Petrogal avançam para a greve

A esmagadora maioria dos 2.700 trabalhadores da Petrogal ratificou na semana transacta uma proposta de greve no mínimo de três dias, a realizar duran-

te Agosto ou Setembro, caso não seja entregue o prémio de produtividade a que têm direito.

Reunidos em plenário, os trabalhadores da Petrogal decidi-

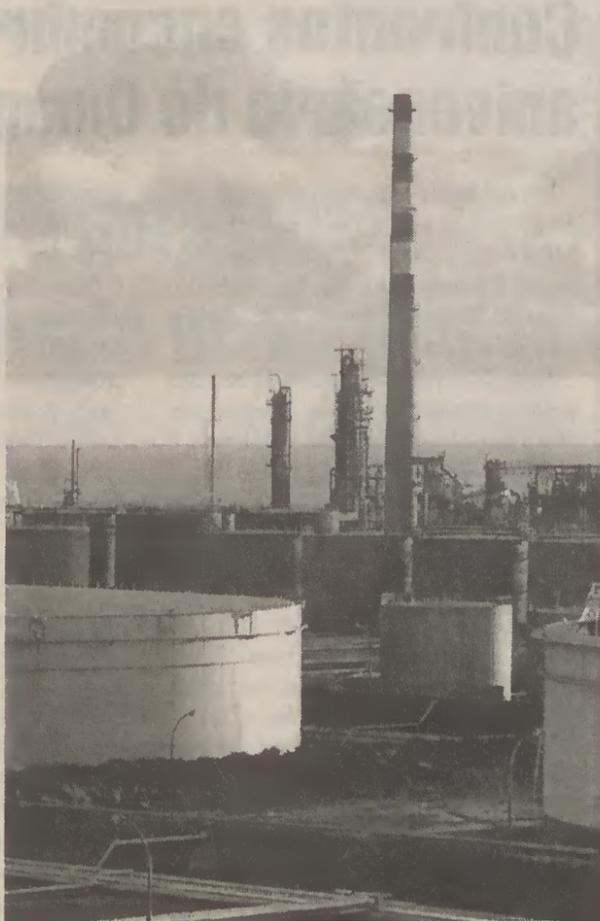
ram «avançar com a greve» se a Administração não atribuir o prémio de produtividade, que se comprometeu a pagar em Agosto se a empresa ultrapassasse os 16 milhões de contos de resultados no primeiro semestre de 1999, o que aconteceu.

A proposta desta greve, discutida em vários plenários de trabalhadores, surgiu depois da recusa da administração da

Petrogal em proceder ao pagamento do referido prémio, sob a alegação de que as condições de «paz social» na empresa foram quebradas devido à realização de uma greve de dois dias em Janeiro. Para a administração da empresa a atribuição de prémios de produtividade «não se coaduna com a realização de greves», de acordo com declarações de um seu porta-voz à Lusa.

«Chantagem» foi como os trabalhadores da Petrogal classificaram entretanto esta decisão da administração, que, na opinião da Fequimetal, põe em causa o direito constitucional à greve.

Ao exigir a manutenção das condições de «paz social» para pagar o prémio de produtividade, a administração «pretende enterar» o direito de greve na Petrogal, acusa aquela federação sindical.



Trabalhadores acusam administração da Petrogal de fazer chantagem e de pôr em causa o direito à greve

Compra de sede da CGTP-IN

Campanha de fundos ultrapassa os 100 mil contos

Ultrapassou já os 100 mil contos a campanha de fundos lançada pela CGTP-IN com vista à aquisição da sua sede histórica, em Lisboa. O resultado obtido até ao momento, segundo a Central sindical, traduz o «envolvimento empenhado das estruturas sindicais» e, bem assim, a «resposta positiva dos trabalhadores» ao seu apelo.

Os fundos da campanha, de acordo com uma nota aos órgãos de comunicação social, provêm de quotizações extraordinárias de milhares de trabalhadores dos mais diversos sectores de actividade, incluindo, entre outros, operários, administrativos, quadros técnicos, professores, médicos.

A campanha está ainda a revelar-se, a par dos resultados financeiros, como «um factor de mobilização e organização dos trabalhadores», afirma a CGTP-IN, que exemplifica, a este propósito, com a sindicalização de mais trabalhadores, havendo também a registar a eleição de mais delegados sindicais, a dinamização de comissões sindicais e uma maior aproximação entre os sindicatos e aqueles que representam.

Não obstante a existência de razões para estar satisfeita com o andamento da campanha, a Comissão Executiva da CGTP-IN decidiu imprimir-lhe novo impulso, com iniciativas a diferentes níveis, a promover logo após o período de férias.

Brasil

Início do julgamento do massacre de Carajás

Começou na segunda-feira o julgamento do massacre do Eldorado do Carajás, na aula magna da Universidade da Amazônia, em Belém, no Estado brasileiro do Pará. No banco dos réus estão 141 polícias militares acusados do assassinato de 19 camponeses membros do Movimento dos Sem-Terra, levado a cabo em Abril de 1996.

Um total de 189 jurados vão estudar os vinte e cinco volumes de actas e determinar quem são os responsáveis pelas mortes, num processo que durará até Dezembro com sessões de duas em duas semanas. Serão julgados três polícias de cada vez.

Cerca de 500 soldados estão encarregues da segurança.

A acusação argumenta que se tratou de um massacre pré-determinado e recorda que as forças de segurança foram auxiliadas por pistoleiros ao serviço dos latifundiários da região.

Percurso e objectivos do MST

O Movimento dos Sem-Terra nasceu em 1984, fruto da articulação de várias estruturas que, no final da década de 70, foram desenvolvendo lutas pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores rurais.

«O capitalismo nacional não conseguia mais aliviar as contradições existentes no avanço em direcção ao campo. A concentração da terra, a expulsão dos pobres da área rural e a modernização da agricultura persistiam, enquanto o êxodo para a cidade e a política de colonização entravam em aguda crise», lembra o MST.

Os Sem-Terra têm três grandes objectivos: a terra, a reforma agrária e uma sociedade mais justa. Neste contexto, defende a expropriação das grandes áreas pertencentes às multinacionais, o fim dos latifúndios improdutivos e a definição de uma área máxima de propriedade rural.

O MST propõe ainda a autonomia das áreas indígenas, a democratização da água no Nordeste e a cobrança do Imposto Territorial Rural, cujo dinheiro terá será destinado à reforma agrária.

Nos seus 15 anos de existência, o MST conseguiu que 140 mil famílias conquistassem a terra. O aumento do rendimento dessas famílias foi já comprovada. A educação é uma área privilegiada pelos Sem-Terra, envolvendo mais de 38 mil estudantes e cerca de 1500 professores.

Venezuela Assembleia decreta reorganização nacional

A Assembleia Nacional Constituinte, na sua sessão de sexta-feira, reconheceu a «grave crise» que abala a Venezuela e decretou «todas as medidas necessárias para enfrentar situações específicas da reorganização com a intervenção, alteração ou suspensão dos órgãos do poder público que considere necessárias».

«O propósito desta lei é recuperar o Estado de Direito, a estabilidade e a ordem necessárias para reconstruir a república no âmbito dos valores democráticos», afirmou o vice-presidente da Assembleia, citado pela Lusa.

O decreto aprovado considera que a «crise política, económica, moral e institucional» levou ao «colapso» os órgãos públicos do

poder político e «mantém a maioria da população num inaceitável estado de empobrecimento, com o qual se violam os mais elementares direitos humanos».

O documento sublinha que a crise institucional tem um carácter «estrutural», que influencia de uma forma determinante a sua capacidade de superar as crises.

Na terça-feira, a Assembleia começou a emitir decretos específicos com o objectivo de intervir nas áreas corruptas. Um dos primeiros casos a ser tratado é o da Confederação de Trabalhadores da Venezuela (CTV), organização que agrupa 3 mil sindicatos, um pilar do regime dos últimos 40 anos, acusada de corrupção e de dissipar a riqueza nacional.

Além disso, as armas entregues para investigação não correspondem às balas encontradas nos cadáveres, o que indicia que o armamento utilizado pelos polícias era de propriedade privada e não do arsenal oficial.

Na primeira sessão estiveram presentes o coronel Mário Colares Pantoja, o comandante José Maria Pereira de Oliveira e o capitão José de Almendra Lameira, os três militares que lideravam o pelotão da polícia militar. A estratégia da defesa consiste em fazer cair a responsabilidade sobre o governador do Pará, Almir Gabriel, que foi avisado da possibilidade dos confrontos.

«No interrogatório, o coronel Pantoja disse claramente em duas ocasiões que a responsabilidade da matança foi do Governo do Pará», referiu o bispo Tomás Balduino, presidente da Comissão Pastoral e acessor da acusação. Balduino sublinhou que este foi um homicídio «claramente político».

Dos 400 assassinatos que foram cometidos contra camponeses entre 1987 e 1996, só seis tinham até agora chegado aos tribunais. Este julgamento é considerado unanimemente como o mais importante da história do Brasil.

Dignidade brasileira

«É o país que está na sala do julgamento, a sua dignidade, a sua imagem externa. Se houver condenados, o Governo e a sociedade sairão vitoriosos», afirmou Edgar Coling, membro do MST, que recebeu recentemente um prémio da Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro que distingue o trabalho



Na sequência da invasão de uma fazenda, 19 sem-terra foram assassinados por 141 polícias militares em 1996. Três anos depois, inicia-se o julgamento

do movimento na educação de crianças, jovens e adultos.

Para Edgar Coling, o Brasil é mundialmente conhecido pelo «futebol, café e mulheres», mas agora «é preciso que nos conheçam também pela dignidade».

O massacre já foi julgado simbolicamente por um Tribunal Internacional, organizado

pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara do Senado brasileiro, que condenou o presidente Fernando Henrique Cardoso e os governadores do Pará e Redónia «por não deterem a gana dos latifundiários».

Phillipe Texier, um dos jurados do tribunal e conselheiro da Comissão dos Direitos Huma-

nos da ONU, defendeu que os que executaram e os que deram os ordens deveriam ser julgados individualmente.

«Quem não promove a reforma agrária, seja o presidente ou o ministro, é responsável pelo que acontece», afirmou na ocasião o escritor José Saramago, outro jurado do tribunal.

História e testemunhos

No dia 17 de Abril de 1996, cerca de 1500 trabalhadores rurais, membros e simpatizantes do Movimento dos Sem-Terra (MST), paralisaram a estrada que liga Eldorado do Carajás e Marabá.

O seu objectivo era protestar contra o desalojamento de um acampamento na fazenda da «Macaxeira» e exigir ao Governo do Pará que cumprisse as suas promessas no sentido de fornecer um autocarro que levasse elementos do MST até à capital, onde a resolução do caso seria negociada.

Sob o pretexto de desobstruir a via, 200 polícias militares, armados com pistolas e espingardas, assassinaram a sangue frio 19 camponeses e feriram gravemente outros 69. Alguns sem-terra foram mortos à queima-roupa depois de se renderem. Outros foram executados com foices e machados.

Uma das testemunhas do processo é Ignácio Pereira, que perdeu um filho no massacre e só escapou porque fingiu estar morto. Viajou um

total de 100 quilómetros no camião que transportou os cadáveres das vítimas. «As minhas recordações são horríveis e, desde então, já não consigo viver naquele lugar nem voltar a cultivar a terra», conta.

Rita Monteiro, que testemunhou o massacre da janela de sua casa, recorda que, depois da matança, os polícias entraram em sua casa e colocaram numa mesa sacos com sangue coagulado e pedaços de massa encefálica. «Indignei-me e disse-lhes para levarem imediatamente aquele horror da minha casa», explica.

O MST denunciou desde logo que o inquérito policial realizado no âmbito da justiça militar, aberto logo a seguir ao massacre, «foi concluído às pressas». «Não foram realizadas diligências imprescindíveis», acusam, tal como o reconhecimento dos acusados pela vítimas, o exame de resíduos de pólvora nas mãos dos polícias e a análise das fardas.

Ulster

Confrontos ensombram aniversário de Omagh

Um ano depois do atentado de Omagh, perpetrado pelo Ira Real, a Irlanda do Norte manifestou o seu respeito às 29 vítimas mortais do ataque bombista e aos seus familiares. No domingo, durante um minuto, tudo ficou em silêncio nas casas, nas ruas e nas lojas.

Numerosas pessoas juntaram-se na praça erigida à memória das vítimas. A ministra britânica para a Irlanda do Norte, Mo Mowlan, e a secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros, Liz O'Donnell, acompanharam as famílias enlutadas e vários dos 350 feridos do atentado participaram numa missa campal de «lembrança e reconciliação».

Contudo, o espírito que presidiu às iniciativas que assinalaram o primeiro aniversário do mais violento ataque no Ulster não foi seguido nas ruas de Londonderry, Belfast e Lurgan. Nestas cidades, os confrontos entre grupos católicos nacionalistas e a polícia marcaram violentamente o fim-de-semana.

O motivo repete-se há alguns anos: o desfile da marcha protestante dos «Jovens Aprendizes». Esta ordem comemora o seu contributo na Batalha de Boyne, em 1688, na qual Gui-

lherme de Orange (mais tarde Guilherme II da Inglaterra e Escócia) derrotou o rei católico Jaime II.

Os católicos – que constituem a maioria da população – não concordam com a realização dos desfiles e fizeram questão de o mostrar, protestando e tentando impedi-la. Quando as forças de segurança obrigaram os manifestantes a dispersar, os confrontos não se fizeram esperar. Entre a polícia contam-se 27 feridos, 19 em Belfast e oito em Londonderry. O número de populares feridos é desconhecido.

Durante a noite, os protestos alastraram por Londonderry. Uma dezena de automóveis e três agências bancárias foram incendiadas e várias lojas pilhadas. Segundo a polícia, foram atirados 250 «cocktails Molotov».

Martin McGuinness, dirigente do Sinn Fein, criticou os actos violentos e os desfiles, mas não deixou de referir que «manter a paz rodeados de polícias é difícil». Por seu lado, Chris Flood, membro do Governo irlandês, afirmou que os agentes de segurança não souberam manter a calma.

Kosovo ONU desespera com o UCK

«Não vou permitir de forma alguma, no futuro, que sejam queimados dezenas de lares de sérvios, mesmo que tenha de entrar em conflito com o UCK. Disse a Thaci [chefe político do Exército de Libertação do Kosovo (UCK)] que a minha paciência está no limite.»
As palavras são do administrador provisório das Nações Unidas (ONU) no Kosovo, Bernard Kouchner, em recentes declarações à imprensa, e testemunham a gravidade crescente da situação que se vive na província sérvia.

Bernard Kouchner, que continua à espera de um «reforço de cerca de 5 000 soldados», reconhece que a ONU não tem «condições para proteger a cem por cento os sérvios», embora reafirme que «a segurança é a nossa prioridade».

Kouchner, sublinhando que espera de Rugova «presença dinâmica, porque até agora ele tem feito uma política de cadeira vazia».

Não é apenas o administrador da ONU no Kosovo que está a «perder a paciência» com os cri-

todo o tipo de depurações étnicas, incluindo a levada a cabo em Chipre pelos turcos, logo que o exército turco ocupou militarmente o norte da ilha em 1974.

«Com a mesma força e a mesma lei, nós exigimos que voltem às suas terras os refugiados gregos em Chipre, expulsos há 25 anos em nome de uma inadmissível política de depuração étnica», afirmou.

Segundo o ministro, a comunidade internacional e os organismos internacionais «têm neste momento a responsabilidade de intervirem de uma forma decisiva para virar esta situação com o diálogo, na base das decisões das Nações Unidas e princípios do Direito».

construir nos Balcãs pequenos estados de um ou dois milhões de habitantes, teremos bem vinte (desses estados)».

O ministro italiano lembrou que a NATO não entrou no Kosovo «para o oferecer ao UCK», o Exército de Libertação do Kosovo, e garantiu que não haverá «qualquer ajuda para a reconstrução» do Kosovo, «se nós não reforçarmos o combate contra o crime (como os ataques contra os sérvios) e o tráfico de droga que está em expansão».

Dini reconheceu ainda a existência de um problema de «transparência» no seio da NATO durante os bombardeamentos contra a Sérvia, dado que se registaram bombardeamentos do Conselho Atlântico (que dirige a NATO) que não foram previstos, como o ataque contra a televisão sérvia que, de acordo com a Itália e outros países europeus, não deveriam ter sido feitos. «Em certos casos, não chegámos a perceber quem é que terá decidido os bombardeamentos, se o comandante supremo da NATO se o Pentágono», disse o diplomata italiano.

Curiosamente, os EUA têm mantido um silêncio, no mínimo comprometedor, quanto à escalada de violência registada no Kosovo.

Saldo sinistro

Mais de 200 aldeias e 41 igrejas sérvias foram destruídas no Kosovo desde Junho, data da chegada da força multinacional da KFOR à província sérvia, segundo afirma o padre Atanasije Rakita, citado domingo pelo diário Glas Javnosti.

Os albaneses do Kosovo «destróem sistematicamente» as aldeias e os locais de culto, denuncia o padre, acrescentando que «os sérvios que permaneceram no Kosovo são assassinados, torturados, raptados e maltratados» pelos albaneses.

«O mais inquietante - diz - é

Novo Governo de coligação em Belgrado

A República Federal da Jugoslávia (que inclui a Sérvia e o Montenegro) tem um novo governo, formado na quinta-feira. Dos 27 ministros, 22 são membros do Partido Socialista e cinco do Partido Radical do nacionalista Vojislav Seselj.

Esta formação, que já pertencia ao executivo antes da guerra, criticou duramente Milosovic e acusou-o de ter perdido a província do Kosovo. Abandonou inclusivamente o governo em protesto contra as decisões do presidente jugoslavo.

Sete dos antigos titulares do Partido Radical no governo perderam o seu lugar, entre eles Zoran Lilic, o presidente que antecedeu Milosevic. O Movimento de Renovação Sérvia (monárquico), até há pouco tempo com quatro ministros, não ingressou na equipa do executivo.

Para formar o novo governo, o primeiro-ministro, Momir Bulatovic, convidou todos os partidos com assento parlamentar para conversações com vista a alcançar um consenso. Apenas os partidos que já faziam parte do governo aceitaram.

«O nosso objectivo é continuar com o actual processo de reformas e contribuir para o desenvolvimento económico», afirmou Slobodan Milosevic, frase contestada pela oposição, para quem as reformas só podem ser concretizadas com a renúncia do presidente, a formação de um governo de unidade nacional ou, em alternativa, formado apenas por técnicos, e a realização de eleições antecipadas antes do fim do ano.

A oposição defende que o executivo agora formado é igual ao anterior e reafirma que vai intensificar a luta nas ruas. Hoje realiza-se uma manifestação em Belgrado (a primeira na capital) contra Milosevic. Zoran Djindjic, dirigente da Aliança para a Mudança, já ameaçou com a convocação de greves gerais em todo o país.



O recente assassinato de 14 camponeses sérvios, bem como os repetidos actos de violência no Kosovo, testemunham a inoperância da KFOR face aos grupos armados que operam na província

«Se os sérvios partirem do Kosovo, então teremos sido derrotados e a guerra terá sido em vão», afirmou Kouchner, para quem o regresso ao Kosovo do dirigente kosovar Ibrahim Rugova é «um sinal encorajador».

«Espero que a sua presença possa trazer um equilíbrio e acabar com a limpeza étnica que se faz agora contra os sérvios e os ciganos», disse

mes dos albanos-kosovares. No passado domingo, também a Grécia exigiu que «cesse a política de depuração étnica feita actualmente pelos albaneses contra os sérvios» no Kosovo.

Em declarações proferidas durante a festa de Nossa Senhora da Assunção, no norte da Grécia, o ministro da Defesa grego, Akis Tsoharzopoulos, lembrou que o seu país, um dos aliados da NATO, se opõe a

O ministro dos Negócios Estrangeiros italiano, Lamberto Dini, alertou por seu turno que um Kosovo independente será «um factor de desestabilização» para os Balcãs. Numa entrevista ao diário «A República», no sábado, Dini disse que a abertura de um precedente no Kosovo seria um factor de desestabilização para a Macedónia e para a Albânia, sublinhando que «se começarmos a

que estes crimes são cometidos na presença da KFOR».

Estima-se em cerca de 200 000 o número de sérvios e outros cidadãos não-albaneses que foram obrigados a fugir do Kosovo desde a chegada da KFOR e o regresso em massa dos albanos-kosovares que fugiram da província durante os ataques da NATO. Também muitos milhares de albaneses que não vivam na região se têm vindo a instalar no Kosovo.

A violência começa já a fazer vítimas entre os próprios soldados da KFOR. No fim-de-semana, vários tiroteios atingiram uma patrulha alemã, provocando um ferido. O soldado alemão apenas sobreviveu graças ao colete à prova de balas.

Entretanto, um porta-voz da KFOR, major Roland Lavoie,

afirmou que dois sérvios foram feridos sábado durante um incidente armado com albaneses da localidade de Kosovska Mitrovica. A mesma fonte informou ter sido encontrado num apartamento de Prizren o cadáver de uma mulher não identificada, apunhalada, e o de um sérvio de 80 anos morto a tiro, em Pozaranje.

Dias antes, um soldado russo foi ferido a tiro por um atirador furtivo, no sudeste do Kosovo (sob controlo norte-americano). Outro soldado do mesmo sector já havia sido ferido, nas mesmas circunstâncias. A tensão entre albanos-kosovares e o contingente russo tem vindo a aumentar. Os albanos-kosovares consideram os russos aliados dos sérvios, pelo que os transformaram em alvos preferenciais.

Jugoslávia em risco de catástrofe ecológica

A organização humanitária Focus alerta para a iminência de uma catástrofe ecológica na Jugoslávia se não se tomarem urgentemente medidas para atenuar as consequências dos bombardeamentos da NATO.

O alerta foi feito no final de uma missão efectuada entre 19 de Julho e 12 de Agosto, em que os peritos daquela organização examinaram instalações de fábricas de produtos químicos, refinarias, depósitos de hidrocarbonetos e outros alvos dos aviões da NATO em Belgrado, Pancevo, Novi Sad, Vranje, Kragujevac, Nis, Bor, Smederevo e Pristina.

«Na base dos resultados des-

sas análises, a equipa de peritos concluiu que a libertação de substâncias extremamente tóxicas e cancerígenas constitui uma grave ameaça ecológica no território da Jugoslávia», refere o relatório agora divulgado.

«As consequências ecológicas mais graves», segundo o estudo, poderão surgir devido aos bombardeamentos do complexo industrial de Pancevo, refinaria de Novi Sad, depósitos de hidrocarbonetos de Smederevo e Pristina, além das estações eléctricas de Nis e Bor.

Os peritos da Focus recomendam «o recomeço das actividades das organizações internacionais, e particularmente de mis-

sões humanitárias, para evitar uma possível catástrofe».

Segundo a Focus, «é indispensável tomar medidas urgentes para localizar todas as zonas contaminadas» e para impedir a passagem de substâncias tóxicas nas correntes de água e zonas habitadas.

Já em 30 de Julho o Fundo Mundial para a Protecção da Natureza (WWF) apelara à tomada de medidas urgentes para se combater a poluição do Rio Danúbio pelas substâncias tóxicas provenientes de empresas industriais atacadas pela NATO.

A Focus é uma associação integrada por representantes da Rússia, Áustria, Suíça e Grécia.

Mortalidade infantil duplica no Iraque

A Unicef publicou um estudo que revela que a mortalidade infantil aumentou mais do dobro no Iraque depois da implantação do embargo. Em 1991, morriam 56 em cada mil crianças e actualmente a taxa é de 131 em cada mil.

Nas palavras da directora da Unicef, trata-se de uma situação de «emergência humanitária» e, embora o embargo não seja totalmente responsável pelos dias que se vivem no Iraque, «o povo iraquiano não sofreria as actuais privações, se não existissem as prolongadas medidas impostas pelo Conselho de Segurança», sublinhou Carol Bellamy, na semana passada.

«As sanções devem ser pensadas e postas em prática de forma a evitar um impacto negativo nas crianças», defendeu Bellamy, que referiu que não se pode pensar que o programa Petróleo por Alimentos «resolva todos os problemas».

A Unicef explica que o Governo iraquiano

agravou o problema de diversas formas, nomeadamente incentivando o uso de biberões em substituição do leite materno, e advertiu a comunidade internacional de que deve reconsiderar o embargo e aprovar fundos para programas humanitários.

Um dia depois da publicação do relatório, os EUA anunciaram que iriam doar um milhão de dólares destinados a um programa de reabilitações dos hospitais iraquianos. Bagdad recusou. «Se a administração norte-americana está tão preocupada com o destino das crianças, porque insiste em matar mensalmente pelo menos 6 mil?», questiona o jornal «As Saoura», órgão do Partido Baas, no poder.

O Programa Petróleo por Alimentos permite ao Iraque vender petróleo no valor de um milhão de contos, em cada semestre. Com esse valor pode comprar comida e medicamentos.

Legalização de imigrantes

Cerca de 3000 estrangeiros com processos de legalização pendentes desde há três anos, ao abrigo da Lei 17/96, deverão ver a sua situação regularizada até ao final de Setembro, segundo foi anunciado em Coimbra pela Comissão Nacional para a Legalização de Imigrantes (CNLI). Um conjunto de processos que terá a ver fundamentalmente, segundo a CNLI, com «os imigrantes dos chamados países de emigração recente, como a China, o Senegal, o Paquistão, a Índia e o Bangladesh». Em causa estão ainda 6000 requerimentos de Autorização de Residência Temporária, pedidos ao abrigo do Decreto-Lei 52/93 e do Decreto-Lei 244/98, que vem permitir o reagrupamento familiar, quando pedido por qualquer cidadão estrangeiro com autorização de residência de validade superior a um ano.

Iniciativas ambientais

No âmbito das Festas do Barreiro '99 o Fórum Juvenil *El Matador* acolheu, no passado fim-de-semana, uma exposição e um colóquio subordinado ao tema *ambiente*. No Fórum estará patente ao público, até 23 de Agosto, uma exposição da *parceria do ambiente* em que, num único painel, são apresentadas as várias entidades envolvidas e os objectivos propostos. A parceria nasceu com a assinatura de um protocolo entre a Câmara Municipal do Barreiro e diversas associações: diferentes agrupamentos do Corpo Nacional de Escutas, Associação de Amigos da Mata da Machada e do Rio Coina; ADAL - Associação de Defesa do Ambiente do Lavradio; Associação Juvenil *Olho Vivo* - Núcleo do Barreiro; BAR - Barreiro Anti-Resíduos; Clube do Ambiente da Escola Secundária de Santo André e Geração Verde - Associação Jovem de Defesa do Ambiente.

Águas Serra da Estrela

A Inspeção-Geral das Actividades Económicas (IGAE), em conjunto com a empresa produtora, procedeu à recolha de nove lotes das águas Serra da Estrela para análise química da água. Na sequência de casos de ingestão de água engarrafada alegadamente contaminada com uma substância ácida, que levou hospitalização de duas pessoas no Hospital Distrital de Faro (HDF), a IGAE refere que cada uma das garrafas plásticas de 33 cl. pertencia a lotes diferentes, engarrafados a 17 de Fevereiro e esclarece que o período normal de escoamento do *stock* da linha é de, aproximadamente, 15 dias, pelo que considera que a situação está «sob controlo».

Praias algarvias

O fenómeno de concentração de micro-organismos de algas nas águas do Barlavento algarvio, entre a Praia da Rocha e a Ria de Alvor, encontra-se dissipado, segundo fonte da Região de Turismo do Algarve. O relatório de análises efectuado pelo Instituto Português de Investigação Marítima (IPIMAR) concluiu que os níveis de concentração de micro-organismos de algas, que poderiam provocar alergias ou erupções cutâneas, são inferiores aos previstos para produzirem esse tipo de reacções. No relatório, o IPIMAR refere ainda que a toxicidade dos micro-organismos é nula, quer seja por contacto com a pele quer a nível da cadeia alimentar, através da ingestão de espécies piscícolas ou de bivalves.

Vilar de Perdizes

Congresso de Medicina Popular

O XIII Congresso de Medicina Popular, que vai decorrer em Vilar de Perdizes, Montalegre, entre 2 e 5 de Setembro, será especialmente dedicado à utilização das plantas medicinais. Uma opção que tem como objectivo, segundo o padre Lourenço Fontes, o principal dinamizador destes encontros de medicina popular, «demonstrar a importância da natureza e da defesa dos valores naturais». O congresso, que terá lugar no Centro Social de Vilar de Perdizes, deverá contar com cerca de 500 participantes portugueses e estrangeiros, incluindo um médico cubano, que apresentará uma comunicação sobre «Etnobotânica tropical». A utilização de plantas em Portugal, o papel das plantas na cultura científica e popular e os contributos da medicina popular para a medicina científica são alguns dos temas que estarão em debate.

Caça: Nova época com velha lei

A época de caça para as espécies migratórias de Verão abriu domingo, ainda subordinada à antiga legislação, uma vez que a Lei de Bases Gerais da Caça, aprovada em Julho pelo Parlamento, apenas com os votos favoráveis do PS e com os votos contra do PCP, não foi entretanto regulamentada.

Segundo dados oficiais, cerca de 29 por cento do território nacional está coberto por zonas de caça, repartidas pelas seguintes classificações: nacional, turística, associativa e social.

A época abriu domingo para cerca de 366 mil caçadores possuidores de licença para exercer a actividade venatória.

Juventude CDU exige melhor ambiente para Matosinhos

O reordenamento de toda a orla costeira na zona de Matosinhos e a criação urgente de uma adequada rede de saneamento básico, são as exigências da Juventude CDU do concelho, divulgadas em conferência de imprensa realizada sábado passado junto à Praia do Paraíso.

A Praia do Paraíso esteve mesmo na moda, nos anos 60 e 70, lembrou Renata Freitas, numa breve intervenção sobre o estado actual do ambiente no concelho. Entretanto, o pequeno ribeiro que aí desaguava foi-se transformando, «com a pressão urbanística e a falta de saneamento básico» num esgoto a céu aberto que tornou inviável a utilização da praia, contaminando a areia e a água do mar.

Este um dos exemplos do mau estado do ambiente em Matosinhos, apresentado pelos jovens da CDU, e que não será de fácil solução pois, ainda na opinião de Renata Freitas, «a vida desta praia está destruída até ao nível mais baixo da cadeia trófica, o plâncton, as algas, os animais que vivem nas rochas, os peixes, deixaram de ter condições de vida».

A falta de visão urbanística foi outro dos problemas abordados pelos jovens. «Ao ritmo a que crescem as imensas e enormes estruturas em betão armado, diminuem e desaparecem os espaços verdes circundantes», sublinhou

costeira», com graves anos para a preservação das espécies autóctones e destruição das dunas do litoral norte.

Em defesa de um bom ambiente no concelho, a Juventude CDU lembra as responsabilidades da

em Leça, passando pelo rio com esse nome próprio, e terminando nas praias de Matosinhos, com todo o seu festival de poluição», lembra José Pedro Rodrigues.

Neste quadro, a Juventude CDU defende o reordenamento



Falta de ordenamento da orla costeira é um dos problemas de Matosinhos

José Pedro Rodrigues, que defendeu que «a razão principal» destas situações «é sempre a mesma: as pressões económicas para um crescimento vertical acelerado não se mostram compatíveis com a manutenção e o incremento da qualidade de vida».

Esta mesma política se faz sentir na «irresponsabilidade na gestão dos recursos naturais da orla

Câmara (desde o 25 de Abril dirigida pelo PS) e refere alguns problemas flagrantes. «Temos a destruição das dunas em Lavra, o rasto de poluição na praia de Angeiras, o estado inaceitável da água no rio Onda, o desnorte urbanístico do Cabo do Mundo, o monstruoso esgoto na Praia do Paraíso, os esgotos de Fuzelhas e da Boa Nova, o estado das praias

de toda a orla costeira, «com incidência prioritária nas zonas de protecção paisagística», a criação de uma rede de saneamento básico adequada e «uma gestão urbanística que incremente a qualidade de vida da população de Matosinhos favorecendo, a par do crescimento habitacional, o surgimento de espaços verdes, de lazer e de desporto».

Falta de equipamentos na Tapada das Mercês

A falta de estacionamento, espaços verdes e uma farmácia na urbanização da Tapada das Mercês, em Sintra, são algumas das críticas da CDU local à autarquia.

De acordo com a CDU, faltam equipamentos essenciais na Tapada das Mercês, como uma farmácia, espaços verdes, que «são escassos e os poucos que existem estão mal tratados», ou estacionamento para automóveis.

Paula Borges, vereadora da CDU, considera ainda que «o atraso na conclusão das obras da estação de comboios das Mercês é um escândalo e uma vergonha, causando um incómodo diário às pessoas que utilizam este meio de transporte».

A vereadora defende também a construção de uma passagem desnivelada para «um melhor escoamento do trânsito, maior segurança e uma melhor ligação entre as Mercês e a Tapada das Mercês».

Os comunistas criticam igualmente a falta de água e o facto de a autarquia cobrar taxas e tarifas, como a dos resíduos sólidos, tornando o preço deste serviço num dos mais elevados a nível nacional.

Outra das propostas da CDU é a passagem desta localidade a freguesia para uma «aproximação entre os órgãos autárquicos e a população».

A Associação Olho Vivo também já criticou esta urbanização

porque, de acordo com o projecto inicial aprovado em 1974, estava prevista a construção em 102 hectares com uma população de 25 mil habitantes, número já excedido (30 mil habitantes) quando ainda só está construída metade desta área.

A CDU promoveu, sexta-feira passada, uma visita a esta localidade, «para ouvir a população e mostrar que as propostas do PS não foram concretizadas».

Palácio de Estoi Questões por esclarecer

A falta de informação e a pressa de assinar um protocolo para a recuperação e preservação do Palácio e Quinta de Estoi são considerados, pela CDU de Faro, como forma de servir «os objectivos eleitoralistas do PS sem a garantia de salvaguardar os verdadeiros interesses dos habitantes de Estoi».

A CDU lembra que sempre defendeu medidas que visassem esta recuperação e colocassem o palácio e a quinta «ao serviço da economia e da cultura locais», mas considera que o protocolo a assinar pela Câmara Municipal de Faro, a Enatur e a Direcção Geral dos Edifícios e Monumen-

tos Nacionais, tem «imprecisões e omissões».

Em particular, o protocolo não especifica quais as contrapartidas e usufruto directo para a população de Estoi, nem os encargos, para o município, dos edifícios adjacentes ao edifício central para o pessoal, das estradas de acesso, conduta de esgotos, conduta de água potável, rede de energia eléctrica, iluminação exterior da casa e ajardinamento e arranjos dos espaços exteriores do Palácio.

Assim, a CDU concorda que se faça o protocolo, mas exige que antes sejam esclarecidas as questões para as quais se levantam dúvidas.

«Os Verdes» percorrem a Rota dos Incêndios

Uma delegação do Conselho Nacional do Partido Ecologista «Os Verdes» iniciou, sexta-feira passada, um percurso por terras queimadas do país.

Nesta *Rota dos incêndios*, «Os Verdes» têm vindo a ter contactos com várias entidades e associações a fim de fazer um levantamento dos problemas relativos à prevenção e ao combate dos incêndios.

O percurso teve início no distrito de Santarém, concelhos de Tomar e Ourém, com visitas às zonas ardidas e encontros com representantes das câmaras municipais, bombeiros, delegação distrital do Serviço Nacional de Protecção Civil e Associação de Produtores Florestais.

Com esta iniciativa, uma delegação da Direcção Nacional de «Os Verdes» irá percorrer, nas próximas semanas, os distritos do país mais fustigados pelas chamas, como é o caso de Castelo Branco, Guarda, Viseu, Porto e Leiria, entre outros.

Pretende-se assim, como é referido em comunicado do Partido Ecologista, «medir a amplitude do drama, os seus impactos ambientais, económicos e sociais, os meios implementados de prevenção e combate».

No fim deste percurso pela *Rota dos incêndios*, «Os Verdes» irão elaborar uma «radiografia do estado da floresta portuguesa», que entregarão ao responsável pela política florestal.



AMORA-SEIXAL

a festa!

3, 4 e 5 SETEMBRO

Construir vender a EP divulgar a Festa



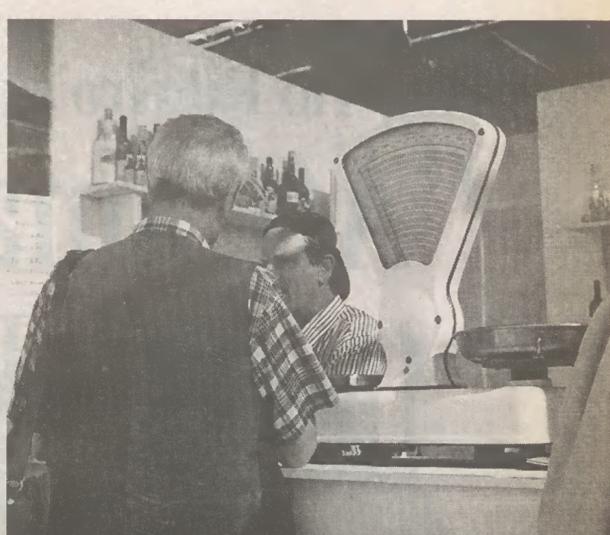
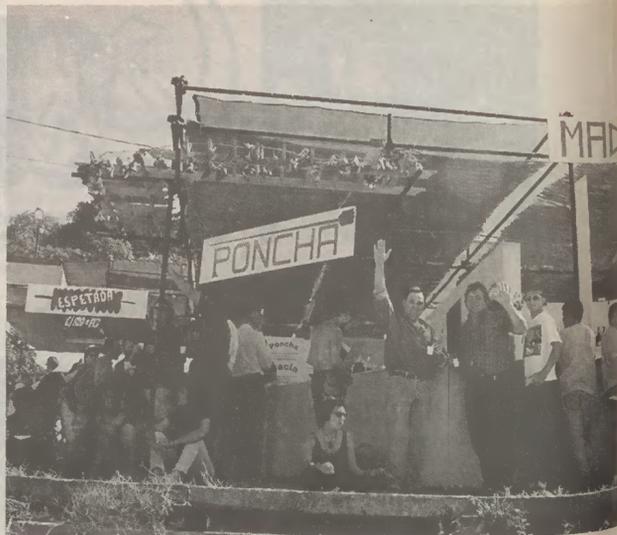
Neste número: Os pavilhões das Organizações Regionais • Exposição de ilustrações de Rogério Ribeiro • Corrida da Festa regista 500 inscrições • A Feira do Livro e do Disco

A 15 dias da abertura das portas ao público, a todas as organizações, militantes e amigos é exigido um último esforço para terminar a construção no terreno, vender a Entrada Permanente e divulgar a Festa junto do maior número possível de pessoas. O êxito da Festa do «Avante!» depende de todos nós e todos juntos vamos fazer certamente uma grande Festa.

{ E no próximo número, falamos dos artistas da Festa! ... }



dos outros...



Festa 1999 Avante! 3, 4 e 5 Setembro Atalaia - Amora - Sábai

Organizações regionais

O melhor existe em cada região ou recanto do país, seja a tradicional gastronomia, as danças e cantares regionais ou os bordados, as cerâmicas e outras procuradas e apreciadas peças de artesanato e muito mais, vem na bagagem das organizações do Partido que todos os anos constroem uma Festa única no País, pela sua grandeza e diversidade de propostas culturais e políticas. Atentos às realidades locais e nacionais, os comunistas dão especial atenção à luta partidária e às tarefas políticas da actualidade.

Açores

Já famosos pelas «sopas do Espírito Santo», «morcelas com ananás» e queijo de S. Jorge ou, ainda, pelos bordados, cestinhos de verga e peças de osso de Baleia, o Pavilhão dos Açores reflecte igualmente as preocupações que marcam o quotidiano das populações. A concretização da «remuneração complementar», proposta pelo PCP na Assembleia Regional dos Açores, como forma de atenuar os custos da insularidade ou a defesa dos pescadores e da indústria conserveira são alguns dos aspectos que têm dominado a luta política dos comunistas açorianos.

Algarve

Quem quer bom marisco vai ao Algarve onde, para além dos excelentes «D. Rodrigues» ou «Queijinhos do céu», pode também tomar os já célebres «cocktails» deste pavilhão. Tudo isto, ao som do acordeão que, ao ritmo musical da região, vai animar toda a zona. Entretanto, a exposição política dos comunistas algarvios retrata e destaca a actividade e intervenção do PCP no distrito, salientando, porém, a importância das próximas eleições e os objectivos de reforço da CDU no Algarve.

Aveiro

Aveiro decidiu dar este ano uma «volta» ao visual do seu Pavilhão. Apresenta, assim, uma nova concepção na organização e decoração do seu espaço, de modo a reflectir criativamente a diversidade cultural e social da região, as lutas e iniciativas dos trabalhadores e dos comunistas na região. Neste espaço está anunciado para as 16 horas do sábado um encontro dos candidatos da CDU com os eleitores do distrito.

Alentejo

O espaço do Alentejo inclui pela primeira vez o Litoral Alentejano no conjunto dos distritos de Beja, Évora e Portalegre. Pelo palco desfilarão coros de homens e mulheres para reavivar a tradição dos cantares modas tradicionais. Ao mesmo tempo, e continuando a fazer jus à fama dos seus produtos, os comunistas alentejanos vão trazer não só os tradicionais enchidos ou queijos da região mas também as belas figuras de barro de Estremoz ou os pratos do Redondo. Um magnífico monumento

erguido neste espaço representará a luta deste povo pela liberdade e pela democracia. A exposição política reflecte as lutas e movimentações dos trabalhadores e as propostas do PCP sobre os problemas da região, dando destaque, entre outros, à problemática da água como motor fundamental ao desenvolvimento da região.

Braga

Os 25 anos do 25 de Abril são o tema presente na decoração do Pavilhão de Braga. Os que na própria sexta-feira, imediatamente à abertura da Festa, costumam ir direitos a Braga para tomar o indispensável caldo minhoto, beber um bom vinho verde ou petiscar umas feveras, vão encontrar uma exposição política que reflecte uma luta de 25 anos mas também a expressão de confiança dos bracarenses na eleição de um deputado da CDU nas próximas eleições de Outubro.

Bragança

Para além dos produtos da região - azeite, mel, queijos ou vinhos -, da sua gastronomia e do artesanato, o Pavilhão de Bragança terá desta feita também uma envolvente cultural, com poesia e música transmontana, lembrando as festas e romarias da região. Decorado com motivos culturais regionais, este pavilhão, como não podia deixar de ser, vai ter também a sua exposição política. Uma exposição que reflecte a actividade do PCP na região e aspectos etnográficos de que o Nordeste transmontano é rico.

Coimbra

Coimbra é aquele espaço indispensável aos amantes do convívio e da camaradagem, das noites de borgia, das cantorias e do petisco. Os «habitúes» deste pavilhão vão, contudo, encontrar algumas novidades gastronómicas. Através da exposição «Ciência Viva», em colaboração com o «Exploratório Infante D. Henrique» - Centro de Ciência Viva, de Coimbra, e da exposição «Materialmente», Coimbra traz à Festa um importante contributo para o entendimento da raiz científica do muito que nos cerca. A exposição política, por outro lado, reflectirá os problemas e as lutas do distrito, em particular a luta de Souselas contra a co-incineração e as eleições de 1999.

Leiria

São vários os motivos de interesse do Pavilhão de Leiria, cujo objectivo é mostrar a vida, a luta e os costumes da região. Para além do «stand do vidro» e de uma «quermesse» com mais de cinco mil prémios e prendas de excelente qualidade, Leiria ilustrará a sua participação política com uma exposição onde serão tratados os problemas locais, as lutas dos trabalhadores, a actividade do Partido e as eleições legislativas de Outubro.

Lisboa

Uma grande pintura do Terreiro do Paço e do Tejo dá entrada aos visitantes que querem percorrer o espaço de Lisboa, cuja na zona central tem como tema a paz, em que jovens artistas plásticos estão a trabalhar. Haverá, como todos os anos, stands de vendas e restaurantes mas o pólo de animação vai situar-se no café concerto, onde acontecerá música, poesia, teatro, canções e debates centrados nos 25 anos do 25 de Abril. A exposição política na área do distrito abordará as propostas do PCP e os candidatos da CDU pelo distrito, enquanto as diferentes organizações vão tratar a luta dos trabalhadores e das populações.

Madeira

Uma passagem pelo pavilhão da Madeira é uma ocasião para comer uma belíssima espetada regional em pau de louro e comprar os afamados lenços bordados ou a chapelaria tradicional da região. Mas a vertente política será aqui motivo de especial destaque. É que a Madeira é uma das regiões onde a CDU mais tem crescido, o que naturalmente se deve à profunda ligação dos comunistas e seus aliados à população e aos seus problemas. De entre os quais, a pobreza e a exclusão social têm particular relevo.

Porto

Os especialistas dizem que «ninguém bebe com sofreguidão ou indiferença um cálice de Porto». É verdade. Com origem nos socalcos do rio Douro rasgados com suor, sofrimento e engenho por gente de trabalho, o Porto é, de facto «um louvor às mãos humanas» que, quem quiser, pode tecer aqui mesmo, neste Pavilhão. Na região do Porto também o amante das filigranas se pode deleitar... assim como os amantes das tripas, dos rojões ou da sopa mineira.

De Norte a Sul o País reflecte-se na Festa



A exposição política vai ter como tema preferencial as eleições para a Assembleia da República, abordando ainda a actividade do PCP e as lutas dos trabalhadores portugueses.



Santarém

Aos que costumam encontrar-se, na tarde de sexta-feira, no pavilhão de Santarém convém que saibam que ele este ano tem uma localização mais próxima do Palco 25 de Abril. Para os primeiros que lá chegarem não vai, de certeza, faltar a «sopa de pedra», o pão de ló de Rio Maior ou as tigeladas de Abrantes, sendo que dirigindo-se à feira de Vinhos do Ribatejo podem adquirir toda a sua gama de vinhos maduros e licorosos e ainda Aguardente Velha. A decoração do pavilhão de Santarém está este ano subordinada ao tema «Vivas a Abril» e a exposição política centra-se sobre o trabalho desenvolvido pelo deputado do distrito na Assembleia da República, bem como sobre as propostas para a próxima legislatura.

Setúbal

Este Pavilhão conta com um palco por



onde vão passar nomes conhecidos da música portuguesa ao lado de novos talentos e, como não podia deixar de ser, apresenta mais uma vez uma enorme diversidade gastronómica. Diversos bares e restaurantes servem por toda a área do distrito enguias, tamboril, petiscos vários e... Moscatel. A exposição política traduz o momento político: trata os 25 anos do 25 de Abril, as eleições legislativas e as conclusões e propostas saídas da 5ª Assembleia da Organização Regional de Setúbal.

Viana do Castelo

O artesanato, os lenços garridos, os bordados e lenços de Viana vão brilhar neste Pavilhão que tem ainda para oferecer ao visitante um bacalhau frito acompanhado de arroz malandro, um caldo verde à moda de Viana e o bom vinho verde da região. Tudo numa adegas 200 lugares sentados... e à sombra. Na banca estão à venda postais sobre Vilar dos Mouros e, entre outros artigos, uma edição de seis «Avante!» clandestinos. O baixo investimento público que está na origem dos baixos índices de desenvolvimento do distrito, as eleições legislativas e a necessidade do reforço da votação da CDU são algumas das preocupações que os comunistas de Viana trazem à Festa.

Vila Real

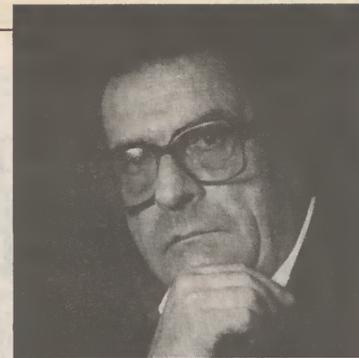
Vila Real optou por dirigir a exposição Política do seu Pavilhão para a «reconstituição da actividade política do Partido na região». Empenhados em reforçar o Partido e a sua organização, os comunistas de Vila Real apostam simultaneamente no reforço da votação da CDU nas próximas legislativas. Bem servidos vão estar os apreciadores de canelões e de javali, do vinho da região, das cristas de galo ou dos cavacórios que são o miolo da ementa do restaurante regional.

Viseu

Em Viseu, junto ao espaço do artesanato, a pessoa mais exigente pode provar e comprar mel, bolos de mel do Caramulo, e a aguardente e o pólen. E, ao mesmo tempo, ver ilustrações de todo o processo de fabrico deste precioso produto. Aliás, pode mesmo observar ao vivo o funcionamento de uma colmeia e participar no sábado à tarde num colóquio sobre o tema dirigido por especialistas. Entretanto, os problemas e as lutas das gentes de Viseu, designadamente contra a desertificação crescente do distrito, são algumas das preocupações locais que o visitante deste pavilhão facilmente se vai aperceber.

Festa 1999 Avante! 3, 4 e 5 Setembro Atalaia - Amora - Sábai

Rogério Ribeiro expõe ilustrações do livro de Álvaro Cunhal "Até amanhã, Camaradas"



Festa
1999
Avante!
3, 4 e 5 Setembro
Atalaia • Amora • Seixal

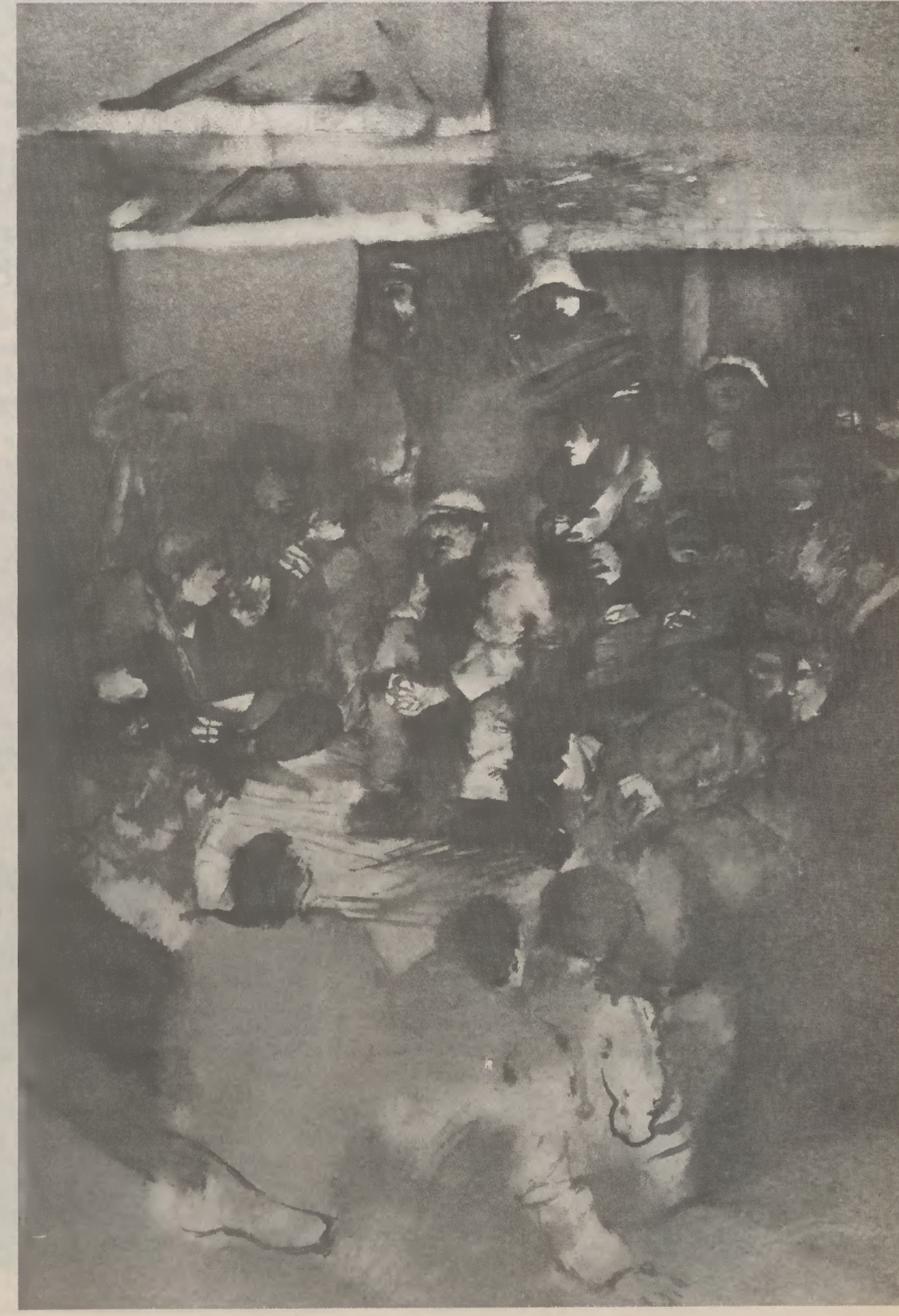
Uma das exposições paralelas da 12ª Bienal de Artes Plásticas da Festa incluirá as ilustrações da autoria do pintor Rogério Ribeiro para o livro de Manuel Tiago, pseudónimo de Álvaro Cunhal, «Até Amanhã, Camaradas».

As obras que estão patentes ao público da Festa foram recentemente oferecidas pelo autor ao PCP e estiveram expostas primeira vez no Espaço Vitória onde, em 13 de Abril passado, se realizou um debate com a participação de Álvaro Cunhal e Rogério Ribeiro, entre outros

dirigentes políticos, artistas e personalidades da cultura portuguesa. Na ocasião, Rogério Ribeiro explicou que o seu encontro com o texto de Manuel Tiago se deu em 1975: «durante um ano fui-o lendo, riscando em sublinhado as imagens que me surgiram e, numa segunda leitura, outras me aguardavam nítidas, claras, imediatas ali como imagens reais. Era quase um transporte, uma viagem que ao longo da noite, acompanhado com as estrelas, me transportava ao âmago do mundo». «Havia encontros com a minha própria intimidade. Havia rostos de gente que eu conhecia, havia gestos que pertencem a todos, havia reuniões onde

alguma vez se tinha estado, havia em suma um terreno lavrado ao gosto da nossa vaidade simples, ao gosto do nosso imenso contentamento.» «Quem não enfiou um papel debaixo das portas como quem deposita a força da razão? Quem não ouviu ou soube ou sofreu as histórias tremendas que se viveram? As esperas, a ansiedade, as missões, o rosto da PIDE em cada perfil. A expectativa, o tempo, uma imensa e por vezes dolorosa paciência.» «Tudo isso voou rente às folhas onde ia acrescentando imagens sem destino». As ilustrações demoraram-lhe um ano de trabalho, «fazendo-o para nada. Realizando-as por si mesmas, talvez pelo gosto, talvez por necessidade... Era um esforço que me era

preciso, que me era necessário», mas que não tinha «propósitos ou destino fixado», explica o artista. De tal forma, afirma, que «em determinado momento do trabalho, pensando que seria um meio apropriado de grande divulgação, uma linguagem apetecível a uma vasto público, tentei o livro em banda desenhada. Ao contrário do resto parei». A razão, explica, é que «o mundo deste livro não tem personagens, cada um é uma personagem e são atravessadas pelos acontecimentos. Esta riqueza está no partido e pareceu-me mais seguro e talvez mais certo assim». «O livro não fala de quaisquer homens ou mulheres, fala da luta do Partido Comunista Português e estas imagens ambicionam serem também de algum modo um relato dessa luta. Testemunho a somar ao de tantos camaradas neste caminho ambicioso, fecundo e fraterno, a rolar sobre os anos, com uma inequívoca esperança.»



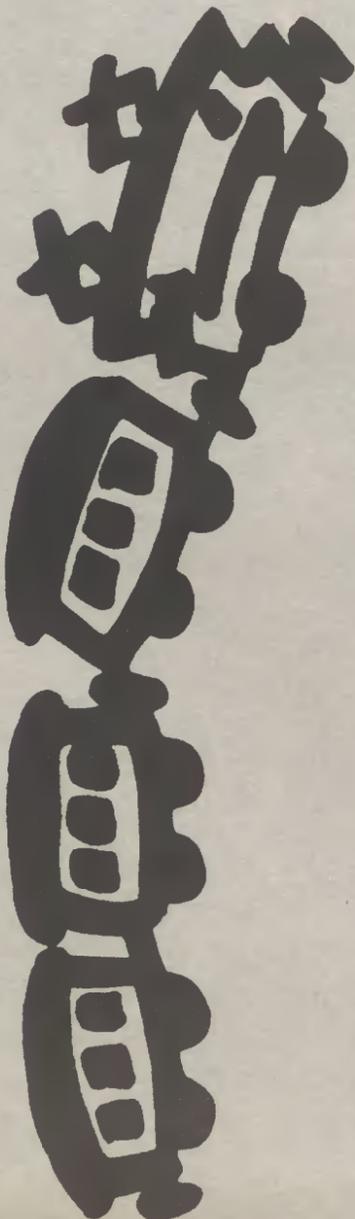
Festa
1999
Avante!

Emigração Voltar e sempre uma festa



Uns voltam todos os anos de férias e a Festa do «Avante!» já faz parte do seu roteiro. Outros, definitivamente regressados ao seu país, não deixam de frequentar o Espaço da Emigração em busca das velhas amizades muitas vezes feitas em países longínquos por onde demandaram em busca de melhores condições de vida. Para o visitante comum, este Espaço é igualmente convidativo. Aqui encontra as farturas e a Sangria e no o café das comunidades pode apreciar o verdadeiro *Champagne*, vindo da região francesa que lhe dá o nome, servido em copo especial (*flute*). O precioso líquido pode ser ainda adquirido em garrafa. No Sai-Sempre vale a pena tentar a sorte e com pouco dinheiro ganhar um prémio valioso e original já que muitos os objectos vêm de países estrangeiros. No pavilhão da Emigração poderá também encontrar informação sobre a actividade do PCP junto das comunidades portuguesas, tomar conhecimento sobre as propostas da CDU para uma nova política de emigração e saber quem são os candidatos da CDU pelos círculos da emigração.

Comboio da Juventude Em força para a festa



A Juventude CDU organiza mais uma vez o já tradicional «Comboio para a Festa», proporcionando, a todos os que desejem, uma transporte económico, confortável, num ambiente animado e descontraído. O comboio parte na sexta-feira, dia 3 de Setembro, do Porto (10 horas) e segue por Espinho (10.15 horas) e Aveiro (10.50 horas). Às 11.15 horas chega a Coimbra e às 12.30 horas ao Entroncamento. Santarém é a cidade seguinte (12.45 horas), chegando a Lisboa (Entrecampos) às 13.47 horas. Daqui até à Festa é um saltinho e a ligação já está assegurada. Todas as informações podem ser obtidas junto da Sede Nacional da JCP, na Rua António Serpa, ou através do telefone 01 - 7930973.

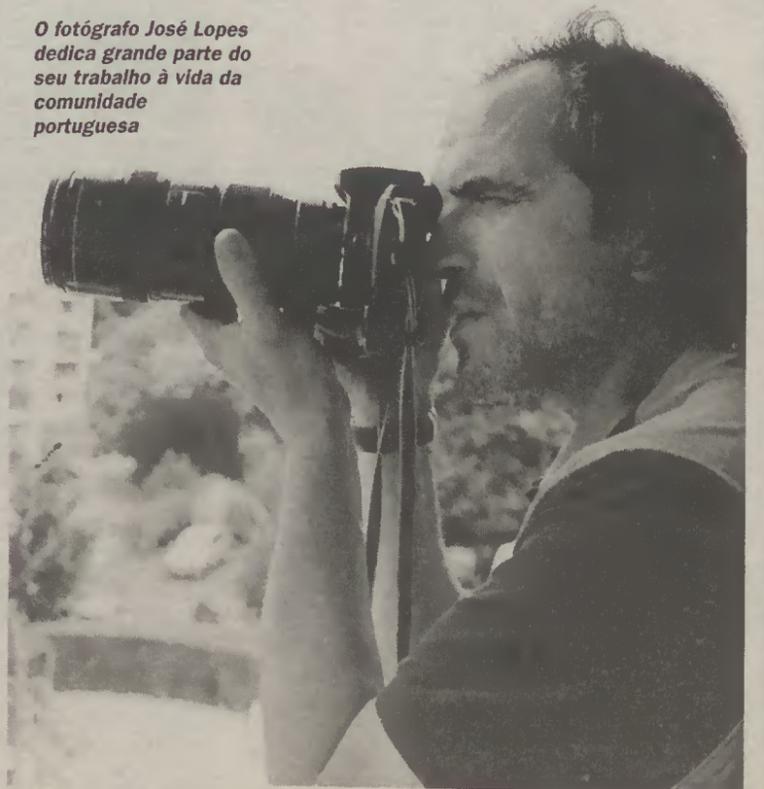
Exposição de Fotografia Imagens da comunidade portuguesa

Este ano, retomando uma iniciativa apresentada pela primeira vez no Jamor, o pavilhão da Emigração apresenta ao público uma exposição de fotografia da autoria de José Lopes, já há alguns anos radicado em Paris e sobre o qual nos fala o jornalista Álvaro Morna:

«Muito tempo limitada ao eterno cliché da *mala de cartão* a Comunidade Portuguesa em França encontrou enfim, em José Lopes, o seu fotógrafo. Homem simples e modesto, como todos os verdadeiros artistas, José Lopes encontrou por sua vez, nos portugueses de França, a expressão da sua arte. Há quem diga que a fotografia é um acto de amor. Uma afirmação que, sendo verdadeira, encontra neste fotógrafo a sua plenitude. José Lopes não se limita a fixar o bom e o mau. A sua objectiva vai um pouco mais além daquilo que os nossos olhos vêm. Ela penetra na expressão, interioriza a imagem, procurando adivinhar o porquê de um momento. Encontramos a força da sua imagem, nas sombras, no lampejo de um olhar, no gesto furtivo e no contorno das formas. Que seja nos salões alambicados das reuniões mundanas ou no quadro da modesta festa da associação portuguesa, José Lopes sabe registar com uma

rara sensibilidade, a imagem que nos escapou ou o instantâneo que nos fugiu. Incansavelmente presente em todas as manifestações portuguesas em França, José Lopes tem vindo a perenizar, através da imagem, a História da nossa Comunidade. Um pesado tributo, que não tem sido sempre reconhecido. Por isso mesmo, esta exposição não deve ser, apenas um reconhecimento. Mas a afirmação do valor de um artista que tão bem nos sabe oferecer as cores multifacetadas de uma Comunidade, através das suas fotografias a preto e branco.»

O fotógrafo José Lopes dedica grande parte do seu trabalho à vida da comunidade portuguesa



A FESTA

12ª Corrida da Festa é já um êxito

500 atletas inscritos e 50 equipas

A Corrida da Festa continua a registar elevado número de inscrições. No momento do fecho desta edição, a Comissão Organizadora tinha contabilizados mais de 500 atletas e 50 equipas, isto quando ainda faltava mais de uma semana para o fim do prazo que, como temos anunciado, termina no próximo dia 27 de Agosto.

Este ano, com a meta situada no interior do recinto da Festa, junto ao Lago, a Corrida mantém no essencial as características das edições anteriores, que têm feito dela uma prova muito apreciada pelos praticantes da modalidade e pelo numeroso público que se concentra ao longo do percurso.

A prova parte na manhã de domingo, dia 5 de Setembro, junto ao Campo do Amora, estando aberta a participantes de ambos os sexos, representantes de clubes federados ou não, ou a atletas individuais.

O escalão de masculinos juniores abrange os atletas nascidos entre 1980/81 e os seniores, nascidos em 1979 e anos anteriores. Os veteranos I incluem atletas com idades entre 40 a 44 anos; veteranos II, de 45 a 49 anos; veteranos III, de 50 a 54 anos; veteranos IV, de 55 a 59 anos; veteranos V, a partir dos com 60.

O escalão de femininos juniores compreende atletas nascidas em 1980/81; seniores, nascidos em 1979 e anos anteriores; e veteranas a partir dos 35 anos.

O percurso é de 14 quilómetros, com abastecimentos aos 5 quilómetros, aos 10 e no final da prova.



A 1ª edição da Corrida da Festa realizou-se, em Loures, em 1998, sendo vencida por José Dias, Professor de Educação Física e atleta da Conforlimpa, que viria a ganhar mais duas edições em anos posteriores. Desde então, José Dias nunca deixou de acompanhar e apoiar esta grande prova popular (ver depoimento)

Eles apoiam a corrida

Vários atletas e personalidades conhecidas dos meios do atletismo português continuam a manifestar o seu apoio à Corrida da Festa. Aqui publicamos os seus depoimentos.

«É já uma tradição»

A realização da 12ª edição da popular Corrida da Festa do «Avante!» é por si só uma facto demonstrativo da tradição deste evento.

Motivados por uma boa organização, um percurso agradável e um ambiente competitivo único, onde os verdadeiros valores do desporto continuam a imperar, a «romaria» à Corrida da Festa há muito que já faz parte da agenda dos amantes deste tipo de provas.

É com muita satisfação que aproveito esta oportunidade para desejar a todos uma boa corrida.



Pedro Rocha



Melo de Carvalho

Pedro Rocha

Treinador nacional do sector de meio fundo da Federação Portuguesa de Atletismo
Ex-atleta de alta competição

«Uma prova de valor»

A corrida da Festa do «Avante!» entrou já na tradição das provas do nosso país como uma das

mais participadas e de maior valor. Ela traduz de forma concreta, no seu espírito e nos processos de organização, aquilo que devem ser as actividades do desporto popular. Ou seja: uma prática desportiva liberta das taras e das doenças que o desporto dominante está a manifestar cada vez mais um pouco por todo o lado.

Parabéns à organização.

Prof. Melo de Carvalho

Inspector-geral de Educação

Ex-director-geral

dos Desportos

(1974/75)

«O cariz popular»

A prova da festa do «Avante!» é cem por cento de cariz popular, virada essencialmente para o «pelotão». O espírito «lúdico» de convívio e de prazer da prática desportiva centra-se no próprio espírito da festa do «Avante!».

Tenho acompanhado todos os anos a vossa prova e faço votos para que a organização da corrida continue a inscrevê-la no calendário nacional das provas populares.

José Dias

Professor de Educação Física,

atleta da Conforlimpa

Vencedor de três Corridas

da Festa,

entre elas a 1ª edição em Loures.

Festa
1999
Avante!

**Livros
e
discos**



Uma oferta vasta com preços atractivos

Quem vai à Festa acaba quase sempre por regressar a casa com sacos cheios de compras. E o caso não é para menos já que dificilmente se resiste às inúmeras propostas, oportunidades e pechinchas que surgem numa visita despreocupada aos diferentes pavilhões.

É um «risco» que se corre voluntariamente e que aumenta quando nos aproximamos do espaço do livro e do disco. Entramos ligeiros, mas mal saímos o desejo é de encontrar a bagageira mais próxima para

depositarmos as novas, e pesadas, aquisições. Mas como resistir?... Do romance, ensaio, ficção científica, policial, ciência e tecnologia, música, desporto, literatura infanto-juvenil... tudo isto está na grande Feira do Livro da Festa, que propõe ainda uma secção especial para os mais novos, com jogos e brinquedos. A quantidade da oferta é sempre sedutora, assegurada pela presença de um elevado número das mais prestigiadas editoras nacionais. Depois os preços são surpreendentes,

com os descontos a variar entre os 20 e os 40 por cento. Mas há ainda a feira de saldos com livros a partir dos 350\$00. Que pechincha, pensamos, e vai de encher o saco com aqueles títulos que há muito procurávamos (e ainda por cima a este preço!...).

E quando menos esperamos damos com o autor do livro que acabámos de comprar. Ali está ele rodeado de leitores, concedendo autógrafos, respondendo a perguntas sobre o novo lançamento, participando num debate. Entre muitos outros, este ano irá estar no

Espaço do Livro, José Saramago, o Prémio Nobel da Literatura. O convite fica feito.

Discos

Para os melómanos o destino mais natural será a discoteca, onde estarão disponíveis os mais variados tipos de música que existem no mundo. Este espaço agrega todas as tendências musicais, desde o rock ao experimentalismo, passando pela clássica, a popular e a étnica. Os preços são igualmente sedutores e surpresas não faltarão.

“O militante” assinala 66 anos de publicação



Os 66 anos de vida de «O Militante» vão ser assinalados no Espaço Central da Festa através de diversas iniciativas que visam divulgar o Boletim do PCP, fundado em 1933 nas difíceis condições da clandestinidade.

Na banca de «O Militante», os visitantes poderão comprar números avulso da revista, as brochuras anuais ou, ainda, fazer uma assinatura para passar a receber mensalmente pelo correio esta publicação. No ano passado, meia centena de visitantes escolheram a Festa para assinar «O Militante», aproveitando a oferta de um livro das Edições «Avante!» para cada novo assinante, promoção que está de novo em vigor.

Quem tenha acesso à Internet pode consultar os últimos números da revista que estão disponíveis na página do PCP: <http://www.pcp.pt>, juntamente ao Jornal «Avante!» e um vasto conjunto de documentos do Partido.

O papel e importância de «O Militante» será tema de um debate no espaço dedicado às «Conversas Sobre», bem como será recordado todo o processo de impressão clandestina da imprensa do Partido, numa interessante exposição, onde um prelo artesanal estará em funcionamento para imprimir, a pedido dos visitantes, o poema de José Carlos Ary dos Santos «O Futuro».

Mesa farta em casa pobre

■ AGOSTINHO LOPES

Membro da Comissão Política

Os vampiros da economia

NALGUNS JORNAIS da passada semana, pudemos ler que o BES (Banco Espírito Santo) apresentou no fim do 1.º semestre do corrente ano um lucro de 21,2 milhões de contos, mais 8,4% que nos primeiros seis meses de 1998. Isto, depois de no 1.º semestre de 98 ter apurado um resultado de 19,5 milhões de contos e mais 28,4% do que no período homólogo de 97. Depois de no ano de 1997 ter tido lucros da ordem dos 30,1 milhões, mais 27,3% que em 1996. Mas poderíamos olhar para os resultados de outros bancos nacionais: os resultados são semelhantes. Entre 96 e 97, os lucros de alguns dos principais bancos cresceram entre os 10,4% do Banco Pinto & Sotto Mayor e os 112,5% da Caixa Geral de Depósitos, passando pelos 47% do BPI, os 55,3% do BCP e os 67,9% do Totta (BTA). Como confirmação pegue-se no Relatório do Banco de Portugal de 1998. Lá se pode constatar que em 1998 o sistema bancário português teve como resultado líquido 269,8 milhões de contos, mais 9,6% que em 97. No ano de 1997, foi um louvar a Deus, mais 35,7% que em 96. E em 96 mais 15,2% que em 95!

Isto é que é pujança económica, dirão uns (do lado do Governo). Isto é que é especulação e exploração financeiras, dirão outros. E é nestes que eu me incluo.

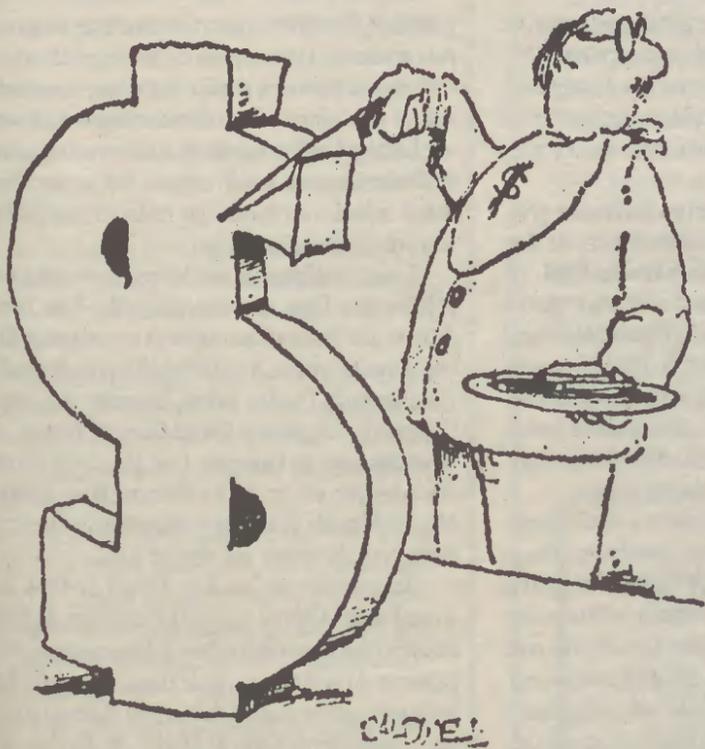
Como se explica tal subida dos lucros bancários? Que milagre é este num País em que as variações do PIB, que medem a evolu-

gre da multiplicação da moeda nos bancos portugueses. Aceitando depósitos e emprestando dinheiro, o primeiro e principal mecanismo, para engordar os lucros, é a elevada diferença, entre as taxas de juro que a banca paga (quando paga) pelo dinheiro depositado e o juro que cobra pelo dinheiro que empresta — a chamada margem financeira.

Segundo o Relatório do Banco de Portugal, a margem financeira cresceu nos dois últimos anos. Em 1997, os juros cobrados aumentaram 1,2% e os juros pagos — o que é espantoso — desceram 3,3%! Em 1998, os juros cobrados desceram 0,7% e os juros pagos desceram — e podia lá ser de outro modo — proporcionalmente mais, 3,3%. Isto é, as pequenas poupanças foram fortemente penalizadas (ou saqueadas!). Como diz o Relatório do BP: “Em 1998, os juros recebidos pelas famílias voltaram a registar uma variação negativa resultante, sobretudo, da descida das respectivas taxas de juro”! São os dois pesos e duas medidas: o que a banca cobra, sobe

ou desce pouco, o que a banca paga desce ou desce muito!

Mas nem sempre quem deposita recebe juros. Estávamos já todos habituados a que a maioria das contas à ordem nada recebessem, mesmo que esses valores constituam uma fatia importantíssima do dinheiro fresco chegado à banca!



Que razões para lucros tão gordos, sabendo-se de ciência certa, que nos bancos não se cria riqueza, e que, tanto quanto se sabe, não há nos bancos máquinas de fazer moedas nem minas de ouro!

Mas agora a banca “inventou” uma nova modalidade: o depósito (à ordem ou a prazo) que paga juros (ditos: comissão de gestão de conta) à banca. O que acontece com os depósitos com pequenos saldos, isto é, dos pequenos depositantes. Lembre-se a pressão, para não dizer obrigatoriedade, imposta aos portugueses para abrirem contas para receberem os seus salários!

Depois são as bem conhecidas diferenças entre as chamadas taxas nominais e as taxas efectivas praticadas pela banca, em função da avaliação do cliente. As taxas no crédito ao consumo atingem valores altíssimos, tendo pouco a ver com a taxa de desconto do Banco de Portugal. As taxas para o pequeno e médio industrial, para o agricultor — 7%... 6%... 10%... 14%... — estão largamente afastadas da taxa nominal de longo prazo em Dezembro de 1998: 4,1% (valor do Relatório do BP). Os agricultores portugueses, por exemplo, pagaram de juros 50 milhões em 96, 45 milhões em 97 e 41 milhões em 98, isto é, respectivamente 13%, 15% e 17% dos rendimentos líquidos da actividade agrícola nesses anos!

Mas, às elevadíssimas taxas reais pagas pela generalidade dos clientes dos bancos juntam-se as também conhecidas alcavalas, fazendo crescer ainda mais aquelas. Por exemplo, o BES (1998) cede um empréstimo de duas/três centenas de contos para pagar um curso (de computadores, de inglês...) com taxa nominal igual a 19,5%, e isso significa de facto pagar uma taxa de 22,275%, dita TAEG (Taxa Anual de Encargos Efectivos Global), isto é, um diferencial de quase 3 pontos percentuais! E podem baixar as taxas de juro nominais, o que não baixa é a TAEG! Mas se subirem os encargos, avisa o Banco, sobe a TAEG!

Não será por acaso que Portugal, na comparação com outros países da UE, tem a sua margem financeira (em percentagem do activo total) em 4.º lugar, no pelotão da frente, a par da Itália, Espanha e Dinamarca e muito à frente de uma série de países, como a Bélgica e a França!

Onde ferram o dente...

Outro mecanismo para extorquir a nota ao parceiro são as chamadas comissões. Um crescimento de 30,7% em 1998, depois de mais 44,6% em 1997! A chegada do Euro em Janeiro deste ano eliminou os custos cambiais (era a grande propaganda para a adopção da moeda única). A Banca faz de conta que não deu por ela. Como era previsível, para se compensar das perdas ocasionadas pelo fim do câmbio, aumentou as comissões na troca de moeda, mesmo daquelas que integram a moeda única. Por exemplo, o banco do nosso exemplo, o BES, não esteve com meias medidas e aplicou mais 100%! (Teste da Revista Dinheiros e Direitos da Deco). Ora o que seria de esperar era que se pagasse: ZERO! (como acontece no Banco de Portugal), pois não há câmbio de moedas: todas elas são subdivisões da mesma moeda, desde Janeiro, o euro!

Depois ainda, são os rendimentos de títulos, mais 67,9% em 98. Segundo o Relatório do BP essa “significativa expansão”, resultou “exclusivamente da evolução do rendimento de imobilizações financeiras (participações, partes de capital em empresas coligadas e outras)”.

E finalmente, temos os lucros líquidos em operações financeiras, mais 24,8% em 1998!

Para o sector financeiro foi um tal faltar nestes últimos 3 anos!

É evidente que atrás da “margem financeira”, das “comissões”, dos “rendimentos de títulos”, estão trabalhadores, consumidores, reformados. Estão empresas.

Está o sector produtivo. A indústria e a agricultura (e também o pequeno comércio) vítimas destas sanguessugas insaciáveis.

Estão os fundos comunitários, quer pela circulação que fazem pelas entranhas devoradoras do sistema bancário, quer por impulsionearem um elevado volume de empréstimos necessários para as contrapartidas das empresas para os projectos de investimento aprovados.

Estou eu e você leitor, e muitos a quem deram um cartão plástico. Está quem comprou o frigorífico a prestações, que o ordenado não chega para tudo. Está quem avalizou o filho ou filha no empréstimo para a casa a

que têm direito!

Estão os trabalhadores bancários e o emprego. Em 1998 no meio de todas aquelas subidas, houve uma coisa que desceu: os custos com pessoal, menos 1,4%!

Está o Estado Português que viu os impostos pagos pela banca em 1998 crescer apenas 5,9% para lucros que subiram 9,6%!

O que não será de admirar: “Os bancos estão a fugir ao pagamento de impostos, segundo uma auditoria à tributação do sector bancário, realizada pela Inspeção Geral de Finanças” que teve a concordância de Sousa Franco (*Expresso*, 5 de Dezembro de 1998).

Estão os dinheiros públicos, dinheiros de todos nós, que vão desaguar nas águas bancárias através das bonificações de juros pagos pelo Estado no crédito à habitação. (Não será necessário afirmar que estamos de acordo com essa bonificação... embora houvesse muita coisa a dizer sobre os critérios da sua aplicação...).

Como se explica, na notícia que dá conta dos elevados aumentos dos lucros do BES no 1.º semestre de 99: “Para a melhoria nas contas do banco contribuiu fortemente o crescimento de 28,7% no resultado financeiro, decorrente do aumento de empréstimos a particulares, nomeadamente o crédito à habitação; e uma melhoria de 20% nas receitas provenientes dos serviços a clientes.”

Escusado será dizer que ninguém nega a importância do sector bancário/financeiro, o qual tem um papel chave nas economias de hoje. O problema são as regras (ou a falta delas), legislação e comportamento das autoridades de supervisão do sistema bancário, da responsabilidade da maioria PS na AR e do Governo PS, que permitem, quando não protegem, os “piratas” e toda esta “pirataria” dos nossos dias.

ção global da economia nacional, foram de 3,6% em 96, 3,8% em 97 e 3,9% em 98? País onde as remunerações (reais) por trabalhador do sector empresarial (excluindo os vencimentos da função pública) cresceram apenas 2,1% em 96, 2,8% em 97 e 2,1% em 98! País onde os rendimentos de empresas (e propriedades) subiram nos mesmos anos 3,8%, 2,9% e 7% respectivamente, e note-se, onde estão incluídos os grossos lucros da banca! País onde os rendimentos da agricultura diminuíram, 14% em 97 e 13% em 98!

Que razões para lucros tão gordos, sabendo-se de ciência certa, que nos bancos não se cria riqueza, e que, tanto quanto se sabe, não há nos bancos máquinas de fazer moeda nem minas de ouro! Que, tanto quanto se sabe, a banca vende e compra dinheiro, recebe dinheiro em depósito e empresta (parte) do dinheiro depositado.

No entanto, a explicação é fácil e o milagre é pequeno. Tudo acontece pela “pirataria” da riqueza e rendimentos produzidos pelos outros agentes e entidades da economia real!

**Todos os caminhos...
vão dar aos cofres da banca**

A leitura do Relatório do Banco de Portugal (1998) no seu capítulo VIII — Sistema Bancário, mais a experiência directa, que quase todos temos, do contacto com os bancos, facilmente põe a nu a razão de tantos lucros gordos em casa pobre. Facilmente se explica o mila-

Demanda do povo de Cuba contra o governo dos EUA ⁽⁴⁾

As actividades do CORU, organização que sob a batuta da CIA unificou os grupos terroristas dedicados às agressões contra a Revolução cubana, não terminaram com a prisão dos operacionais que fizeram explodir em pleno voo o avião civil das linhas aéreas cubanas, de que se deu conta na edição da semana passada. A lista das suas acções é longa e sangrenta, como revela a continuação da Demanda contra os EUA.

A agressão norte-americana contra Cuba, que vem até aos dias de hoje, passa igualmente pela ocupação da base de Guantánamo e pelas inúmeras tentativas de assassinar Fidel Castro.

Esse mesmo grupo unificado pela CIA levou a cabo, entre outras, as seguintes acções:

6 de Abril: Dois barcos de pesca, Ferro-119 e Ferro-123, são atacados por lanchas piratas provenientes da Florida, do que resulta a morte do pescador Bienvenido Mauriz e graves prejuízos às embarcações;

22 de Abril: Uma bomba é colocada na embaixada cubana em Portugal, e da explosão resulta a morte dos funcionários diplomáticos Adriana Corcho Callejas e Efrén Monteagudo Rodríguez, ferimentos graves noutros funcionários e destruição total do local;

5 de Junho: A missão de Cuba na ONU é alvo de um atentado com explosivos, o que provoca consideráveis prejuízos materiais;

9 de Julho: Uma bomba explode no contentor com a bagagem do voo da Cubana de Aviación, no aeroporto de Kingston, Jamaica, pouco antes de ser transbordada, ou seja, por um triz não explodiu em pleno voo do avião da Cubana que transportaria aquela bagagem.

10 de Julho: Uma bomba explode nos escritórios da British West Indies em Barbados, que representava os interesses da Cubana de Aviación nesse país;

24 de Julho: Um técnico do Instituto Nacional da Pesca, Artagnán Díaz Díaz, é assassinado numa tentativa de sequestro do cônsul cubano na cidade mexicana de Mérida;

9 de Agosto: Dois funcionários da embaixada cubana na Argentina, Crescencio Galañena Hernández e Jesús Cejas Arias, são sequestrados e nunca mais se teve notícias deles;

18 de Agosto: Uma bomba explode nos escritórios da Cubana de Aviación no Panamá, provocando consideráveis estragos.

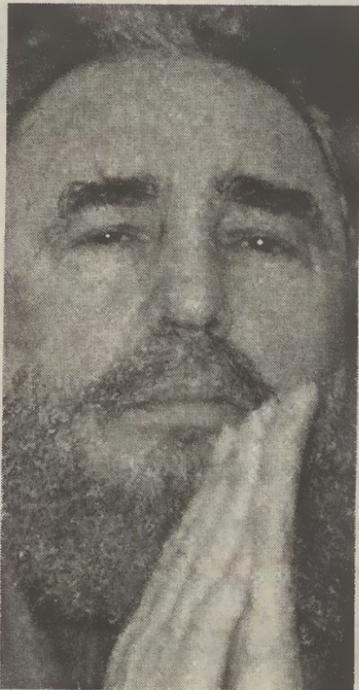
Os grupos que integravam o CORU faziam declarações públicas nos Estados Unidos, reivindicando cada uma destas acções. Em Agosto de 1976, foi publicado num jornal editado em Miami um relatório de guerra onde, depois de referirem como fizeram explodir um automóvel em frente da embaixada de Cuba na Colômbia e destruíram os escritórios da Air Panamá, os cabecilhas do CORU declaravam textualmente: «Em breve faremos explodir aviões em pleno voo.» Aproximadamente seis semanas depois, explode o avião cubano que fez escala em Barbados.

Presos Orlando Bosch e Luis Posada Carriles, e submetidos a um longo e difícil processo judicial na Venezuela, juntamente com os dois mercenários venezuelanos que sob as suas ordens colocaram a bomba no DC-8 da Cubana de Aviación, Posada Carriles é resgatado pela CIA em Agosto de 1985, através da chamada Fundação Nacional Cubano-Americana, da prisão de máxima segurança de San Juan de los Morros, e transferido em poucas horas para El Salvador, onde é posto logo a trabalhar numa das operações mais secretas, delicadas e comprometedoras de todas as realizadas pelo Governo dos Estados Unidos: o famoso «Irãogate» que causou um enorme escândalo político nesse país. Posada Carriles era praticamente o responsável dos armazéns e da distribuição de armas para a guerra suja na Nicarágua, mandatado directamente pela Casa Branca. Jamais assumira uma responsabilidade tão grande nos seus 25 anos ao serviço do Governo dos Estados Unidos.

Orlando Bosch, que na altura do revoltante crime era o chefe da operação, pois ocupava uma posição hierárquica superior a



Os EUA incentivaram desde cedo a emigração clandestina de cubanos para o seu território. Marginais, criminosos e delinquentes passavam à categoria de heróis desde que saíssem de Cuba e criticassem o regime



«Deve considerar-se seriamente a eliminação de Fidel Castro», lê-se num memorando secreto do coronel J. C. King, chefe da divisão da CIA encarregada dos assuntos do hemisfério ocidental, endereçado ao director da Agência, Allen Dulles

Posada Carriles na organização terrorista unificada pela CIA, foi cinicamente absolvido por um tribunal corrupto e impudico. Autor de inúmeras acções terroristas contra Cuba, é hoje hóspede ilustre dos Estados Unidos.

Outra acção terrorista dolorosa e grosseira teve lugar após o brutal crime de Barbados. Em 11 de Setembro de 1980, foi assassinado em pleno dia, numa populosa zona de Nova Iorque, o diplomata cubano Félix García Rodríguez. O crime foi cometido por um comando da organização terrorista Omega-7, cuja missão era matar aquele diplomata e mais três funcionários da representação cubana nas Nações Unidas.

As mudanças registadas a nível internacional fizeram com que também se alterassem as formas de actuação do que objectivamente constituía o terrorismo de Estado contra a República de Cuba. Os sectores mais reaccionários no seio dos emigrantes cubanos nos Estados Unidos intensificaram a actividade terrorista no final da administração do presidente George Bush, do Partido Republicano, o que se traduziu em várias acções de envergadura durante a primeira e segunda administrações do democrata William Clinton.

De 1992 até à data, como foi plenamente demonstrado nos julgamentos aos terroristas Raúl Ernesto Cruz León e Otto René Rodríguez Llerena, que em 1997 colocaram sete bombas em hotéis da capital, a Fundação Nacional Cubano-Americana, financiadora proeminente de campanhas políticas presidenciais e de um grupo de conhecidos legisladores norte-americanos, planeou, organizou e financiou impunemente nesse país esta campanha terrorista contra Cuba. A Fundação tem actuado não só a partir do próprio território norte-americano, utilizando mercenários de origem cubana residentes nos Estados Unidos, mas também na América Central, contratando mercenários centro-americanos, às ordens do infelizmente célebre terrorista Luis Posada Carriles.

Estas últimas acções criminosas contra Cuba a partir da América Central, concebidas, organizadas e financiadas pelos chefes máximos de uma mafia cubano-americana radicada nos Estados Unidos, realizam-se incontestavelmente com o conhecimento e a tolerância das autoridades norte-americanas, para as quais sempre trabalhou Posada Carriles, e que jamais romperam o vínculo com ele.

Além disso, o Estado norte-americano, como parte da sua estratégia política, atiou a emigração ilegal para o seu território, não só como instrumento de luta ideológica e das suas cam-

panhas de descrédito contra Cuba durante 40 anos, mas também para promover a indisciplina e a instabilidade social. Isto trouxe como consequência a prática de delitos, convencidos que estavam os seus autores do acolhimento e protecção que receberiam nos Estados Unidos, depois de atingirem o objectivo fundamental de abandonarem o solo cubano. Não acontecia o mesmo com outros cidadãos do mundo que tentassem emigrar para esse país sem prévia obtenção de visto.

Foram múltiplos os incidentes provocados por essa cínica política, mas ficou para a história o dia 9 de Janeiro de 1992, data em que foram assassinados os combatentes da Polícia Nacional Revolucionária, Yuri Gómez Rivero e Rolando Pérez Quintosa; Orosmán Dueñas Valero, elemento das Tropas da Guarda Costeira, e o segurança Rafael Guevara Borges, empregado do Acampamento de Pioneiros José Martí, em Havana, ao serem atacados por um grupo de delinquentes, dirigidos por Luis Miguel Almeida Pérez, que pretendiam sequestrar uma embarcação para abandonar ilegalmente o país.

Do mesmo modo, em 4 de Agosto de 1994, foi assassinado o combatente Gabriel Lamouth Caballero, da Polícia Nacional Revolucionária, por indivíduos anti-sociais que tentaram sair ilegalmente do país pelo porto de Havana; em 8 de Agosto de 1994 foi assassinado o tenente da marinha Roberto Aguilar Reyes, ao ser sequestrado no porto de Mariel, em Havana, um navio auxiliar da Marinha de Guerra Revolucionária, por Leonel Macías González que conseguiu fugir para os Estados Unidos, onde foi recebido como um herói e goza de total impunidade, após o cobarde assassinato.

Em consequência das acções terroristas promovidas pelo Governo dos Estados Unidos contra o nosso país, durante 40 anos, a partir da vitória da Revolução até hoje, 234 pessoas inocentes perderam a vida ou ficaram com incapacidades físicas, o que provamos com os documentos que anexamos a esta demanda, com os números 14, 15, 16, 17, 18 e 19.

Para termos uma ideia da intensidade atingida em dado momento pelas actividades terroristas contra Cuba, destacamos que em apenas 14 meses, desde 30 de Novembro de 1961, data em que é aprovada pelo presidente Kennedy a entrada em vigor do denominado «Projecto Cuba», até ao mês de Janeiro de 1963, se efectuaram 5.780 acções terroristas contra Cuba, das quais 716 constituíram sabotagens de envergadura contra instalações industriais.

Merecem particular destaque - enquanto testemunho da total falta de escrúpulos, da imoralidade e da incapacidade de respeitar as normas civilizadas da prática política por parte dos Estados Unidos - os planos concebidos pela direcção desse país para assassinar o dirigente da Revolução cubana, inicialmente na sua condição de primeiro-ministro, desde 16 de Fevereiro de 1959 até 3 de Dezembro de 1976, e posteriormente como chefe de Estado.

Em 11 de Dezembro de 1959, o coronel J. C. King, chefe da divisão da CIA encarregada dos assuntos do hemisfério ocidental, redigiu um memorando secreto endereçado ao director da

EM FOCO

Os valores da Revolução Cubana

Agência, Allen Dulles, onde afirmava: «Deve considerar-se seriamente a eliminação de Fidel Castro. Nenhum dos seus mais próximos, como o seu irmão Raúl ou o seu companheiro Che Guevara, têm a mesma influência carismática sobre as massas. Muitas pessoas informadas consideram que o desaparecimento de Fidel aceleraria enormemente a queda do actual governo.»

A partir desse momento, os órgãos da Segurança do Estado cubanos tomaram conhecimento, investigaram, descobriram ou neutralizaram indícios claros, planos concebidos ou minuciosamente traçados, em fase avançada de organização e execução ou prestes a serem executados, incluindo os que não se realizaram por cobardia dos que chegaram a ter o seu objectivo a poucos metros, de um total de 637 conspirações contra a vida do presidente Fidel Castro. Resta saber qual o número das que jamais foram descobertas.

O Senado dos Estados Unidos investigou e comprovou pelo menos oito dessas conspirações, apenas 1,25 por cento das que foram organizadas directamente pela CIA ou induzidas pela hostilidade, propaganda, tolerância cúmplice e acções do Governo dos Estados Unidos contra Cuba durante 40 anos.

Sexto: A base naval de Guatánamo, estabelecida em Cuba há quase 100 anos, mediante um convénio confuso e perfidamente redigido, em virtude do qual se aluga aos EUA território ocupado pela base «durante o tempo que precisarem dele», sem uma cláusula que garantisse o pleno direito da nossa soberania sobre o dito território, foi usada pelos EUA como um instrumento da sua política de agressão contra o nosso país.

Quando da vitória da Revolução, as autoridades militares e os serviços especiais dos Estados Unidos protegeram nesse enclave centenas de assassinos e parceiros do regime de Batista.

A base tornou-se num activo centro de subversão e provocações contra o nosso país.

Numerosos mercenários, julgados à revelia, fugidos da justiça cubana pelos seus crimes e delitos, encontraram lá refúgio e impunidade.

Numerosas pessoas, incentivadas pelo privilégio de entrar sem visto nos Estados Unidos, decidiram abandonar ilegalmente o país através dessa instituição militar, mantida à força em Cuba.

A base tem sido abrigo seguro para os vis traidores que conduziram para ali aviões e embarcações sequestradas, sem que os delinquentes, em nenhum dos casos, fossem extraditados, tornando-se essa uma prática habitual depois do triunfo da Revolução.

No artigo nº 2 do convénio, assinado em 16 de Fevereiro de 1903, concede-se um direito, sob determinadas condições, que os Estados Unidos aceitaram e se comprometeram a cumprir: «Fazer tudo quanto for necessário para dispor destes lugares exclusivamente como estações de carvão ou navais e não para outro objectivo».

O artigo nº 4 do Convénio Complementar, de 2 de Julho de 1903, também assinado pelos Governos de Cuba e dos Estados Unidos, precisa claramente: «Os foragidos da justiça, culpados de delitos ou faltas, sujeitos à jurisdição das leis cubanas e refugiados nesse território, serão entregues pelas autoridades dos Estados Unidos, quando o exigirem as autoridades cubanas devidamente autorizadas.»

É injustificado que uma base militar dispendiosa, mantida a expensas do orçamento e dos contribuintes desses países, sem utilidade alguma para a segurança nacional dos Estados Unidos, esteja ocupando uma parte valiosa do nosso território, para humilhar, fustigar e agredir o povo cubano, pois essa tem sido a sua missão nas últimas décadas. Foi particularmente arbitrário e abusivo o facto de manter esse enclave militar contra a vontade do nosso povo, ainda mais quando os Estados Unidos já desmantelaram dezenas de instalações no seu território e no estrangeiro para reduzirem o seu orçamento militar. É por demais evidente que, 96 anos depois do compromisso assumido por ambas as partes, no artigo 1º do Convénio de Fevereiro de 1903, assinado pelo Governo dos Estados Unidos com um Governo fraco, submetido e imprevidente, que lhe permitiu ocupar essa terra «todo o tempo que precisarem», há já muito tempo que não precisam dela para nada, a não ser para insistir na sua política agressiva contra Cuba, direito esse que não está incluído nem sequer nesse péssimo convénio. Não é justo que uma das melhores baías de Cuba esteja dedicada a isso.

Vivemos hoje, aqui onde estamos e em quase todo o mundo, transformado em sociedade de mercado, um momento histórico de desgosto e horror (que é frenesim consumista para outros ou é o sabor do dinheiro, que confere o mando e a arrogância à hiper-burguesia), vivemos, dizia, o horror de assistir à morte de tantas criaturas pelas guerras e pela fome ou pela vergonha de viver sem emprego, de se ser empurrado para a existência zero, que aflige actualmente quatro quintos da Humanidade. Na Ásia das abissais diferenças de condição, na África votada conscientemente a um destino de miséria pelas potências ricas da urbe ou até dentro dessas mesmas potências, os Estados Unidos ou a União Europeia, onde as desigualdades sociais e económicas se cavam cada vez mais, enquanto crescem em riqueza as empresas multinacionais e os privilegiados tecnocratas do capital global, que prometem, com a sua estratégia de desenvolvimento, assegurar a felicidade aos trabalhadores, aos desempregados, aos reformados precoces que aos seus pés estoiram de indignação.

É assim mesmo. Mas, à imagem deste festival sinistro onde o ouro da superprodução não chega aos pobres e aos novos pobres e já não consegue mascarar o pus do sofrimento, existem, apesar de tudo, algumas vozes que dizem não, espaços de resistência e de esperança, de entre os quais se levanta a ilha de Cuba, guiada por uma pléiade de ideólogos, de trabalhadores sem descanso, de sonhadores acordados como outra não há à face da terra e onde a maioria da população absorveu ou recebeu já de seus pais, os valores de uma revolução

ardente e generosa, alegre e fraterna que a todos, isto é, a quase todos incutiu o amor pela pátria, direi mesmo, o orgulho de ser cubano e o gosto de partilhar. De partilhar bens, palavras, sensações, a euforia do trabalho bem feito, o prazer das horas de festa. Porque Cuba é precisamente a aliança do heroísmo e da festa. Ilha de gente sensual, que dança até quando fala, enérgica e também suave consoante as horas e os rumos da existência, que em momentos alevantados de sonho eu já vi crescer até ao gigantismo da alma, como depois de Playa Girón, ou contentar-se com uma còdea para salvar a Revolução, garantir a sua continuidade, quando Cuba, isolada dos outros países pelo bloqueio americano e já sem a ajuda económica da URSS, parecia ir tocar no fundo da desgraça ou da renúncia, à mingua de pão e de solidariedade. Esta ilha, esta gente não é assim por acaso.

Foram, sabemos-lo todos, a ânsia de libertação dos jovens oprimidos pela ditadura de Fulgêncio Baptista e a vontade de Fidel na esteira de Martí, o seu talento, coragem e determinação, a fabulosa equipa que o rodeou no assalto a Moncada, na aventura do

Granma, dos combates da Sierra Maestra, esses comandantes barbudos, titãs de uma epopeia que deslumbrou a nossa mocidade, foram esses factores políticos e humanos que tornaram possível que a ilha de Cuba, bela, ridente, afectuosa, antiga colónia espanhola sempre cobiçada pelos yankees, se tornasse no que actualmente é: exemplo, fábrica de ideias e experiências novas, farol da dignidade humana no continente americano.

Para essa transformação profunda, para as vitórias da produção, para o êxito do turismo, para que se possa entender plenamente a extensão do sacrifício, vivido com o sorriso cubano, a que o bloqueio americano há tantos anos condenou esse povo, há que convocar aqui um nome decisivo: o do comandante Ernesto Che Guevara, o homem singular, que, sendo fadado como era para a ciência e para a arte, para os mais altos empreendimentos da inteligência, para o cume da realização pessoal, escolheu a dádiva absoluta e, lutando pela Revolução, pelo advento de uma outra América Latina, pela sociedade socialista que teria de ser a democracia integral, foi morrer longe, mas perto do coração do sonho, numa plaga esquecida da Bolívia, na escola de La Higuera, em Valle Grande.

Foram o culto da perfeição, a crença profunda nos valores morais, a ânsia de acreditar no melhoramento da espécie humana, numa autêntica sociedade de liberdade, igualdade e fraternidade, onde o homem fosse irmão do homem e a beleza do pensamento, a

crítica aberta, a superação da existência florescessem nas artes e na literatura, foram essas virtudes invulgares que o Che possuiu, que criaram

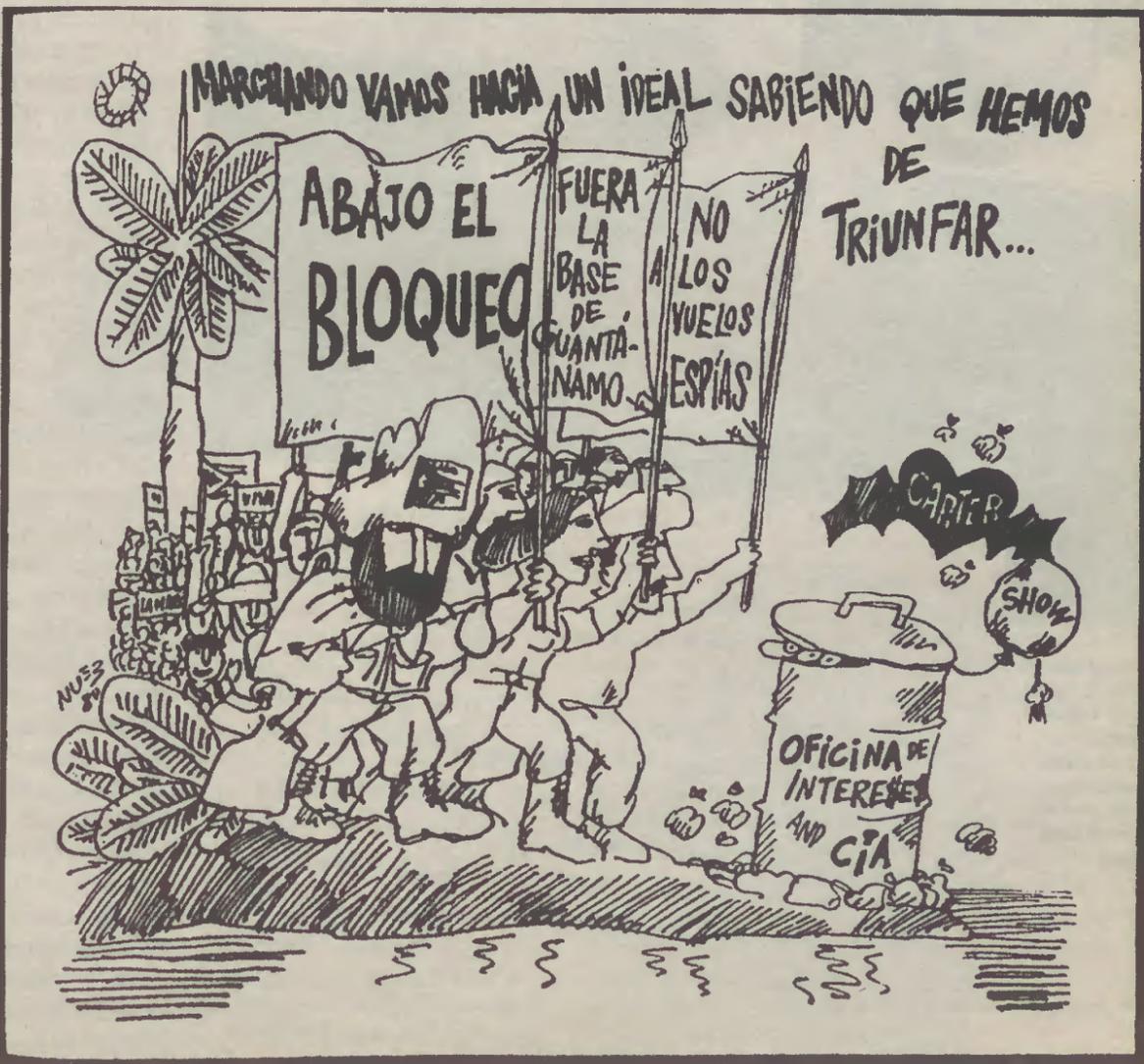
aquela imagem, depois lendária, do «milagre» socialista que nós vivemos nos anos sessenta e setenta e que afinal ainda vivemos, com as correcções que o tempo e a História nos obrigam a fazer nas ideias, nos modelos e nas práticas que poderiam conduzir, quando a hora chegar, à transformação da vida em sintonia com os tempos de hoje, quiçá de amanhã.

Poderá transitar-se da globalização capitalista para uma globalização socialista? Só o futuro o dirá. Ignoramos os caminhos do porvir, os meandros do rio da História, não sabemos como o império do lucro absoluto e do egoísmo total que hoje governa o mundo se autodestrói, sob as pressões do movimento de massas que transporta a revolta e a esperança. Marx está vivo mais do que nunca, mesmo que tenhamos de o ler de outro modo.

Na luta que travamos, que travaremos, unindo-nos cada vez mais, exército dos trabalhadores e dos oprimidos, dos excluídos, homens de cultura e portadores da mudança, levamos connosco a alegria, o olhar doce e a energia do Che. E com Cuba estamos e estaremos.

PALAVRAS & GROMOS

■ Urbano Tavares Rodrigues



Ao fim de tantos anos

O monstro do anticomunismo continua vivo

■ Manoel de Lencastre

Chegámos a Lisboa para férias. No bolso, uma lista de grandes nomes da banca de negócios indicando as perdas sofridas por cada um durante as aventuras dos últimos doze meses. Mas na nossa «Tabacaria Adamastor» forneceram-nos o último «Magazine Littéraire» (número especial de Julho-Agosto) que inclui cerca de cem páginas dedicadas à literatura de guerra. Por uma questão de preferência pessoal, deixámos os bancos de lado, provisoriamente, e decidimos meter-nos na guerra, também.

Uma desilusão profunda. Chegados ao capítulo principal da maior e mais devastadora de todas, a 2ª Grande Guerra Mundial, e às análises de livros sobre o apocalíptico confronto provocado pela invasão da URSS pelas hordas nazis, deparamos com apreciações chocantes por parte de analistas certamente muito bem pagos pelo «Magazine Littéraire». Ficámos perplexos. Invariavelmente, os comentadores chamados a analisar aquele terrível conflito concluem, assim o percebemos, ter sido a resistência aos monstros nazis um erro por parte do governo sovié-

tico. Segundo nos querem fazer compreender, teria sido inteligente baixar os braços, arrear bandeira, esquecer a dignidade, fugir aos muitos meses de inumeráveis sacrifícios. Assim, os dirigentes do Kremlin teriam evitado a enorme perda de vidas que teve lugar entre 1941 e 1945. Que estranhas, que abomináveis conclusões!

Falsificadores

A literatura soviética de guerra é imensa. Mas o trabalho de Konstantin Simonov só é mencionado para dizerem-nos que se trata de um «autor convencional». O comentador do «Magazine Littéraire», Georges Nivad, salta logo, ligeiramente, para outros escritores que, evidentemente, mais lhe interessam – Vassili Grossman, o autor que em «Vida e destino» traça paralelos entre o gabinete de trabalho do «mestre do Kremlin» e os abrigos dos combatentes em Stalinegrado; entre os «duches» de Auschwitz e os «campos da morte soviéticos». Depois, Monsi-

eur Nivad atira-nos para Soljenitsin e para a injusta e malévolos descrição de um Jukov «envelhecido» mas que aplicava com zelo a «táctica desumana de grandes combates de massas de soldados, tão do apreço de Stalin». Sem dúvida, para Soljenitsin, como para o próprio Nivad, era desumano dar tudo por tudo para defender a Pátria da invasão assassina dos milhões de fanáticos e sanguinários «gangsters» enviados pelo III Reich a fim de beberem o sangue dos soviéticos, e suprimirem para todo o sempre a histórica tentativa de criar e pôr em prática um novo mundo.

Foi tudo. Nivad deslizou, imediatamente, para autores que escreveram sobre a guerra no Afeganistão e na Chechénia justificando Grossman e Astafiev. Numa reflexão final, acabámos por concluir que os «homens de letras» contratados pelo «Magazine Littéraire» nada ficam a dever aos bárbaros autores de «Le Livre Noir du Communisme» e a Stéphane Courtois, muito especialmente. A escola, pelo menos é a mesma.

Nos capítulos dedicados à guerra do Vietnam (autor: Philip D. Beisler, professor de inglês

na Universidade de Alabama) e à guerra civil de Espanha (autor: Tony Cartano), asseveram-nos que tudo aquilo, a luta dos povos espanhol e vietnamita, não valeu a pena. Beisler aborda a «tragédia americana» sugerindo que a tragédia do Vietnam, o país que teve de defender-se dos colonialistas franceses e, por isso, arrostou com a invasão americana (duas guerras de incriveis dimensões), podia ter sido evitada. Bastava, enfim, que o povo vietnamita tivesse aceite viver sob o jugo estrangeiro e concordasse com as regras do jogo do imperialismo. Cita o livro de Frances Fitzgerald, «Fire in the Lake» (Fogo no Lago), onde se escreve que «a guerra do Vietnam repousa sobre uma verdadeira dialéctica de cegueira de ambas as partes nascida dos respectivos estados de espírito». Nota, igualmente, escritores e jornalistas que falam de «imaginação, acrobacia, realismo mágico». Outro autor citado, refere a corrupção a que a guerra teria dado lugar em Hanoi, como se a invasão americana para salvar os regimes fantoches e assassinos de Saigão não constituísse, em tudo, uma das mais infelizes, corruptas, vergonhosas, páginas da História dos Estados Unidos...

E chegámos, finalmente, à guerra civil espanhola. Também não valeu a pena, de acordo com os observadores seleccionados pela conhecida revista francesa. Para quê, sacrifícios do povo espanhol que pegou em armas contra o franquismo?

Para quê, o glorioso esforço das Brigadas Internacionais? Na óptica de Cartano, os jornalistas soviéticos, Mikail Koltsov («Pravda») e Ilya Ehrenburg («Izvestia») tinham-se alistado na propaganda; o alemão Ludwig Renn «era um militante corajoso, mas um pobre escritor enfeudado à linha do partido». Muitos encómios para John dos Passos e o seu livro «Aventura de um Jovem» onde se descreve «como um jovem militante sindicalista americano descobriu na guerra civil de Espanha as mentiras e as traições do partido comunista».

Orwell, o denunciante

Surge a figura de George Orwell. Segundo Cartano, «Orwell não foi para Espanha fazer turismo literário, à maneira de Byron». Trabalhava com o POUM (partido dos trotsquistas) e no livro «Homenagem à Catalunha» que «não é, certamente, um romance» relata «as batalhas de ruas entre comunistas e anarquistas em Barcelona, atingindo uma dimensão épica». Orwell, evidentemente, estava na guerra civil a trabalhar para os serviços secretos da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos com a missão de fornecer informações sobre os membros das Brigadas Internacionais oriundos daqueles países.

Mas o edifício dos mitos relacionados com o autor de «1984» e da «República dos Animais» teria de cair. E caiu, de facto, quando os sujeitos objectivos do escritor foram expostos, publicamente, no seu próprio país, a Grã-Bretanha. Trabalhava sob o controlo de Celia Kirwan, uma intelectual sábia e consumada nas «artes» das campanhas anticomunistas e anti-soviéticas ao serviço de um departamento especial do Foreign Office. A sua função era informar, denunciar, caluniar. Entregou listas por si elaboradas das quais constavam mais de 130 nomes de pessoas que, em sua opinião, deveriam passar a ser vigiadas. Eis alguns dos nomes que Orwell arrastou para a vigilância dos serviços secretos ingleses: Louis Adamic, John Beavan, os professores Bernal, Braddock, Blackett, Charles Chaplin, Richard Crossman, Artur Calder-Marshall, W.P. Coates e Zelga Coates, Nancy Cunard, Louis Golding, Loster Hutschinson, Maurice Hindus, C. Day-Lewis, Iris Morley, Joseph McLeod, Hugh McDiarmid, Ian Mikardo, Sean O'Casey, Liam O'Flaherty, Ralph Parker, D.N. Pritt, J.B. Priestley, George Padmore, Sir Bernard Parcs, George Reavey, Peter Smollet, G.B. Shaw, Upton Sinclair, John Steinbeck, L.J. Solley, Goerge Thomson, Orson Welles, S. Zuckermann, entre dezenas de outros.



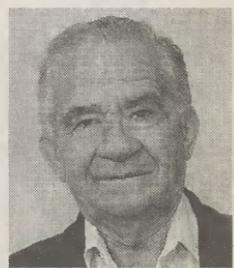
«Orwell não foi para Espanha fazer turismo literário»... Deu a Celia Kirwan (na foto) muitos nomes para vigiar

Name	Job	Remarks
Tilliacus, H. (Finnish?) (Finnish?)	M.P. fascist (balm) "Vigilantes" Author of many books Prisoner of war of British official. Expelled for d.P. 1949 Made equivocal remarks (re Tito) Sept. 1949. Attacked in Moscow press. Confirmed FBI activities.	Possibly no organ- atinal connection. Close fellow traveller of since abt 1943. Anti Russia during Finnish war.
Zuckerman, S. (English Jew)	Biologist. (Bristol University?) Books maps On scientific staff of RAF	Strong sympathies only. Cold change. Politically ignorant.



Brasil no rescaldo da greve dos camionistas

Uma troika de direita governa o Brasil



■ Miguel Urbano Rodrigues

A greve dos camionistas, no final de Julho, fez estremecer o Brasil. Metade dos camiões do país (um milhão e meio) bloquearam durante dias as grandes estradas, sobretudo na área do eixo São Paulo-Rio. Foi uma paralisação atípica, com aspectos inéditos. A greve foi preparada com antecedência de meses, mas, paradoxalmente, teve um carácter quase espontaneísta, pois desenvolveu-se praticamente sem intervenção da Central Única de Trabalhadores, a CUT. O movimento irrompeu como resposta à decisão do Governo Federal de aumentar as portagens nas auto-estradas e o preço do gasóleo. Mas na realidade assistiu-se a uma explosão de descontentamento de magnitude inesperada cujas causas transcendem um segmento da classe operária.

O presidente Fernando Henrique, pressionado pelo grande patronato, cometeu o erro de ameaçar os grevistas com a intervenção do exército. A iniciativa produziu efeito oposto ao visado pelo poder: fortaleceu o espírito de luta dos camionistas. Transcorridas menos de 24 horas, o governo capitulou, aceitando praticamente todas as exigências dos grevistas. O aumento das portagens foi cancelado e o preço do gasóleo manteve-se sem alteração.

Naturalmente, a vitória dos trabalhadores num sector estratégico tão importante constituiu um acontecimento político e social de enorme repercussão no país e em toda a América Latina. Veio confirmar a profundidade do descontentamento popular no Brasil, tornando transparente a fragilidade do governo.

Somente para os europeus, tradicionalmente desinformados sobre o Brasil - incluindo os portugueses - constituiu surpresa o que se passou.

Contrariamente ao que a engrenagem mediática afirma, a crise brasileira não só persiste como tende a agravar-se. Reencontrei em Julho um Brasil onde cresce a maré do descontentamento provocado pelos efeitos da globalização neoliberal. O desprestígio da administração de Fernando Henrique Cardoso atingiu um nível que começa a preocupar Washington. A quota de popularidade do presidente caiu para 12% segundo as últimas sondagens. O povo tem, aliás, consciência de que FHC perdeu o pouco que lhe restava de poder pessoal.

A reforma ministerial, anunciada como marco de uma nova política, deixou as coisas pior do que já estavam. Em vez de uma rectificação de rumo, de fachada social-democrata, com cores de terceira via, o que ocorreu foi uma mudança cosmética que manteve intactas as metas e o estilo da velha política. Os novos ministros

são homens do sistema, cuja presença no Executivo reforçará as políticas neoliberais em vez de as atenuar.

A remodelação foi cozinhada pela *troika* que exerce hoje o poder político em representação do grande capital transnacional e nacional: Pedro Malan, o ministro da Fazenda; Armindo Fraga, o ex-homem-de-mão de George Soros, colocado na presidência do Banco Central para fazer cumprir as exigências do FMI; e Pedro Parente, o articulador de políticas indispensáveis à consecução desse objectivo.

O presidente Fernando Henrique, cada vez mais isolado, tende a converter-se numa figura decorativa. A sua intervenção como comunicador não esconde já o inocultável: as grandes decisões não são tomadas por ele; limita-se a referendá-las. Esse apagamento não lhe reduz as responsabilidades como autor intelectual e dinamizador da estratégia que levou o país ao desastre.

A influência dos próprios partidos oficialmente alinhados com a política do governo é, naturalmente, cada vez menor, na medida em que as grandes linhas da política são traçadas pela

troika, em função do cumprimento do acordo com o FMI. A gravidade e a complexidade da crise é, porém, tamanha, e a oposição popular às medidas tão forte, que o acordo foi já reformulado três vezes. A terceira versão, em andamento, começou já a esbarrar com resistências muito fortes.

O que exige agora o FMI?

Agilizar as chamadas «reformas», sobretudo a tributária, a do poder judicial e a eleitoral. Para que o leitor português possa avaliar o espírito dessas reformas e o seu carácter antidemocrático é suficiente esclarecer que o governo pretende introduzir nas eleições o tecto mínimo de 5%, vigente em alguns países europeus. Os partidos que não atingissem essa percentagem de votos não teriam direito a qualquer mandato. Se tal projecto fosse avante, o Partido Comunista do Brasil, o Partido Socialista e outros menores não teriam mais representantes no Congresso. O próprio PDT de Leonel Brizola teria a sua existência ameaçada. O objectivo, transparente, é golpear drasticamente a esquerda.

Outra exigência do FMI é o aumento do preço da gasolina, como medida compensatória da impossibilidade de alterar o do gasóleo. Tal aumento, antes de concretizado, já produziu efeitos

de Poder com as transnacionais. É o caso do anunciado encerramento da fábrica de automóveis da Ford em São Paulo. A consumir-se, a medida significará o desemprego para milhares de trabalhadores paulistas. O mais estranho nesse episódio sombrio é o facto de a Ford, enquanto se prepara para fechar a fábrica de São Paulo, estar prestes a receber centenas de milhões de dólares de incentivos para instalar uma fábrica nova na Bahia. No âmbito da polémica travada sobre o assunto, o presidente FHC foi já acusado frontalmente de favorecer o projecto da Bahia, em prejuízo dos trabalhadores paulistas. Estes, entretanto, reagiram às manobras da transnacional de Detroit deflagrando uma greve que forçou a administração da Ford a um primeiro recuo.

Lutas como essa tendem a multiplicar-se pelo Brasil afora.

A retomada de contacto com a vida brasileira, após um ano de ausência, colocou-me perante um dos mostruários mais expressivos e chocantes da desigualdade social. Não há outro país no mundo onde o abismo entre os de cima e os de baixo seja hoje tão profundo. A miséria mais degradada e a riqueza mais arrogante, lado a lado, crescem, afastando-se em ritmo alucinatório.

Seria romântico identificar nos protestos populares e na vaga de indignação que os acompanha o prólogo de iminentes ruptu-



negativos. Os preços do metro e dos autocarros subiram imediatamente. Assistimos, assim, aos prenúncios de uma onda de aumentos que inviabilizará a política de contenção da inflação. O velho círculo vicioso.

Uma demonstração de hostilidade aberta às forças progressistas acaba de ser oferecida pelo próprio Presidente FHC ao tornar-se pessoalmente parte de um processo instaurado contra o Partido Comunista do Brasil visando a proibição de acesso aos tempos de antena na televisão. Os argumentos aduzidos na queixa são do género daqueles que os portugueses conheceram antes do 25 de Abril nas campanhas caluniosas do anticomunismo mais primário. FHC chegou ao extremo de acusar os comunistas de «traição à pátria»; não os quer na televisão.

No contexto de uma crise como a brasileira, os escândalos proliferam obviamente, alcançando, em múltiplos terrenos, proporções gigantescas. Mais preocupantes do que os da banca, e de esferas tão diferentes como a Saúde, a Educação e o submundo das polícias são, entretanto, os que deixam entrever a cumpli-

ras revolucionárias. Não há perspectiva de mudanças revolucionárias, a curto prazo, no Brasil. Mas o país, no tocante ao panorama das lutas populares, parece estar grávido de transformações de significado e rumo por ora imprevisíveis. A injustiça social atinge tamanhas proporções que o forasteiro conhecedor da sociedade brasileira sente que as coisas não podem continuar por muito tempo como estão. O Brasil emerge como cobaia e exemplo da irracionalidade do neoliberalismo.

Nesta terra simultaneamente fascinante e vitrina da degradação humana, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST adquire a cada dia a fisionomia de um movimento de novo tipo, com vocação de partido agrário e enormes potencialidades revolucionárias. Os actos e os factos da sua luta tenaz, corajosa, paciente, constituem por si só uma prova indesmentível do alastramento e aprofundamento da luta de classes numa sociedade aviltada e empobrecida pelo neoliberalismo, e dominada e humilhada pelo imperialismo norte-americano.

Espinhos...

Acordando de repente para a corrida às eleições e levando a bandeira laranja que, como quase sempre, inflama as suas primeiras páginas em épocas eleitorais, o «Correio da Manhã», passou, de um dia para o outro, de um espantoso optimismo para o pessimismo mais negro. Nas rosas da abundância com que o PS veste o magro peito português, o «CM» só descobre espinhos. E lá terá razão, embora a nossa memória não registre tamanho zelo na denúncia dos problemas quando Cavaco, a seguir a Soares, comandava a mesma política. Então só agora é que a «Emigração está a crescer»? E foi de repente que se deu conta que a «Economia nacional desacelera»? E foi só na passada segunda-feira que descobriu que se «Agudiza a falta de sangue», e que «em vários hospitais do País a escassez de sangue vem obrigando ao adiamento de operações já programadas»? E que estão as «Casas acima da inflação»?

...e mais espinhos

A prosa do «CM» continua aprofundando o catastrofismo,

PONTOS CARDEAIS

mesmo agora que o tempo já passou sobre o eclipse, se ultrapassou uma sexta-feira 13, e Paco Rabane se queixa que o mundo não acabou e que Nostradamus, afinal, errou as contas. As «primeiras» do «Correio da Manhã» são um estardalhaço de tragédias. Na segunda-feira, para além da falta de sangue, o Algarve estava «entupido» e havia «bichas» com 20 quilómetros, enquanto, ao lado, os caçadores se viam obrigados a «trocar carabinas por canas de pesca», por causa da ausência de caça. Na terça, «agricultores em ceroulas lutam pela sobrevivência», a «diabetes atinge crianças», a «natalidade continua em crise» e a «queda de cabos de alta tensão danifica dezenas de viaturas». Em suma, só o PSD é que vai salvar isto tudo.

E as rosas?

O que nos safa são as rosas. E quem as não encontrar entre a espinhosa leitura do «CM», há-de encontrá-las nas páginas imperturbáveis do «Diário de

Notícias». Esse que, quando as coisas estão pretas para o PS, logo arranja um balde de tinta rosa para lhe pintar a fachada. Tal como quando, ainda há pouco tempo, arranjou espaço para o derrotado Mário Soares se desculpar das tristes figuras que fez no Parlamento Europeu.

A vida está má e cara? Qual quê! «A venda de carros bate record», titula o «DN» à largura da primeira de segunda-feira passada. E mesmo que tal «venda» seja uma «previsão», que importa? Fornecem-se os números: «283 mil veículos ligeiros de passageiros vão ser transaccionados até final do ano». O cidadão está de parabéns. E o Estado conduzido por Guterres também, pois «arrecada 200 milhões em impostos».

As contas, como sempre, virão mais tarde. Com uma acentuada tendência para surgirem agravadas após as eleições. Não querendo ser como o «CM», que só vê os espinhos de hoje, sempre vamos advertindo para os endividamentos que amanhã poderão ser insuportáveis e para a certeza de que a gasolina vai mesmo aumentar.

O Governo já garantiu. É para Outubro. Este frenesim de facturar em todos os carrinhos para encher um saco de votos nas próximas eleições, tem levado o PS a situações algo ridículas. As inaugurações já começaram e vão continuar. A prestações. Após a inauguração, há tempos, do comboio pendular que pendula pouco porque a linha não deixa, e da inauguração do comboio na Ponte 25 de Abril, atirando também para depois de Outubro o «acerto de contas» com os utentes nas portagens, três dezenas de cidadãos embarcaram para o Porto, em... Almada. E lá foram a pendular devagarinho e a pagar mais do que num Alfa.

Fracassos?

Mas o «DN» não se satisfaz apenas com estas parcas vitórias do Governo e do PS. Exulta com os «fracassos» do PSD. Colaborando e fomentando desde há muito a ideia de que há apenas dois partidos e uma alternância, escolhendo um dos lados e não o esconde. Na segunda-feira, titulava, a propósito das «viagens-fantasmas», em aparente equidade: «Guterres e Durão em guerra» - e revelava: «Primeiro-ministro ataca líder do PSD e este quer inquérito parlamentar». No dia seguinte já se autorizava a anunciar que o «inquérito às viagens deixa o PSD isolado» e ainda que «Cunha Rodrigues "iliba" António Guterres».

Violências e soberanias

Estas alegrias, porém, dão às vezes vontade de, para variar, olhar de perto as desgraças e tornar ao «CM», passar uma vista de olhos repousante pelas breves da última página, onde «pai e filho morrem em esgoto», traficantes trazem «droga nas cuecas», houve um «homicida detido», um «baleado em Macau», «russos cercados no Kosovo» e o «calor sufoca Atenas». Tudo no mesmo dia! Logo, porém, nos perguntamos se estaremos autorizados, em nome da moral, a ler estas novidades refrescantes. Talvez não. À noite entra-nos - salvo seja - pela casa dentro a imagem de Paulo Portas, cuja campanha está um pouco frouxa e tem de inventar a toda a hora uma declaração retumbante. Desta vez, exige o *chip!* Um aparelho para se meter na TV e não deixar passar imagens violentas. Tudo em nome da «soberania» dos pais «sobre» os filhos. A gente concorda com isso dos excessos de violência na TV, embora não tenhamos nada com os problemas de infância de PP. Mas... e se o aparelho funcionar? A TV não vai ficar vazia?

PONTOS NATURAIS

■ Mário Castrim

Atalaia

Festa

a Cidade

vamos construir a Cidade

à beira do rio ao pé das estrelas

com elas com o rio a vontade um navio

a Cidade

História

O que está aqui de longe.

o que está aqui de ter razão.

O que está aqui de vida oferecida.

O que está aqui da grande viagem.

O que está aqui de não ter sido miragem.

Jornada de trabalho

Vim cá numa sexta-feira para mais uma jornada vi Jesus suando em bica quando aplainava uma tábua.

Vi quem levava nos ombros pesados, compridos tubos era Espártaco, porém já sem algemas nos pulsos.

Vi Alex em todo o lado ágil, romântico, rindo sempre tão atarefado que nem sequer deu por mim.

Vim cá numa sexta-feira para mais uma jornada ai de quantas, quantas mãos sai a luz da madrugada...

Pois é

Não é um milagre.

Não é.

Não é para deixar ninguém de boca aberta.

Não é.

Não é para vir nos roteiros burocráticos de Setembro.

Não é.

Não é uma estrela no deve e haver.

Não é.

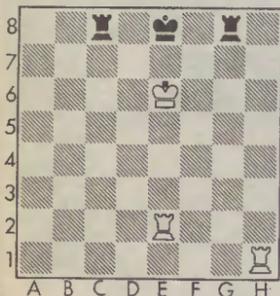
É uma singela maneira de ser.

XADREZ

DCCXVIII - 19 DE AGOSTO DE 1999
PROPOSIÇÃO Nº 1999X29

Por: Henri Rinck
«La Stratégie» - 1921

Pr.: [3]: Ts. ç8, g8 - R68
Br.: [3]: Ts. é2, h1 - R66



Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO DO Nº 1999X29 [H.R.]

1. Th7, tç3; 2. Ta7, Rd8; 3. Td2+, Rç8; 4. Ta8+ e g. 2. Td3; 3. Rf6+, Rd8; 4. Ta8+ e g. 1. Rg8; 2. Tç7+, Rd8; 3. Rf7, Th8; 4. Rg7 e g.

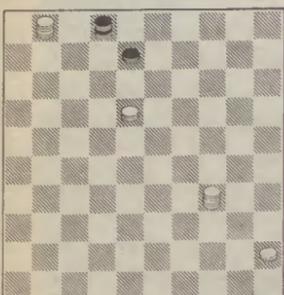
A. de M. M.

DAMAS

DCCXVIII - 19 DE AGOSTO DE 1999
PROPOSIÇÃO Nº 1999D29

Por: Frédéric Ricou [F.]
«L'Effort n.º 183» - 1978

Pr.: [2]: (2)-8
Br.: [4]: (1)-18-(34)-45



Branças jogam e ganham

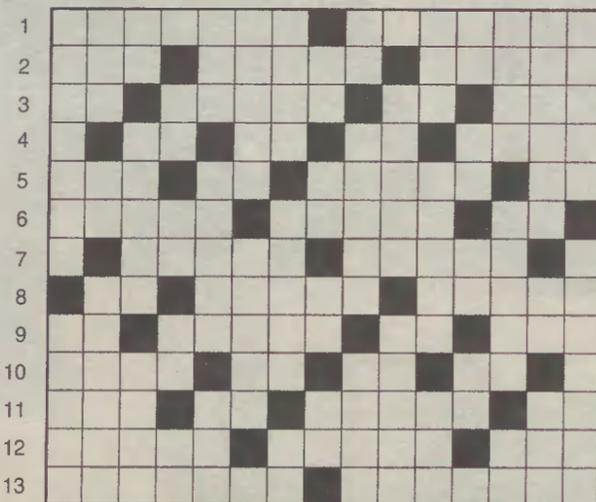
SOLUÇÃO DO Nº 1999D29 [F.R.]

1. 1-6, (2-16)*; 2. 18-12, (x17); 3. 6-44, (16-2); 4. 45-40+3. (16-49); 4. 45-40 e +3. (16-21 ...); 4. 44-17 ... e +

A. de M. M.

PALAVRAS CRUZADAS

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15



HORIZONTAIS: 1 - Oficial de patente imediatamente superior à de alferes; que viola os princípios da moral vigente (pl.). 2 - Eternidade; freira que não exerce cargos superiores (pl.); missiva. 3 - Sódio (s.q.); doçura (fig.). 4 - Cobalto (s.q.); basta; também (arc.); mulher de Abraão. 5 - Base aérea portuguesa; aparecia; pequeno instrumento para assobiar; carta de jogar. 6 - Camisola comprida (bras.); tempera com anis; Érbio (s.q.). 7 - Ter força para; aposento de um religioso, no convento (pl.). 8 - Pedra de moinho; relativo às ovelhas; quartos traseiros dos animais (pl.). 9 - O seu valor é de 3,1416; estabelecimento de caridade para albergar pessoas necessitadas; Arsénio (s.q.); ovário de peixe. 10 - Enguia; o m.q. porco (prov.); antiga nota dó; outra coisa (ant.). 11 - Semelhante; utensílio de cozinha; fruto da anoneira; forma arcaica de mim. 12 - Reverencia; guarda na mala; ilha inglesa no mar da Irlanda. 13 - Curaram; felicitar.

VERTICAIS: 1 - Que tem orelhas compridas e estreitas; fio ou fios da folha da piteira (pl.). 2 - A primeira mulher; flauta chinesa de bambu com doze orifícios; olhadela. 3 - Articulação das falanges dos dedos; extensão de terreno mais ou menos plano, cultivável e pouco arborizado; odor. 4 - Principal rio de Itália; a voz do cão; campeão; Rádio (s.q.). 5 - Ninho; elemento químico metalóide, sólido, mais ou menos parecido com a plumbagina, e que se sublima a baixa temperatura (pl.); que é divisível por dois. 6 - Peixe salmónida; esquiva-se. 7 - Estaca para empar; apêndice do folículo de certas sementes; preposição. 8 - Formula usada em receitas médicas; prefixo que exprime a ideia de privação, separação; medida de velocidade equivalente a uma milha marítima por hora; Americio (s.q.). 9 - Caminhais; relativo à epopeia; singulares. 10 - Momento perigoso ou decisivo; atasca. 11 - Vazia; tabuinha que serve para comprimir ossos fracturados (pl.); grande embarcação. 12 - Rádio (s.q.); isolado; elemento de formação que indica ascensão, repetição, mudança, sentido contrário; rio costeiro de França. 13 - Equipa; a fina flor; nociva. 14 - Repetir; avenida (abrev.); o abismo (fig.). 15 - Compartimento principal de uma casa (pl.); produto que se extrai o ásaro.

SOLUÇÃO:

HORIZONTAIS: 1 - Tenente; imorais. 2 - Evo; irmãs; carta. 3 - Na; poupa; Ca; mel. 4 - Co; tá; er; Sara. 5 - Ota; ia; apito; ás. 6 - Timão; anisa; Er. 7 - Poder; celas. 8 - Mó; ovino; ancas. 9 - Pi; asilo; As; ova. 10 - Irós; tó; ut; al. 11 - Tal; pá; anona; mi. 12 - Adora; emala; Man. 13 - Sararam; saudara.

VERTICAIS: 1 - Tenioto; pitas. 2 - Eva; ti; mirada. 3 - Nó; campo; olor. 4 - Pó; ão; ás; Ra. 5 - Nio; iodios; par. 6 - Truta; evita. 7 - Empa; arilo; em. 8 - Áa; an; nó; Am. 9 - Is; épico; unas. 10 - Crise; atola. 11 - Oca; talas; nau. 12 - Ra; só; an; Aa. 13 - Arma; escol; má. 14 - literar; av.; mar. 15 - Salas; asarina.

AGENDA

Na Assembleia da República,
os deputados do PCP e de «Os Verdes»,
eleitos em 1995 nas listas da CDU, realizaram um grande trabalho,
honrando os compromissos que tinham assumido perante os eleitores.
Hoje vamos fazer uma coisa que ninguém mais faz: prestar-lhe contas detalhadas
da acção desenvolvida na Assembleia da República nos últimos quatro anos.
Para que julgue por si. Para que forme a sua opinião com base em factos e não em conversa fiada.
E para que possa descobrir por si que, afinal e pensando bem,
os partidos não são todos iguais.

CDU Cumpriu!

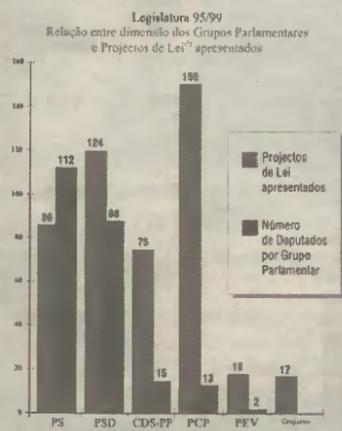
Mais CDU
Mais Respeito pelas pessoas



Factos são factos!

Os Deputados eleitos pela CDU foram os que mais trabalharam

Legislativa 95/99
Relação entre dimensão dos Grupos Parlamentares e Projectos de Lei apresentados



Partido	Projectos de Lei apresentados	Número de Deputados por Grupo Parlamentar
PS	86	112
PSD	88	124
CDS-PP	15	75
PCP	13	158
PEV	2	18
Outros	17	17

Com apenas 13 deputados (5,8% do total), o PCP foi o partido que apresentou mais projectos de lei (32% do total). Considerando em conjunto o trabalho dos grupos parlamentares do PCP e do PEV, pode dizer-se que os 15 deputados eleitos pela CDU apresentaram 36% dos projectos, a larga distância do PS e do PSD que tinham respectivamente 112 e 88 deputados.

E, também porque o PS não tinha a maioria absoluta, conseguiram que 63 dos seus projectos fossem aprovados pela Assembleia da República, com efeitos muito positivos para os cidadãos e como importante contribuição para a solução de alguns problemas.

Assim, por exemplo, por iniciativa do PCP, foram aprovadas novas leis:

- de vinculação do Governo à concretização de um programa espacial de acesso aos cuidados de saúde (listas de espera);
- de proibição da discriminação salarial de jovens e de reforço dos direitos dos trabalhadores-estudantes;
- de criação do regime do contrato de trabalho a bordo das embarcações de pesca;
- de reforço do direito à igualdade das mulheres no trabalho e no emprego;
- de garantia de alimentos devidos a menores e de agravamento das penas para crimes sexuais, nomeadamente de que são vítimas menores;
- de apoio às associações de cidadãos portadores de deficiência;
- de criação de uma licença especial nos casos de gravidez de risco;
- de vinculação do Governo à concretização de um programa espacial de acesso aos cuidados de saúde (listas de espera);
- de criação de uma rede de serviços públicos para o tratamento e reinserção de toxicodependentes e o financiamento público de projectos destinados à prevenção secundária da toxicodependência;
- de adopção de importantes medidas de protecção da saúde reprodutiva;
- de protecção dos direitos dos imigrantes;
- de apoio à reconstrução dos bairros clandestinos;
- de simplificação e melhoria do transporte de doentes pelos corpos de bombeiros;
- de reforço das associações de mulheres;
- de alargamento dos direitos das famílias constituídas em uniões de facto;
- de criação de uma rede pública de casas de apoio a mulheres vítimas de violência;
- de facilitação do acompanhamento familiar de doentes hospitalizados;
- de medidas de combate à propagação de doenças infecto-contagiosas no meio prisional;
- de defesa dos preços da gasolina;
- de redução das tarifas de electricidade em 15% para os consumidores domésticos;
- de defesa da oliveira nacional;
- de apoio aos agricultores face a adversidades climáticas;
- de protecção dos trabalhadores em situação de deslocalização de empresas;
- de protecção das pescas nacionais face à Política Comum de Pescas;
- de suspensão do processo de co-incineração e de anulação das escolhas feitas (Maceira e Sousa).

E foi graças às propostas do PCP no Orçamento para 1999 que, embora por culpa do PS permaneça uma injustiça fiscal de bradar aos céus, este ano cerca de 700 mil portugueses ficarão isentos de pagar IRS e cerca de 2 milhões passaram a ser tributados a uma taxa inferior à que suportavam.

Atenção!

À beira de eleições, o PS não se limita, como já disse um Ministro, a explicar que, colado, nestes quatro anos, esteve a aprender a governar. Não se limita a prometer agora todas as reformas que não fez nos últimos quatro anos. E também não se limita a tentar ultrapassar o cavacismo em inaugurações eleitorais e em planos e promessas governamentais para muitos e muitos anos. Agora, com o slogan «Portugal em boas mãos», até já confunde o seu Governo com Portugal e já se julga dono do país.

Não deixe que eles ponham as mãos em tudo.

Mais CDU

CDU - Coligação Democrática Unitária PCP-PEV



Legislativas '99

CARLOS CARVALHAS

em VIANA DO CASTELO...
Sexta-feira, dia 20, a partir das 11h
(partida do CT do PCP)
Visita às Festas da Senhora da Agonia
e almoço-convívio com candidatos e activistas da CDU
(no Centro de Trabalho)

... e na COSTA DA CAPARICA
Convívio-festa no Parque de Sto. António
Sábado a partir das 18h30
Petiscos e bebidas - Música Popular - Cantares Alentejanos
Com a presença e intervenções (às 21h) de
CARLOS CARVALHAS e OCTÁVIO TEIXEIRA

Pré-campanha eleitoral no distrito de Beja

Rodeia Machado, cabeça de lista da CDU em Beja, iniciou ontem uma série de encontros com sectores e instituições de vários concelhos do distrito, que prossegue hoje em Odemira. Terá aqui encontros com trabalhadores da Câmara Municipal e visita a SUPOR/Odemira e a Iberia Salads, na Boavista dos Pinheiros. Sexta-feira, em Beja, Rodeia Machado encontra-se com os trabalhadores e o Executivo Municipal e, no dia seguinte, em Ourique, participa num almoço convívio da CDU a realizar em Panóias. Nos dias 23, 24 e 25 estará sucessivamente em Cuba, Almodôvar e Mértola, mais uma vez para encontros com os trabalhadores e executivos municipais

Festa 1999 Avante!

JORNADAS DE TRABALHO DO CONCELHO DE OEIRAS

Este domingo mais uma vez (porque continua a ser preciso) e com a habitual camioneta (Paragens em Paço D'Arcos (7h35), Porto Salvo, Leceia, Tercena, Queijas, Carnaxide, Linda-a-Velha e Algés. Regresso às 17h)

EXCURSÃO DE BRAGA

A exemplo de anos anteriores, a Comissão Concelhia de Braga do PCP organiza também este ano uma excursão em autocarro à Festa do Avante!, com partida às 6 da manhã de sábado e regresso no domingo às 22 horas. As inscrições continuam a poder ser feitas no Centro de Trabalho do PCP de Braga, com o telefone (053) 616850/1

EXCURSÕES DE SETÚBAL

Também as organizações da ORS promovem excursões para a Quinta da Atalaia, sábado e domingo da Festa: com saída de Setúbal às 9 h. e regresso às 00.30 h., no sábado, e às 23 h. no domingo, e passagens em S. Sebastião, Praias Sado, Faralhão e Alto da Guerra. Inscrições nos Centros de Trabalho da ORS e pelos tels. (065) 522273 e 751288

Neste Domingo

CICLISMO TURISMO

Quinta da Atalaia / Quinta da Atalaia
22 de Agosto

A Comissão de Desporto da Festa do Avante!, em colaboração com o Clube Recreativo Barroquense e com o apoio técnico da Federação Portuguesa de Ciclismo, organiza este ano mais uma vez - no próximo dia 22, domingo - um passeio de ciclismo integrado no programa desportivo da Festa, com partida da Quinta da Atalaia às 9h30 e meta no mesmo local.

O itinerário está inscrito no diagrama que incluimos. Os organizadores relembram o carácter de passeio informal de ciclismo de que a iniciativa se reveste - "este encontro não é uma prova desportiva, nem de velocidade", não tem intuídos competitivos e está aberto a todos os ciclistas masculinos e femininos com mais de 13 anos de idade, podendo ser participado por grupos ou individualmente ... que se obrigam a respeitar o Código da Estrada e a rolar o mais à direita possível! As inscrições estão abertas até 1 hora antes do início da prova, no Clube Recreativo Barroquense e pelos telefones 250 27 01 e 259 49 64.



Quinta, 19

RTP 1

- 08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
11.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Laços do Passado
15.00 Nas Asas do Destino
16.20 Lições do Tonecas
16.50 Reis do Estúdio
18.15 País, País
19.15 Os Lobos
20.00 Telejornal
21.00 As Lições do Tonecas
21.40 Docas 2
23.05 Conversas com Mário Soares
00.10 Ballet Rose
01.15 24 Horas
02.05 Atrás do Silêncio
(de Fred Gerber, EUA/1996, com Kellie Martin, JoBeth Williams, Alan Rosenberg, Telefilme Dramático)

RTP 2

- 14.30 Informação Gestual
15.45 Novas Aventuras de Davy Crockett
16.35 Gente Remota

Sexta, 20

RTP 1

- 08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
10.05 Bonanza
11.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 O Lugar da História
15.10 Nas Asas do Destino
16.20 As Lições do Tonecas
16.50 Reis do Estúdio
18.15 País, País
19.15 Os Lobos
20.00 Telejornal
21.00 Futebol (Jogo do Camp. Nacional)
23.00 Noites de Verão
00.50 24 Horas
01.40 Páginas Negras de Patricia Highsmith
02.35 Subjugação
(de Michael Laughlin, Gr.Br./Nova Zel./Austrália/1984, com Jodie Foster, John Lightgow, George Thompson. Drama)

RTP 2

- 14.30 Informação Gestual
15.45 O Caminho das Estrelas
16.35 Gente Remota

Sábado, 21

RTP 1

- 08.00 Infantil/Juvenil
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Top +
15.00 O Selvagem da Califórnia
(de Steve Rash, EUA/1993, com Pauly Shore, Carla Gugino, Lane Smith, Cindy Pickett. Comédia)
17.05 Malta Portuguesa
17.40 Um Golpe do Destino
(de Gillies MacKinnon, EUA/1994, com Steve Martin, Laura Linney, Gabriel Byrne. Drama)
19.25 Sexto Sentido
20.00 Telejornal
20.05 Santa Casa
23.00 Tourada
00.25 Nash Bridges
01.15 24 Horas
01.55 As Belas São Assassinas
(de Michael Crichton, EUA/1981, com Albert Finney, James Coburn, Susan Dey. Ficção Científica)

RTP 2

- 09.00 Documentário
12.00 Aventuras Espaciais
12.30 Múmias do Bem
13.15 O Importante São as Pessoas
14.05 Surfistas

Domingo, 22

RTP 1

- 08.00 Infantil / Juvenil
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Made In Portugal
14.55 Saber e Fazer
15.20 Heróis em Acção
16.30 Greystroke, a Lenda de Tarzan
(de Hugh Hudson, Gr.Br./1984, com Christopher Lambert, Ralph Richardson, Ian Holm. Aventuras)
18.45 Destinos de Sofia
20.00 Telejornal
20.45 Saídos da Casca
22.00 Jet Sete
22.40 Domingo Desportivo
23.40 A Teia
01.50 24 Horas
02.30 Perigo Iminente
03.25 Doces Mentiras
(de Nathalie Delon, Fr/EUA/1987, com Treat Williams, Joanna Pacula, Julianne Phillips, Laura Mamsky. Comédia)

RTP 2

- 09.00 Programa Religioso
10.30 Missa
12.00 Quem Sai aos Seus
12.30 Oriente Express

Segunda, 23

RTP 1

- 08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
10.05 Bonanza
11.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Lugar da História
14.50 Willy Fog
15.15 Nas Asas do Destino
16.30 Lições do Tonecas
17.00 Reis do Estúdio
18.15 Nico d' Obra
18.45 País, País
19.15 Os Lobos
20.00 Telejornal
21.00 Nós, os Ricos
21.35 Jogo Falado
23.00 Robocop II
(de Irvin Kershner, EUA/1990, com Peter Weller, Nancy Allen, Tom Noonan, Daniel O' Herlihy, Belinda Bauer. Ficção Científica)
01.10 24 Horas
02.00 Os Pais da Europa
02.50 Máquinas
00.25 Movendo a Montanha

RTP 2

- 15.00 Informação Gestual

Terça, 24

RTP 1

- 08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
10.05 Bonanza
11.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Lugar da História
14.50 Willy Fog
15.15 Nas Asas do Destino
16.30 As Lições do Tonecas
16.50 Reis do Estúdio
18.15 Nico d' Obra
18.45 País, País
19.15 Os Lobos
20.00 Telejornal
21.00 Mr. Bean
22.00 Herman Enciclopédia
23.10 Jess
23.20 24 Horas
00.30 Seaquest, Brigada Submarina
01.30 Homem do Ano
(de Dirk Shafer, EUA/1995, com Dirk Shafer, Vivian Paxton, Deidra Shafer, Michael Ornstein. Comédia)

RTP 2

- 15.00 Informação Gestual
15.45 Derrick
16.45 Gente Remota

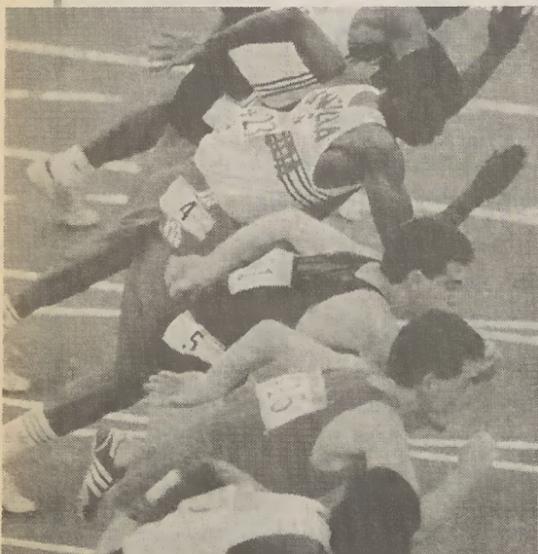
Quarta, 25

RTP 1

- 08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
10.05 Bonanza
11.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Lugares da História
14.50 Willy Fog
15.15 Nas Asas do Destino
16.20 As Lições do Tonecas
16.50 Reis do Estúdio
18.15 Nico d' Obra
18.45 País, País
19.00 Os Lobos
19.45 Futebol: Boavista-Brondby
21.45 Telejornal
22.45 Os Principais
23.55 Diário de Maria
01.00 Bigamia
01.50 Polícias
02.40 24 Horas
03.30 Sonhos Terríveis
(de Andrew Fleming, EUA/1988, com Jennifer Rubin, Bruce Abbott, Richard Lynch, Harris Yulin. Terror)

RTP 2

- 15.00 Informação Gestual



Em Sevilha começa esta semana o Campeonato Mundial de Atletismo. Reportagens na RTP2

- 17.30 Euronews
18.00 A Fé dos Homens
18.35 Filhos da Selva
19.10 Um, Dó, Li, Tá
20.05 Meia de Música
20.35 Riscos
21.05 Ellen
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.45 Chamada para a Morte
(de Alfred Hitchcock, EUA/1954, com Ray Milland, Grace Kelly, Robert Cummings. Ver Destaque)
00.30 Hindelburg
01.25 O Último dos Czars
02.10 Meia de Música

SIC

- 08.00 Buêrére
11.30 Trapalhões
12.00 Zazá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Chiquinha Gonzaga
15.00 Você Decide
15.40 Rex, o Cão Polícia
17.00 Médico de Família
18.00 A Força de um Desejo
19.00 Andando nas Nuvens
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
21.30 Cantigas de Maldizer
22.20 Suave Veneno
22.30 Roda dos Milhões
24.00 Coração de Trovão
(de Michael Apted, EUA/1992, com Val Kilmer, Sam Shepard, Graham Greene, Fred Ward. Ver Destaque)
02.20 Último Jornal
02.55 Dra. Quinn
03.55 Portugal Radical

TVI

- 09.00 Animação
12.00 Pérola Negra
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
15.00 Samantha
16.00 Animação
19.00 Heróis por Acaso
20.00 Asas nos Pés
21.00 Directo XXI
21.40 Os Reis da Música Nacional
00.50 A Outra Mãe
(de Frank Arnold, EUA/1995, com Joanna Kerns, Stephanie Zimbalist, Michael Shulman, Gabu Hoffman. Drama)
02.50 Tal Pai, Tal Filho
(de Jan Egleston, EUA, com Kate Jackson, John Shee, Dean Stockwell. Drama)
00.30 Tal Pai, Tal Filho
01.00 Mosley

- 17.35 Euronews
18.00 Programa Religioso
18.30 Filhos da Selva
19.10 Um, Dó, Li, Tá
20.05 Meia de Música
20.35 Riscos
21.05 Remate
22.00 Jornal 2
22.20 Crimes de Midsomer
00.05 O Corpo Humano
00.35 Meia de Música
01.00 Amigos

SIC

- 08.00 Buêrére
11.30 Malucos do Riso
12.00 Zazá
12.30 Dona Flor e Seus Dois Maridos
13.30 Primeiro Jornal
14.00 Chiquinha Gonzaga
15.00 Você Decide
15.40 Buêrére
17.00 Médico de Família
18.00 A Força de um Desejo
19.00 Andando nas Nuvens
20.00 Jornal da Noite
21.00 Ponto de Encontro
22.40 Suave Veneno
23.40 Desporto
02.00 Último Jornal
02.35 Algemados
(de Kevin Hooks, EUA/1996, com Laurence Fishburne, Stephen Baldwin, Will Patton. Acção)
04.35 Portugal Radical
05.05 Vibrações

TVI

- 09.00 Animação
12.00 Pérola Negra
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
15.00 Samantha
16.00 Animação
19.00 Heróis por Acaso
20.00 Asas nos Pés
21.00 Directo XXI
21.40 Os Reis da Música Nacional
00.50 A Outra Mãe
(de Frank Arnold, EUA/1995, com Joanna Kerns, Stephanie Zimbalist, Michael Shulman, Gabu Hoffman. Drama)
02.50 Tal Pai, Tal Filho

Nota: A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.



"Jogo Falado" regressa, agora na RTP1 às segundas-feiras

- 15.00 Desporto 2
18.55 2001
19.30 Onda Curta
(Sonhos Lineares, Linear Dreams, de Richard Reeves, Can/1997; Sientje, de Christa Moesker, Hol/1997; No Interior do Iraque, Inside Irak, de Jon Alpert e Mary Ann DeLeo, EUA/1991. Curtas Metragens)
20.00 Os Transatlânticos
20.50 Atletismo - Camp. do Mundo / Sevilha
22.00 Jornal 2
22.35 O Lugar da História
23.35 Allô, Allô!
00.05 Jogo da Vida
00.35 Smith and Jones
01.05 Joana D'Arc, a Donzela: As Prisoões
(de Jacques Rivette, Fr/1993, com Sandrine Bonaire, Olivier Cruveiller, André Marcon. Histórico)

SIC

- 08.00 Buêrére
11.55 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Buffy, a Caçadora de Vampiros
(de Fran Rubel Kuzui, EUA/1992, com Kristy Swanson, Donald Sutherland, Paul Reubens, Rutger Hauer. Terror / Comédia)
16.00 Big Show Sie
20.00 Jornal da Noite
21.00 Mundo VIP
22.20 Pequenos e Terríveis
23.20 Afrodísia
00.20 Camaradas de Verão
(de Tommy Lee Wallace, EUA/1992, com Joe Mantegna, Natalya Negoda, Mark Rolston. Telefilme)
02.20 Último Jornal
03.05 Portugal Radical

TVI

- 09.00 Animação
11.50 Top Rock
13.00 Contra-Ataque
14.30 Caras Lindas
15.00 Vencer o Sonho
(de Don Sharp, EUA/1986, com Jenny Seagrove, Stephen Collins, Deborah Kerr. Telefilme)
17.00 Absolutamente Loucos
(de Julian Temple, EUA/1989, com Geena Davis, Jeff Goldblum, Julie Brown. Ficção Científica / Comédia)
19.00 Colégio Brasil
21.00 Directo XXI
21.40 A Coragem de Uma Mulher
(de Harry Winner, EUA/1998, com Patricia Wettig, Stephen Lang, Joanna Cassidy. Drama)
23.40 Rasto de Vingança
(de Antonio Gonzalo, EUA/1996, com James Brolin, Jay Roberts, Seidy Lopez. Drama)
01.50 Histórias Fantásticas



"Smith and Jones" passou a integrar o pacote da "Comédia Britânica" na RTP2

- 14.00 Malária e Paludismo
14.30 Rotações
15.00 Desporto 2
19.00 Bom Bordo
19.35 Grandes Mulheres
20.30 Desporto 2 - Camp. Mundo Atletismo
22.20 Jornal 2
22.45 Horizontes da Memória
23.25 Faenas
23.55 A Desaparecida
(de John Ford, EUA/1956, com John Wayne, Jeffrey Hunter, Vera Miles, Ward Bond, Natalie Wood. Ver Destaque)

SIC

- 08.00 Buêrére
12.00 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
13.40 Regresso a Casa 2 - Perdidos em S. Francisco
(de David R. Ellis, EUA/1996, com Robert Hays, Kim Greist, Veronica Lauren. Aventuras / Infantil)
15.35 Vip
17.00 Rex, O Cão Polícia
18.00 Espião... Como Puderdes!
(de Rick Friedberg, EUA/1996, com Leslie Nielsen, Nicolette Sheridan, Charles Durning. Comédia / Espionagem)
20.00 Jornal da Noite
21.00 Um Sarilho Chamado Marina
21.40 O Fura-Vidas
22.10 Cantigas da Rua
23.30 Os Intocáveis
(de Brian De Palma, EUA/1987, com Kevin Costner, Sean Connery, Andy Garcia, Robert De Niro. Ver Destaque)
02.00 Último Jornal
02.35 O Sexo e a Cidade
03.05 Portugal Radical

TVI

- 09.00 Animação
11.00 Programa Religioso
11.10 Missa
14.00 Caras Lindas
15.00 Diagnóstico do Destino
(de Randa Haines, EUA/1991, com William Hurt, Elizabeth Perkins, Christine Lahti. Ver Destaque)
17.00 O Silêncio dos Culpados
(de Elio Greggio, EUA/1993, com Billy Zane, Dom DeLouise, Joanna Pacula, Shelley Winters. Comédia)
19.00 Animação
21.00 Directo XXI
21.40 Causa Justa
22.40 Um Mundo de Mentiras
(de Larry Elikmann, EUA/1996, com Gary Cole, Karen Sillas. «Thriller»)
00.40 Palmeiras Bravias
01.40 Fargo
(de Joel e Ethan Coen, EUA/1995, com Frances McDormand, William Macy, Steve Buscemi, Peter Stromare, Harve Presnell. Ver Destaque)

- 15.45 Rumo ao Sul
16.35 Gente Remota



O "Verão alegre" da nossa televisão - dos "reis do estúdio" aos "reis da música nacional", passando pelos "fenômenos" caçados no Brasil...

- 17.30 Açores
18.00 Informação Religiosa
18.30 Meia de Música
19.15 Infantil
20.30 Atletismo (Campeonato de Sevilha)
22.00 Jornal 2
22.45 A Coroa e o País
23.15 Claxon
23.45 Biografia: Nadir Afonso
00.45 Perigo Iminente
01.45 Meia de Música

SIC

- 08.00 Buêrére
11.30 Trapalhões
12.00 Zazá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Chiquinha Gonzaga
15.00 Você Decide
15.40 Rex, o Cão Polícia
17.00 Médico de Família
18.00 A Força de um Desejo
19.00 Andando nas Nuvens
20.00 Jornal da Noite
21.00 Imagens Reais
22.00 Suave Veneno
23.00 Sem Escape, Vencer ou Morrer
01.30 Noites Longas da SIC (A América de Norman Mailer, Norman Mailer's America; O Marginal, The Outlaw; O Guerreiro Relutante, The Reluctant Warrior; A Virtude Americana, American Virtue, de Richard Copans e Stan Neumann. Documentários)
02.00 Último Jornal
02.35 Cidade Escaldante
03.35 Portugal Radical

TVI

- 09.00 Animação
12.00 Pérola Negra
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
15.00 Samantha
16.00 Animação
19.00 Heróis por Acaso
20.00 Asas nos Pés
21.00 Directo XXI
21.40 Feiticeira, Mais um Fenômeno do Brasil...
22.40 Bela e Perigosa
(de David Hogan, EUA/1995, com Pamela Anderson, Victoria Rowell, Temuera Robinson. Drama)
23.40 Paixão Selvagem
(de Jennifer Chambers Lynch, Gr.Br./1992, com Ari Gafunkel, Betsy Clark, Bill Paxton. Drama)
02.30 Tal Pai, Tal Filho
03.00 O Rosto da Lei
02.30 O Mundo do Futebol



"Dona Flor e Seus Dois Maridos": discretamente, na SIC

- 17.35 Meia de Música
18.00 Informação Religiosa
18.30 Infantil
20.00 Riscos
20.30 Atletismo - Camp. de Sevilha
22.00 Jornal 2
22.55 Céu Azul

- 16.00 O Caminho das Estrelas
16.45 Gente Remota
17.30 Meia de Música
18.00 Informação Religiosa
18.30 Infantil
20.00 Riscos
20.30 Atletismo - Camp. de



O "Verão alegre" da nossa televisão - dos "reis do estúdio" aos "reis da música nacional", passando pelos "fenômenos" caçados no Brasil...

- (de Tony Richardson, EUA/1991, com Jessica Lange, Tommy Lee Jones, Powers Boothe, Carrie Snodgrass. Ver Destaque)
00.35 Documentário - Gorilas (Sevilha)
01.25 Meia de Música

SIC

- 08.00 Buêrére
11.30 Trapalhões
12.00 Zazá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Chiquinha Gonzaga
15.00 Você Decide
15.40 Rex, o Cão Polícia
17.00 Médico de Família
18.00 A Força de um Desejo
19.00 Andando nas Nuvens
20.00 Jornal da Noite
21.00 Imagens Reais
22.00 Suave Veneno
23.00 Sem Escape, Vencer ou Morrer
01.30 Noites Longas da SIC (A América de Norman Mailer, Norman Mailer's America; O Marginal, The Outlaw; O Guerreiro Relutante, The Reluctant Warrior; A Virtude Americana, American Virtue, de Richard Copans e Stan Neumann. Documentários)
02.00 Último Jornal
02.35 Cidade Escaldante
03.35 Portugal Radical

TVI

- 09.00 Animação
12.00 Pérola Negra
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
15.00 Samantha
16.00 Animação
19.00 Heróis por Acaso
20.00 Asas nos Pés
21.00 Directo XXI
21.40 Ela Nunca se Nega
22.40 Bela e Perigosa
(de David Hogan, EUA/1995, com Pamela Anderson, Victoria Rowell, Temuera Robinson. Drama)
23.40 Paixão Selvagem
(de Jennifer Chambers Lynch, Gr.Br./1992, com Ari Gafunkel, Betsy Clark, Bill Paxton. Drama)
02.30 Tal Pai, Tal Filho
03.00 O Rosto da Lei
03.45 Desporto

- Sevilha
22.00 Jornal 2
22.35 Sinais do Tempo ou Zoom
23.50 Ópera
01.45 Mulheres Pioneiras do Espaço
02.35 Meia de Música

SIC

- 08.00 Buêrére
11.30 Trapalhões
12.00 Zazá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Chiquinha Gonzaga
15.00 Você Decide
15.40 Rex, o Cão Polícia
17.00 Médico de Família
18.00 A Força de um Desejo
19.00 Andando nas Nuvens
20.00 Jornal da Noite
21.00 A Vida das Aves (Ep. 1)
22.20 Suave Veneno
24.00 Lágrimas ao Entardecer
(de Robert Hartling, EUA/1996, com Jack Nicholson, Shirley McLaine, Miranda Richardson. Melodrama)
02.00 Último Jornal
02.35 Toda a Verdade
03.35 O Sexo e a Cidade
04.05 Portugal Radical

TVI

- 09.00 Animação
12.00 Pérola Negra
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
15.00 Samantha
16.00 Animação
19.00 Escola de Verão
(de Carl Reiner, EUA/1988, com Mark Harmon, Kirstie Alley, Dean Cameron, Gary Riley. Comédia)
21.00 Directo XXI
21.40 Quero Justiça!
22.40 Ela Nunca se Nega
(de Bob Rafelson, EUA/1992, com Jack Nicholson, Ellen Barkin, Harry Dean Stanton. Comédia)
00.30 O Corvo
01.20 Tal Pai, Tal Filho

TELEVISÃO

Por isto e por aquilo...

Chamada Para a Morte

(Quinta, 22.45, RTP2)

Um antigo campeão de ténis, *Tony Wendice*, tendo descoberto que sua mulher tem uma amante, decide matá-la sem deixar rasto, afim de herdar a sua fortuna. Para o conseguir ele aproveita-se de um antigo companheiro de juventude, *Lesgate*, sobre o qual exerce chantagem. E tudo parecia bem planeado, em particular o indispensável álibi, se não fora o caso de a mulher de *Tony* se ter defendido com um golpe de tesoura nas costas do assassino e se não surgissem certos quiprós a propósito de uma chave... Realizado para tirar partido dos efeitos 3-D, formato sob o qual chegou a ser explorado comercialmente, o filme ressent-se de certas imposições do próprio sistema, embora permaneça uma peça bem engendrada, só possível de sair da cabeça de um mestre como **Hitchcock**. Com duas boas interpretações de *Ray Milland* e *Grace Kelly*.



Um fotograma de «Chamada Para a Morte», de Alfred Hitchcock

Coração de Trovão

(Quinta, 00.00, SIC)

A história deste filme conduz-nos à investigação de um crime que um agente do *FBI* desenvolve numa reserva situada na região do *Dakota*, em meados dos anos 70, durante um confronto violento entre um grupo de militantes do *Movimento Pró-Índios Americanos* e a delegação daquela agência federal. Baseado em factos autênticos e partindo de um conflito essencial centrado à volta do compromisso entre a fidelidade à conduta profissional ou às origens raciais (o agente em questão é de descendência índia e a sua escolha, como investigador, tem a ver com isso mesmo), o filme é uma importante peça de denúncia contra a segregação dos índios americanos e foi realizado por **Michael Apted**, um cineasta britânico radicado nos EUA, que soube transportar para a «ficção» elementos da abordagem da realidade que a sua experiência de documentarista naturalmente ajudou a convocar.

Diagnóstico do Destino (Domingo, 15.00, TVI)

Tudo poderia conduzir a mais um filme que constituísse um veículo demagógico de ataque gratuito à classe médica - sempre tão do agrado do sensacionalismo dos *telejornais* nas peças de informação sobre a prestação dos cuidados de saúde ou da negligência médica das



Jessica Lange e Tommy Lee Jones, em «Céu Azul», de Tony Richardson

quais a investigação séria, prudente e conscienciosa do novo *jornalismo-vedeta* em regra estão completamente ausentes. Mas parece que não. As referências dizem-nos que esta é a história, credível, de um reputado médico que, de súbito atingido por uma doença gravíssima, se vê também ele confrontado com a burocracia, o desprezo pelo doente e a insensibilidade e arrogância profissional dos seus pares - que era, também, a sua postura quando cidadão são. Um filme com o qual tantos espectadores certamente se identificarão, realizado sem grande brilhantismo mas alguma eficácia por um cineasta relativamente desconhecido - *Randa Haines* - e em que se destaca, sobretudo, a interpretação de *William Hurt*.

Os Intocáveis (Domingo, 23.30, SIC)

A desenvolta realização de *Brian De Palma* glosando o mesmo tema de uma famosa e clássica série de televisão é um dos aspectos que tornam interessante a visão deste filme, embora ele já pertença ao núme-



O cartaz de «A Desaparecida», filme de John Ford

ro daqueles que é repetido frequentemente nas várias televisões. O filme é habitado por um punhado de notáveis intérpretes (*Kevin Costner*, *Sean Connery*, *Andy Garcia*, *Robert De Niro*) recriando pela enésima vez os mesmos papéis e os mesmos tiques, embora apresentando a singularidade de o argumento e os diálogos terem sido escritos por um brilhante argumentista e também realizador, **David Mamet**.

A Desaparecida (Domingo, 23.55, RTP2)

Ethan regressa, não se sabe de onde, a casa do seu irmão, um colono que se havia instalado nos confins do deserto. Durante um ataque *comanche*, o irmão e a sua mulher são massacrados e as suas filhas raptadas. Durante anos, *Ethan* e *Martin*, os dois únicos a prosseguir as buscas, perseguem *Scar*, o chefe índio, na esperança de reencontrar as duas jovens. *Ethan* descobre o cadáver da rapariga mais velha e vem a saber que *Debbie* está viva. Ele pensa então em matá-la já que, passados estes anos, ela seria «irrecuperável». *Martin* refusa esta solução. Acabando por encontrá-la, *Debbie* pede-lhes que partam sem ela, pois recebe a crueldade de *Scar*. O reencontro acontece então e transforma-se num verdadeiro massacre. *Ethan* arranca o escalpe ao cadáver de *Scar* e conduz *Debbie* a uma família amiga, que a acolhe. Com uma fotografia fabulosa que nos devolve a paisagem magnífica de *Monument Valley* e uma maestria técnica a toda a prova, este filme de **John Ford** (se pudessemos abstrair-nos da forma como nele se reflecte, mais uma vez, a velha «questão índia») é uma das obras-primas do cineasta, até na criação de uma poderosa e impressionante galeria de retratos humanos.

Fargo

(Domingo, 01.40, TVI)

Um dos melhores filmes dos irmãos *Cohen* (*Joel* e *Ethan*), *Fargo* foi rodado nas paisagens geladas do *North Dakota* e conta-nos uma intrigante história de rapto engendrada para resolver outra situação intrincada e cujo desfecho seria... criminoso estar aqui a revelar aos potenciais espectadores. Repleto de pequenas cenas de pormenor inesquecíveis, escrito brilhantemente (sobretudo nos diálogos irresistíveis), eis um grande filme, uma grande comédia negra, baseada numa história real e a não perder



Graham Green e Val Kilmer, intérpretes principais de «Coração de Trovão», de Michael Apted



Francis McDormand é a brilhante mulher-polícia e, «Fargo», filme dos irmãos Joel e Ethan Coen

em caso algum! Interpretações fabulosas de **Francis McDormand** (a mulher-polícia grávida) e do «desajeitado» **William H. Macy**.

Céu Azul (Terça, 22.55, RTP2)

Com uma tão grande dose de pequenas histórias a cruzarem-se em frente do espectador e a desviarem as atenções daquilo que parecia ser o argumento principal, *Céu Azul* acaba por se transformar num filme que prende o espectador ao contar-lhe a história de um oficial de carreira e também cientista envolvido em decisivas experiências nucleares (o filme está situado em meados dos anos 50, um dos «picos» da chamada guerra-fria) mas também atormentado por uma vida familiar a atravessar testes cruciais. Trata-se do último filme realizado nos EUA pelo veterano cineasta britânico **Tony Richardson**, com boas interpretações de *Jessica Lange* e *Tommy Lee Jones*.

CABO & SATÉLITE

Arrancam os Mundiais '99

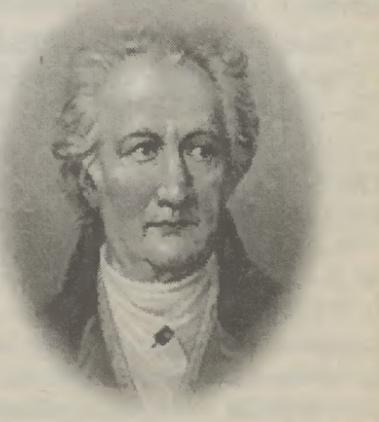
Na véspera do início de mais um **Campeonato do Mundo de Atletismo** (que este ano se realiza em Sevilha, Espanha), o canal **Eurosport** dedica hoje um programa especial sobre o evento, adiantando previsões, com base nos últimos resultados realizados pelos mais destacados atletas mundiais, entre os quais se contam, como é óbvio, **Fernanda Ribeiro**, **Carla Sacramento**, **António Pinto** ou **Rui Silva**, entre outros. (Eurosport, Quinta-feira, das 19.30 às 21.30)



Goethe, O Europeu

É sob este título genérico que o canal franco-alemão **Arte** decide comemorar o 250º aniversário do nascimento do grande poeta, dramaturgo, romancista e cientista alemão **Johann Wolfgang von Goethe**, com a segunda de duas noites temáticas. Tudo começa com uma monografia sobre **Goethe**, um documentário sobretudo biográfico realizado por **Eva Maek-Gérard** (1999, 35 min.); depois, um outro documentário de **Claude Roels** e **Henning Burk**, intitulado «**Valmy, Verdun... Goethe nos Campos de Batalha**» (1999, 45 min.) dá-nos conta das reticências do poeta acerca da Revolução Francesa e de um episódio particular da sua vida, quando, a pedido do **Grão-Duque Carlos Augusto**, acompanha, como «repórter de guerra» do seu tempo, o desenrolar da batalha

de **Valmy**; segue-se o filme «**Tarot**», de **Rudolf Thome** (1986, 1h 55 m, versão francesa), uma nova versão de «**Afinidades Electivas**», transposta para a época actual e para os meios da cultura europeia contemporânea; mais um documentário continua a *soirée* temática, «**Goethe no Teatro**» (1999, 40 min.), debruçando-se sobre diversas versões teatrais inspiradas em obras de **Goethe** e postas em cena um pouco por todo o mundo; para tudo acabar com um outro documentário - «**A Literatura Como Meio de Sobrevivência**» (1999, 44 min.) no qual dois escritores, **Jorge Semprun** e **Nico Rost**, contam como a leitura de **Goethe** os ajudou a superar a barbárie dos campos nazis. (Arte, Quinta-feira, das 19.45 às 00.30)

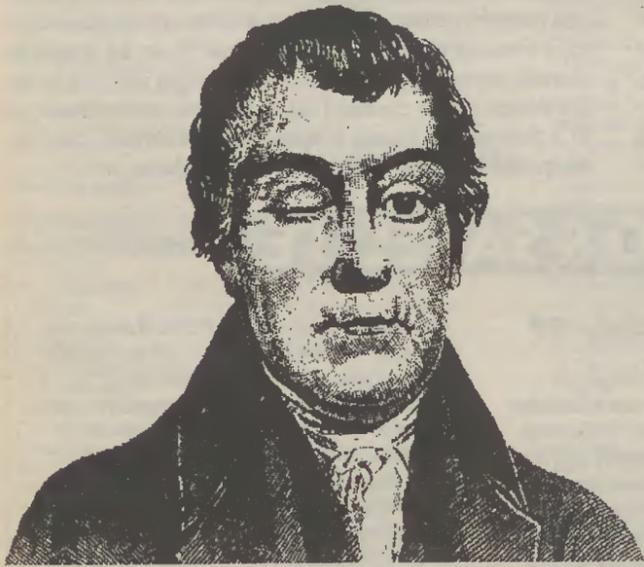


Soma e segue!

Já por várias vezes aqui nos temos referido à indecorosa invasão da publicidade nas emissões de todos os canais, uma realidade que, contrariando de forma provocatória e com o maior dos desplantes as próprias disposições legais, não cessa de também reflectir a inconsciência com que se estropia todo e qualquer programa, não olhando às minutas obrigatórias, retalhando-os em postas quase tão grandes quanto as postas dos ecrãs da dita publicidade e nem sequer olhando à preservação da unidade estética e artística que pelo menos os programas de maior qualidade deveriam respeitar.

O mais escandaloso, porém, é quando nos querem impingir «gato por lebre», ou seja, quando tal ou tal produtora mais espertalhona vende

às televisões determinados produtos televisivos que funcionam muito mais pelo espalhamento e pelo barulho visual e auditivo da sua aparência exterior do que pela verdadeira qualidade do seu conteúdo — coisa ainda mais grave quando o crime em questão é cometido em pleno serviço público de televisão e, por maioria de razões, naquele «canal de referência» que, ano após ano, governo após governo, administração após administração, nos querem convencer que deve passar a ser a RTP 2!



Vem isto a propósito de um produto televisivo abjecto e inqualificável que vem passando com alguma regularidade (até às vezes diária!) neste mesmo canal, como se fosse a coisa mais importante deste mundo ou, então (pior ainda!) como se sobretudo servisse para tapar buracos, às vezes transmitido em duas doses diárias, por volta da hora de jantar e, para os mais madrugadores, antes de ir para a cama.

Chama-se a isto «Meia de Música» e — há que dizê-lo sem ter receio das palavras — consubstancia uma verdadeira fraude cultural sob todos os aspectos, já que, a pretexto de «divulgar» alguns dos nomes ditos mais famosos e badalados da música pop, mais não é do que uma sucessão de video-clips prontos a servir, evidentemente produzidos em moldes e doses industriais e impingidos pelas grandes editoras discográficas, na sua estratégia de promoção, globalização e estandarização do gosto musical.

É esta «coisa» produzida por uma tal Sigma 3, naturalmente uma produtora externa, sacando por interposta RTP o dinheirinho que o Governo, por sua vez, retira ao bolso do contribuinte para financiá-la. Mas uma coisa atamancada, como se costuma dizer, «com os pés»: uma sucessão de vídeos desenlatados e colados uns após os outros a fingir um azougado trabalho de «pós-produção», um genérico para encher o olho, uma única locução pernóstica e espevitada no início e no final do «programa» e a inserção, entre os blocos correspondentes aos grupos, de

legendas de fino recorte literário e analítico, do género: «ora aí está uma menina que canta e encanta. Sharleen Spiteri, a vocalista dos "Texas", está de volta juntamente com toda a banda para

mais um disco de sucesso. "The Hush" é o mais recente trabalho de originais da banda, considerado pela própria vocalista e pela crítica em geral (!?) como o melhor da carreira destes escoceses.»

Perceberam?

Mais ainda, como se já não fosse preciso sequer simular qualquer esboço de pudor, a tal produtora externa comete uma objectiva provocação ao espectador ao inserir, com o maior dos desplantes, de forma sorrateira, no genérico final, os nomes das editoras que fornecem os video-clips... mas utilizando expressões como «vídeos gentilmente cedidos por...».

Entenderam?

E quem é que «gentilmente cede» aqueles vídeos? Grandes multinacionais como a Universal, a EMI, a BMG, a Warner — como se costuma dizer, é um «fartar vilanagem»! Ou seja, poupando na publicidade paga, estas e outras

empresas usufruem de um espaço televisivo de borla, às vezes até no «horário nobre», e com uma duração (aproximadamente trinta minutos!) que lhes custaria os olhos da cara, se fossem a pagar pela tabela da RTC.

Entretanto, como toda a gente pode constatar, foram afastados dos ecrãs da RTP e são hoje completamente inexistentes quaisquer programas culturais dignos desse nome sobre qualquer género musical — já que estamos a falar desta área — e, mais ainda, dezenas e dezenas de profissionais da mesma RTP estão desactivados, objectivamente colocados «na prateleira» ou com a perspectiva sinistra de serem reformados antecipadamente, enquanto os meios de produção da empresa continuam completamente subaproveitados pela estratégia de entregar a produção e a execução de programas a meia dúzia de privilegiados produtores externos.

E tu, leitor, continuas paulatinamente a fingir que não vez tudo isto?!

TVISTO

■ Francisco Costa

A pouca vergonha

Neste Verão, em vésperas de legislativas, o despique verbal entre o PS e o PSD caiu ao mais baixo nível do insulto e receia-se que possa entrar, a todo o momento, pelo caminho das obscenidades.

É uma pouca vergonha que atinge toda a vida política, desprestigia as instituições democráticas e só pode acentuar as fortes tendências abstencionistas que se têm manifestado nas últimas consultas populares.

Este teatro verbal é tanto mais pernicioso quanto se percebe que é a mera expressão da encarniçada luta pelo poder entre dois partidos (melhor se diria: entre duas clientelas) igualmente comprometidos com os interesses do grande capital, defendendo no essencial as mesmas políticas e que têm estado juntos e amigos nas revisões da Constituição, na integração europeia e suas reformas, até nos Orçamentos do Estado, em todas as questões graves que mais tem afectado a vida nacional.

O que se passa hoje no País já lembra o que Guerra Junqueiro dizia dos dois partidos monárquicos que se revezavam no poder, no final do século passado: «iguais um ao outro como as duas metades dum mesmo zero, e não se amalgamando e fundindo, apesar disso, pela razão que alguém deu no parlamento - de não caberem todos de uma vez na mesma sala de jantar».

O episódio em que o desbocado Jardim mimoseou o primeiro ministro, António Guterres, com o epíteto de «mafioso» e em que chamou ao PS «uma organização mafiosa», é paradigmático deste estado de coisas especialmente por ter acontecido na presença do novo líder do PSD, Durão Barroso, e ter recebido os aplausos deste.

As reacções que os insultos de Jardim suscitaram da parte do PS não são menos significativas. Apesar dos melífluos apelos à moderação da parte do secretário geral, diferentes estruturas deste partido saltaram a terreiro para apelidarem o presidente do Governo Regional da Madeira de «caso do foro psiquiátrico» e de «padrinho da Mafía» de «estatura moral rasteira» e por aí fora.

O «pitoresco» desta linguagem tem continuado com o Presidente da Câmara de Gaia a chamar «nova pida» à Procuradoria Geral da República, quando veio a público que esta lhe instaurara um processo crime por causa de negócios com «viagens-fantasma» que teria feito há dez anos atrás, quando era deputado. Esta matéria da viagens dos deputados tem sido também terreno para uma intensa troca de «galhardetes» entre Barroso e Guterres, com o primeiro a dizer que o segundo é «cobarde» e este alegando que o seu acusador é «um gerador do caos».

Há muita coisa podre na nossa democracia e não se julgue que não há forças antidemocráticas prontas a explorar em proveito próprio tanta podridão. Foi assim que os fascistas criaram durante a 1ª República a expressão «a porca da política», para a denegrirem toda a acção política, afastar dela participação popular e ficarem eles fascistas com o monopólio de fazerem política... em ditadura.

O traço, no entanto, mais preocupante do presente espectáculo da política nacio-

nal são as tentativas desses meios antidemocráticos, mas também dos partidos da alternância governamental e da grande comunicação social para, em relação à podridão que alastra em diferentes domínios, tentar meter tudo (isto é, todos os demais partidos) no mesmo saco. É o que se está a passar com a decantada e grave questão das «viagens dos deputados».

Saliente-se, antes de tudo, que, numa questão da maior importância para as instituições democráticas, é por de mais estranho que uma dúzia de anos passados sobre os factos suspeitos de irregularidade ou de crime a justiça ainda não tenha conseguido separar o trigo do joio e determinar quem tem culpas e quem as não tem.

Esta circunstância está a favorecer os ataques à instituição parlamentar no seu conjunto e aos deputados de todos os partidos, incluindo aos do PCP que nunca usaram as viagens da Assembleia para qualquer benefi-

cio pessoal ou familiar e sempre repudiaram práticas violadoras da lei e da moral.

A lista que o «Independente» se apres-

sou a publicar, e de que outra imprensa, rádios e televisões se fizeram eco, logo que houve conhecimento da incriminação do dirigente do PSD, Luís Filipe de Menezes, e como que a desculpá-lo, é um exemplo dessa exploração arditamente manipuladora. Pois, tratando-se da lista de todos os deputados que fizeram viagens ao serviço da Assembleia com montante superior a 350 contos, deixou na opinião pública a

VARIANTES

■ Carlos Brito



falsa ideia de que todos aqueles seriam, pelo menos, suspeitos.

Cabe, então, com toda a urgência, à Procuradoria Geral da República apurar, se ainda não o fez, e restabelecer a verdade, não só em relação ao primeiro ministro, mas em relação a todos aqueles que foram injustamente salpicados pela suspeita.

«Quem não deve não teme», disse Carlos Carvalhas, a propósito.

A pouca vergonha tem os seus culpados que é preciso revelar, tanto no despique verbal que emporcalha a vida política, como na questão das viagens dos deputados que fere o prestígio da Assembleia da República.

ESCAPARATE

MÚSICA TRADICIONAL

«Viva a Rua», em Évora

Integrados no conjunto de realizações culturais e artísticas subordinadas ao tema «Viva a Rua» que, nestes meses de Julho e Agosto, vêm animando as ruas e praças da cidade de Évora, realizar-se-ão no próximo fim-de-semana alargado de sexta, sábado e domingo (20, 21 e 22) espectáculos de Música Tradicional Portuguesa. Por exemplo, já amanhã, às 22 horas, na Praça do Giraldo, actuará o grupo Ronda dos Quatro Caminhos; no sábado, o destaque vai para três espectáculos com Elisa Hoffman, às 11 horas, no Parque Infantil, o Trimagisto (Teatro Infantil) no Bairro do Bacêlo, às 18 horas, e o grupo Realejo às 22 horas na praça Giraldo; finalmente, no domingo às 22 horas, de novo na Praça do Giraldo, actuará o grupo Balada do Atlântico, dos Açores



BAILADO

Noites de Bailado em Seteais

Prosseguem até 29 de Agosto as «Noites de Bailado» em Seteais. Nas noites de 20 e 21, nos jardins do Hotel-Palácio de Seteais, actuará a Compagnia Fabula Saltica (do Teatro Rovigo, Itália), com um programa constituído pelos seguintes bailados: «Entre Dos Aguas», com música de Paco de Lucia e Simon Rogers e coreografia de Robert North; «Eclipse», com música de Gene Lester e coreo-



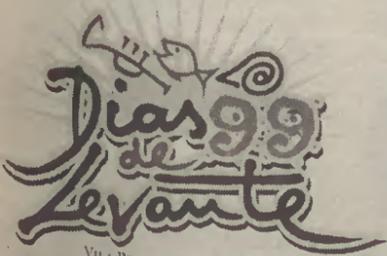
grafia de Robert Cohan; «Annunziazione», com música de Howard Blake e coreografia de Robert North; e «Italian Songs», sobre música popular italiana e com coreografia de Robert North.

FESTAS

Um pouco por todo o país

Continuando a dar conta de festas populares que se realizam em vários pontos do país, se está de férias no Algarve para os lados de Vila Real de Santo António, poderá participar dos festejos de vária índole que preenchem os «Dias do Levante '99» que ainda abrangem a Vila de Cacela e Montegordo. Entre várias realizações, destacamos: Festivais como o da Ostra, na Zona Poente do Casino (Montegordo), no qual participarão, nos dias 20, 21 e 22, respectivamente, o Grupo Folclórico da Associação Cultural de VRSA, o Grupo Vide Versus e o grupo da Escola de Sevilhanas Gracia Diaz. Também o Festival «Sete Sóis, Sete Luas» terá dois espectáculos no dia 20, com o grupo Bizantina (Itália) na Praça Marquês de Pombal e o grupo Bendo (Eslováquia) na Zona Poente do Casino em Montegordo. Além disso, decorrerão em Cacela Velha, nos dias 19, 20 e 21 de Agosto, as Festas de Nossa S^a. da Assunção.

Também no Seixal, os meses de Verão conhecem grande animação de rua, realizando-se simultaneamente seis festas em todo o Concelho, a saber: as de Seixal, Arrentela, Fernão Ferro, Paio Pires, Amora e Corroios. Segundo a informação geral sobre estas festas, «haverá grandes noites de canções e de música, com artistas bem amados e conhecidos, como haverá bailes, garraiadas, festivais internacionais de folclore, teatro, gastronomia, exposições, artesanato, "stands", cafés e tantos espaços abertos ao encontro e à comunicação entre todos». Informe-se!



Festival dos Oceanos

Depois da Expo '98, Lisboa volta a estar no centro das atenções nesta época do ano em que os turistas em tão grande número nos procuram ou em que os alfacinhas que já vieram de férias ou aqueles que ainda não foram certamente procuram forma de se distrair da labuta diária, aproveitando o tempo ameno deste Verão temperado. É que, tendo começado no passado Sábado 14 e continuando por toda esta semana e seguinte até 29, está em plena ebulição o chamado «Festival dos Oceanos 99», mais uma forma de celebrar os oceanos, agora nas vésperas da passagem do milénio, promovida, entre outras, pela Câmara Municipal de Lisboa, Secretaria de Estado do Turismo, Ministério da Economia e Sociedade «Parque das Nações». O programa é extremamente variado e divide-se em três secções fundamentais: uma série de três espectáculos únicos em cada um dos sábados do festival; duas séries de espectáculos que acompanham todo o evento; e, finalmente, uma série de acontecimentos e exposições que têm um tema a uni-los - «Lisboa Marítima».

No primeiro caso, «Céu Sobre Lisboa» é o espectáculo que se realizará no Terreiro do Paço no próximo sábado e que, segundo o texto de apresentação do festival, «a celebração da natureza é protagonizada pelos seus Elementos: o Ar, a Água, o Vento, a Terra, a Luz. Tudo acontece no céu e sobre as fachadas dos edifícios. Pirotecnia, máquinas de fogo, carros móveis passando entre o público, compondo um concerto para os Elementos.»

No segundo caso, prossegue a série de espectáculos «Noites de Viagem» e «Lisboa (Re)visitada», sendo que, por exemplo nesta última, a «Lisboa de Fernando Pessoa, de José Saramago,



a Lisboa Cidade de Exílio, são três itinerários correspondentes a três outras formas de viver a cidade.»

No terceiro caso, estão centradas algumas das iniciativas aparentemente menos espectaculares mas não menos interessantes de todo este evento, como as exposições englobadas na temática «Lisboa Marítima», vendas de produtos ligados ao mar, simulações de navegação, exposições de pintura, de cerâmica ou de modelos de embarcações, com as visitas à Fragata D. Fernando II e Glória no fulcro das atenções. Mas também todas as actividades ligadas ao Rio Tejo tiveram já início com um «Encontro Nacional de Embarcações Tradicionais de Pesca» e prosseguirão com as iniciativas «Cais Vivo», o Festival das Mil Velas» (já neste fim de semana) e, a terminar o festival, uma série de competições e regatas.

Isto sem contar com a animação de jardins e praças da capital, as actividades ligadas aos museus, ou os espectáculos musicais um pouco por todo o lado e, em particular, na Praça Sony, por exemplo com a série de espectáculos «Vozes do Céu». Enfim, um festival para todos os gostos, com entrada gratuita em todas as iniciativas e cujo programa e informações gerais podem ser pedidos no Átrio Saldanha, Pr. Duque de Saldanha, 3^o, Piso N ou consultando na Internet o excelente site do Festival, em <http://www.lisboafestivaldosocenos99.viatecla.pt/main.htm>.

MÚSICA CLÁSSICA

Capuchos e Moita

Prosseguem as realizações musicais do Festival dos Capuchos deste ano, sendo de destacar para os próximos dias dois concertos com uma programação singular. Em primeiro lugar, já na sexta-feira 20, no Convento dos Capuchos (Caparica), às 21.30, o mote será «Divertimento Barroco». «Uma cantora declamará cantando, um actor cantará a língua portuguesa, uma flautista imitará o canto, um violinista será Baco, um cravista tentará o impossível e um gambista dará voz a alguns sentimentos fúnebres e sombrios que a voz humana cala.». Assim, Inês Calazans (soprano), Francisco Nascimento (narrador), Amélie Michel (flauta transversa), Álvaro Pinto (violino), Peter Krivda (viola da gamba) e Marcos Magalhães (cravo) tocarão repertório de música francesa dos séc. XVII e XVIII baseado em obras vocais e instrumentais como, entre outras, as cantatas «Arion», de A. Campra, «Médéc» ou «Arianne et



Bacchus», de N. Clérambault, em contraponto com peças instrumentais de Marais, Hotteterre, Rameau e Lully. No dia seguinte, no mesmo local e à mesma hora, será a vez do espectáculo «Feu Sacré», no qual viveremos os reflexos das alegrias, angústias e conflitos de uma paixão amorosa (a de Georges Sand por Frederic Chopin e vice-versa), num espectáculo literário e musical concebido por Bruno Villien e no qual ouviremos prelúdios, mazurkas, nocturnos, fantasias, scherzos, do grande compositor polaco. Participação de Macha Méril (actriz), Jean-Marc Luisada (piano), com encenação de Simone Benmussa.

Mas nem só de badalados festivais se faz o nosso Verão musical.

Assim, por exemplo, na Moita, no âmbito da programação cultural promovida pela Câmara Municipal daquela cidade, o Quinteto de Sopros «Solistas de Lisboa» dará no próximo sábado 21, às 22 horas, na Sala Maestro Lopes-Graça, um recital preenchido com Música de Câmara Portuguesa do Séc. XX.

A TALHE DE FOICE

Boas... o quê?

Os EUA anunciaram na passada sexta-feira a doação de um milhão de dólares para um programa de reabilitação dos hospitais iraquianos. A medida, a concretizar-se – nos tempos que correm é cada vez maior a distância que medeia entre as alegadas intenções e a sua concretização –, está longe de poder ser entendida como um acto humanitário. De facto, trata-se mais de uma manifestação da má consciência que pesa sobre a Casa Branca e da necessidade premente de tentar lavar com um punhado de dinheiro as mãos sujas de sangue da administração norte-americana.

O súbito interesse de Washington em reabilitar os hospitais iraquianos surgiu no dia seguinte à divulgação de um relatório da Unicef em que se revela que a mortalidade infantil no Iraque duplicou nos últimos oito anos, ou seja, desde a imposição do embargo em 1991. Dito de outro modo, e de acordo com os resultados do estudo, se se tivesse mantido a taxa de mortalidade registada durante os anos oitenta, 500.000 crianças teriam sobrevivido.

Meio milhão de crianças mortas em oito anos de embargo em nome dos direitos humanos é um número brutal para um «efeito colateral».

Meio milhão de vidas ceifadas por carência dos meios mais elementares, que existem mas a que os iraquianos não têm acesso porque as potências ocidentais o impedem, é sem dúvida uma forma de genocídio impossível de escamotear.

Bem podem os novos humanistas deste fim de século clamar que a culpa é de Saddam Hussein e do seu regime, que os factos não deixam de provar a imensa responsabilidade da chamada comunidade internacional na tragédia humanitária que se vive no Iraque. O relatório da Unicef revela que, mesmo na zona curda controlada pela ONU (no Norte do país), onde o aumento da mortalidade infantil é ligeiramente inferior ao registado no resto do território, o número de crianças menores de cinco anos que não conseguem sobreviver aumentou nos últimos anos: 90 em cada 1000 nados vivos morre, mais 10 do que em 1990.

Embaraçadas com estes dados, as autoridades de Londres e Washington apressaram-se a sacudir a água do capote, com tal despudor que não hesitaram em esgrimir o aumento da mortalidade infantil no Norte como argumento contra Bagdad. Morre o dobro das crianças desde o início do embargo, mas do lado da ONU morre-se um bocadinho menos... Fraca consolação para tanto fervor humanitário.

Entretanto, continua a guerra que oficialmente acabou há oito anos. Longe das operações mediáticas, britânicos e norte-americanos prosseguem de forma metódica o bombardeamento do Iraque. Nos últimos oito meses, ou seja desde o anunciado «fim» da operação americano-britânica «Raposas do Deserto», em 17 de Dezembro de 1998, foram lançados mais de 1.100 mísseis contra 359 objectivos. O que significa mais destruição e mais mortes.

A opinião pública não é chamada a pronunciar-se sobre estes acontecimentos. Não há reportagens sobre o drama iraquiano, as imagens das crianças mortas não fazem manchetes, o aumento das doenças cancerígenas e das mal-formações dos nados-vivos provocadas pelas radiações de urânio não passam dos relatórios especializados. A ONU está assoberbada com o Kosovo. Os sentimentos humanitários esgotaram-se nos campos de refugiados da Albânia. A crítica foi de férias.

Até que os sinos da aldeia global voltem a tocar a rebate para uma qualquer outra cruzada inventada pela NATO.

E depois ainda nos vêm dizer que estamos em boas mãos.

■ Anabela Fino

Seriedade e transparência marcam acção do PCP

A propósito das insinuações divulgadas na sexta-feira passada sobre viagens de deputados, o Gabinete de Imprensa do PCP emitiu o seguinte comunicado:

«O PCP pauta a sua actividade por uma postura de seriedade e transparência e interveio e intervém para que essa conduta seja critério de actuação de todos os titulares de cargos públicos.

«É baseado nesta sua posição e prática de sempre que o PCP rejeita as graves insinuações, hoje adiantadas em órgãos de comunicação social, que procuram envolver três deputados do PCP no escândalo das «viagens fantasma», numa operação que, metendo todos no «mesmo saco», só pode visar a desculpabilização daqueles que tenham

tido comportamentos fraudulentos.

«Não é aceitável que se confunda o valor das despesas em deslocações no âmbito da Assembleia da República, decorrentes do tipo de responsabilidades e atribuições que no período em análise tinham os deputados, com a presunção de que isso significasse quaisquer práticas fraudulentas, e que se considerem suspeitos deputados só porque as suas funções na altura exigiam mais deslocações, designadamente ao estrangeiro.

«Os deputados do PCP estão de consciência tranquila e recla-

mam que se investigue com urgência e até ao fim tudo o que há a apurar.»

Impõe-se rapidez

A reforçar esta posição, na segunda-feira Vítor Dias, membro da Comissão Política do PCP, declarou que «o PCP enfrenta esta problemática com total tranquilidade», pelo que «não se oporá à aprovação de um inquérito parlamentar mas também não vê razões para o votar favoravelmente».

Com efeito, para o dirigente comunista, «importa sublinhar que a aprovação de uma tal comissão de inquérito exigiria a convocação do plenário da Assembleia da República e que

os trabalhos dessa Comissão teriam de estar concluídos, por razões óbvias, até 10 de Outubro.»

É também de anotar, diz Vítor Dias, «que os casos em que já foi feita a dedução de acusação não poderiam ser abrangidos por este inquérito parlamentar, o que criaria uma situação muito anómala e de patente desigualdade».

Entretanto, o que importa sobretudo referir é que, «com esta proposta de inquérito parlamentar, seriam os deputados a ajuizar em causa própria, parecendo mais curial que as investigações ou processos em curso na Procuradoria-Geral da República tenham a rápida tramitação que se impõe».

CGTP-IN enuncia acções para combater emprego precário

Regista-se um forte agravamento da precariedade do emprego no nosso País. A confirmá-lo estão os mais 66 mil trabalhadores com contratos não permanentes registados no 2.º trimestre de 1999, comparativamente ao 2.º trimestre de 1998, o que representa uma alteração entre aquele período de 16,9 por cento para 18,7 por cento. O alerta foi dado pela CGTP-IN, terça-feira, em conferência de imprensa, no decorrer da qual apresentou um conjunto de medidas dirigidas prioritariamente para o combate à precariedade e à promoção da estabilidade no trabalho.

Para a central sindical, os

dados recentemente divulgados do Inquérito ao Emprego realizado pelo INE não deixam margem para dúvidas e vêm confirmar não apenas um elevado volume de empregos não permanentes como um acentuado agravamento da precariedade do emprego nos últimos anos.

São disso testemunho os 626 mil trabalhadores que no segundo trimestre deste ano tinham contratos não permanentes, 444 mil dos quais com contratos a prazo, 47,1 mil com contratos de prestação de serviços, 51 mil com trabalho sazonal e 85 mil com trabalho pontual ou ocasional.

Preocupante, para a CGTP-IN, é ainda o facto de a maioria dos empregos criados serem contratos não permanentes, isto não obstante, observa, «o País se manter num ciclo de crescimento económico, após a crise do início dos anos 90». Num tal contexto económico, afirma em comunicado, seria de esperar que «houvesse uma maior estabilidade de emprego e não um acentuar da precariedade».

O respeito pela lei, o que exige modificações profundas aos níveis da fiscalização, do sancionamento (Inspecção de Trabalho) e do funcionamento dos Tribunais de Trabalho, constitui, entre-

tanto uma das medidas prioritárias preconizadas pela CGTP-IN, para quem urge, simultaneamente, proceder ao combate ao trabalho não declarado e ao trabalho ilegal.

A moralização dos contratos a prazo, a regularização da situação dos trabalhadores com os falsos recibos verdes, a moralização do trabalho temporário e do emprego a tempo parcial e ainda o pleno respeito pelos direitos laborais e sociais dos trabalhadores, constituem outras tantas medidas exigidas pela CGTP-IN com vista a combater a precariedade e a promover a estabilidade no trabalho.

CDU formaliza candidatura por Aveiro

A CDU foi a primeira força política a formalizar uma candidatura às legislativas, ao entregar terça-feira a sua lista pelo círculo eleitoral de Aveiro. O dossier com a candidatura foi depositado no tribunal de Aveiro por uma delegação que incluiu o cabeça de lista, Joaquim Almeida, Joel Vasconcelos, em representação da Juventude CDU, e o mandatário distrital, António Salavessa.

Referindo-se ao significado desta entrega da lista em primeiro lugar, numa breve intervenção a que assistiram vários órgãos de comunicação social, Joaquim Almeida sublinhou que ela traduz não apenas a ausência de problemas na sua elaboração, como também o facto de integrar pessoas que «intervêm na vida política e social sem dela esperarem benesses, nem benefícios particulares».

Comparada com a anterior, a lista da CDU às próximas legislativas apresenta-se ainda rejuvenescida, renovada, e com acréscimo de candidatos jovens e de mulheres, destacou Joaquim Almeida, antes de salientar que os seus elementos, abrangendo várias actividades e de diversos concelhos do distrito, têm em comum uma estreita «ligação à vida e aos problemas dos trabalha-

dores e das populações». Tal facto, sublinhou, é um garante de que «quer os problemas quer os anseios dos eleitores do distrito terão nestes candidatos um tratamento sério, conhecedor e objectivo».

O prazo para entrega das listas de deputados às legislativas de 10 de Outubro termina dia 30 de Agosto, decorrendo a campanha eleitoral entre 26 de Setembro e 8 de Outubro.

Melhorar a água em Leiria

O cabeça de lista da CDU às próximas legislativas em Leiria, Rogério Raimundo, defendeu a elaboração de um «plano de emergência» que permita a despoluição de todos os cursos de água poluídos no distrito. O candidato defende a construção de estações de tratamento de águas residuais (ETAR) em número suficiente que garanta o tratamento dos esgotos domésticos e industriais. Este projecto, calcula, implicará um investimento de mais de 20 milhões de contos.

Actualmente a desenvolver contactos com as câmaras municipais do distrito, em ordem a proceder ao levantamento das necessidades de

cada concelho em matéria de tratamento das águas residuais, o candidato da CDU compromete-se, caso seja eleito, a apresentar no Parlamento um plano concreto de investimento nesta área.

«O nosso distrito tem de saber potenciar a água que possui, como vector estratégico», afirmou Rogé-

rio Raimundo, para quem «a água tem de passar a correr cristalina» na Ribeira de São Domingos, nos rios Real, Arelho, Salir, Tornada, Alcoa, Baça, Lena, Lis, Arunca e Nabão, ao mesmo tempo que a Lagoa de Óbidos e a Baía de São Martinho do Porto «têm de voltar a estar ecológicamente equilibradas».

Informação na rua

Começou, no fim de semana passado, a difusão nacional do primeiro folheto de informação da CDU sobre as próximas eleições legislativas.

Com desenvolvidos elementos sobre a actividade parlamentar nos últimos quatro anos, o folheto demonstra que a «CDU cumpriu» e que «os deputados eleitos pela CDU foram os que mais trabalharam».

Ao mesmo tempo, é fornecida a identificação, com foto, de 21 cabeças de lista da CDU já publicamente apresentados e, para reflexão dos portugueses, são adiantados alguns dos elementos fundamentais da argumentação da CDU quanto ao

sentido e implicações do voto nas próximas eleições.

Sendo certo, segundo algumas das ideias avançadas, que não existe qualquer «perigo do regresso da direita ao Governo», também é verdade que «seria desastroso que o PS ficasse com o poder absoluto». Assim, «mais votos e mais deputados para a CDU será a única novidade que pode fazer mexer as coisas e ajudar a mudar para melhor, pela esquerda».

